



A FÁBRICA
DA VISTA ALEGRE

O LIVRO
biblioteca
DO SEU CENTENÁRIO

1824-1924



A FABRICA
DA VISTA ALLEGRE

bibRIA

OFERTA



UNIVERSIDADE DE AVEIRO
SERVIÇOS DE DOCUMENTAÇÃO

A FÁBRICA DA VISTA ALEGRE



O LIVRO DO SEU
CENTENÁRIO
1824-1924

DÊSTE LIVRO DO CENTENÁRIO DA FÁ-
BRICA DA VISTA ALEGRE FEZ-SE UMA
TIRAGEM ESPECIAL DE 200 EXEMPLARES
EM PAPEL LEORNE, NUMERADOS E RU-
BRICADOS, COM AS GRAVURAS IMPRES-
SAS EM PAPEL *COUCHÉ* E COLADAS NO
PAPEL DO TEXTO.



bibRIA

A FÁBRICA DE PORCELANA
DA
VISTA ALEGRE

DEDICA ÊSTE TRABALHO:

Á MEMÓRIA DO SEU FUNDADOR
E DOS EXTINTOS CONTINUADORES DA SUA OBRA;

Á MEMÓRIA DE EL-REI D. FERNANDO

—O REI ARTISTA,

E DE JOSÉ ESTÊVÃO, QUE MUITO A PROTEGERAM;

AOS SEUS CONSUMIDORES

E AO PÚBLICO EM GERAL, QUE DURANTE UM SÉCULO

A TEM AUXILIADO;

AO PESSOAL DA FÁBRICA QUE DESDE 1824 ATÉ HOJE

TEM SIDO SEU COLABORADOR.

bibRIA

Uma explicação



STA publicação não tem qualquer pretensão a trabalho literário, histórico ou técnico.

É apenas uma obra de divulgação do que tem sido e do que é a VISTA ALEGRE.

Este estabelecimento industrial, funcionando há 100 anos, já vai tendo uma história, e é uma resenha sumária dos factos mais interessantes dessa história, e das várias notícias que a seu respeito se tem publicado, que nos propusemos compilar neste trabalho.

É mais do que tudo uma consagração e uma homenagem à memória do seu ilustre Fundador, José Ferreira Pinto Basto, prestada pelos seus descendentes na data festiva em que a Fábrica completa o seu centenário.

Orgulham-se êsses descendentes de ter conservado na posse da família, e de ter mantido em laboração ininterruptamente durante um século, o estabelecimento fabril que o seu antepassado com tanto entusiasmo fundou.

Como dever de honra impunha-se-lhes como principal acto comemorativo da celebração do Centenário, a modernização e a ampliação das suas instalações, imprimindo também todo o progresso

A FÁBRICA DA VISTA ALEGRE

possível ao seu fabrico. É o que desde 1921 têm procurado realizar, para que pelo menos grande parte do programa de reconstituição da Fábrica se ache terminada na data do Centenário.

Esta homenagem é a mais elevada que os seus descendentes lhe podem dedicar, visto constituir o engrandecimento e o aperfeiçoamento da sua obra.

Desejando também fazer uma pública demonstração do que tem sido a longa vida industrial e artística da VISTA ALEGRE, propôs-se esta Sociedade promover uma EXPOSIÇÃO retrospectiva dos produtos da sua Fábrica, reunindo os objectos mais notáveis do seu Museu, dos do Estado, cuja obtenção fôsse possível conseguir, e dos que estivessem na posse de particulares, que obsequiosamente se prestassem a auxiliar êsse empreendimento.

Por amável aquiescência do ilustre Director do Museu de Arte Antiga, o Ex.^{mo} Sr. Dr. José de Figueiredo, que se dignou secundar essa iniciativa, a referida Exposição realiza-se naquele próprio Museu, cujo ambiente de arte fará realçar a solenidade dêsse concurso artístico.

Como testemunho do benévolo acolhimento que essa iniciativa mereceu da nossa *elite* intelectual e artística, devemos registar a boa vontade com que desde logo aceitaram fazer parte da Comissão organizadora, sob cujo patrocínio a Exposição se realizará, os Ex.^{mos} Srs.:

Presidente — Joaquim de Vasconcelos, Director do Museu Industrial do Porto.

Vice-presidente — Dr. José de Figueiredo, Director do Museu de Arte Antiga.

Vogais — Dr. Afonso Lopes Vieira, Vogal do Conselho Director dos Amigos do Museu; António Augusto Gonçalves, Director do Museu

O LIVRO DO SEU CENTENÁRIO

Machado Castro; António Teixeira Lopes, Professor de Escultura da Escola de Belas Artes do Pôrto; Columbano Bordalo Pinheiro, Director do Museu de Arte Contemporânea; Dr. Egas Moniz, Médico; Dr. João Barreira, Professor da Escola de Belas Artes; José Vital Branco Malhõa, Pintor de Arte; D. José Pessanha, Professor da Escola de Belas Artes de Lisboa; Luciano Freire, Vice-presidente do Conselho de Arte e Arqueologia; Marques Gomes, Publicista; Dr. Reynaldo dos Santos, Presidente da Associação dos Amigos do Museu.

Se porém a acção desta Sociedade se limitasse apenas à Exposição, depois do encerramento desta, nada restaria das homenagens prestadas.

Por isso julgou do seu dever também, junto da Fábrica perpetuar a sua gratidão e respeito pela veneranda memória do seu Fundador, erigindo-lhe um MONUMENTO singelo, mas sugestivo desses sentimentos, e, por ocasião da Exposição, publicar este LIVRO DO CENTENÁRIO, com um CATÁLOGO dos objectos expostos, como documento consagrado à benemérita e saúdosa personalidade que foi José Ferreira Pinto Basto, e de divulgação da história da VISTA ALEGRE, e do seu actual desenvolvimento.

Não estranhe, pois, o público o aspecto um tanto particularista dêste trabalho.

É principalmente uma manifestação de família dedicada a um antepassado, cujo nome constitui para os actuais proprietários da Fábrica uma gloriosa herança, e cuja memória é para eles objecto da maior veneração e acatamento.

Com esta explicação o público relevará a carência de interesse que apresenta a parte dêste trabalho organizada pela Fábrica, para cuja elaboração se lutou com grandes dificuldades, visto não se ter ali encontrado quaisquer documentos, nem sequer quaisquer livros, ou

A FÁBRICA DA VISTA ALEGRE

papéis, da escrituração, pelos quais se podesse obter esclarecimentos sobre o passado da VISTA ALEGRE.

Em Apêndice, coleccionou-se nesta Memória alguns artigos expressamente escritos e oferecidos por vários Amigos e Escritores.

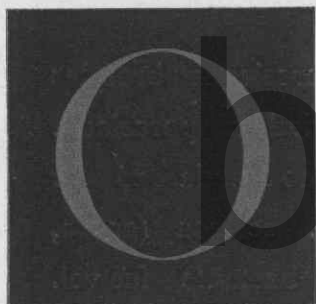
Aos seus autores o nosso reconhecimento pela sua amável colaboração. Ao Ex.^{mo} Sr. Dr. José de Figueiredo, que se dignou prefaciá-lo o Catálogo da nossa Exposição, muito especialmente, aqui deixamos registado o nosso veemente agradecimento.

Lisboa, 1 de Maio de 1924.

A SOCIEDADE DA FÁBRICA DE PORCELANA
DA VISTA ALEGRE, L.^{DA}



Importância dos produtos ce- râmicos e em especial da porcelana



Seus produtos da cerâmica constituíram, desde a mais remota antiguidade, uma das mais expressivas fórmulas representativas do carácter e da civilização dos povos.

O fabrico dos utensílios de barro ordinário, e de formas grosseiras, evolucioneu até ao das artísticas porcelanas de barro fino e branco — o caolino — enriquecidas com a aplicação das mais belas e ricas decorações.

A plasticidade das argilas e a sua propriedade de endurecer pela cozedura, atraíram sempre a curiosidade dos homens para a constituição dos vários objectos destinados às necessidades e à decoração das suas habitações.

Êsses objectos, embora frágeis, devido à sua natureza dura e inalterável, são dos que mais perduram e melhor se conservam para testemunhar a evolução das civilizações através da história.

Pelas formas, pela utilidade, pela composição e pela decoração

A FÁBRICA DA VISTA ALEGRE

das suas louças, se pode avaliar da civilização e do nível artístico de cada nação.

Os produtos cerâmicos são com efeito aqueles a que os povos melhor imprimem a sua maneira de ser, os que mais reflectem os seus hábitos, os seus gostos, as suas necessidades, a sua vida, os que mais revelam a sua habilidade manual, o seu saber, o seu engenho artístico.

São os objectos companheiros da vida na habitação, objectos indispensáveis e acarinhados.

Mas se assim se devem considerar os produtos cerâmicos em geral, os da porcelana têm de ser classificados de uma forma especial.

A porcelana é a louça branca e translúcida, de pasta vitrificada, coberta de um vidrado transparente.

Confundem muitos as faianças finas e as porcelanas brandas com a porcelana dura ou chinesa, isto é, com a verdadeira porcelana.

As faianças finas são sempre opacas. A denominada *pó de pedra* (earthen ware) é constituída por uma pasta seixosa (argila, seixo e sílex) coberta de um vidrado plumbífero bastante fusível.

A *faiança dura* (também chamada «ironstone», porcelana opaca ou meia porcelana) difere daquela por ter já algum caolino na composição da pasta e ácido bórico no vidrado.

Nem uma nem outra são riscáveis pelo aço, mas os seus vidrados, devido à natureza da composição e às baixas temperaturas a que são cozidos, estalam com o calor.

Em geral sofrem uma primeira cozedura no chacote; pintam-se sobre o biscoito e aplica-se-lhes o vidro por imersão, indo a um segundo fogo, mais brando que o primeiro. Neste, as peças têm que ser separadas umas das outras por trempes de barro, chamadas «pés-de-galo», para obstar a que se colem pelo vidrado em fusão.

O LIVRO DO SEU CENTENÁRIO

As porcelanas brandas são artificiais ou naturais, ambas vitrificadas e translúcidas.

A *porcelana branda artificial*, ou a antiga porcelana francesa de Sèvres, aproxima-se mais dos vidros opacos que dos produtos cerâmicos. Foi descoberta antes da porcelana dura, quando se desejava imitar a porcelana chinesa. É uma espécie de vidro constituído por soda, cal e alguma argila; o seu vidrado é plumbífero e é aplicado por aspersão, visto que o biscoito sendo vitrificado não o pode receber por imersão. A fusibilidade dos seus materiais exige que a cozedura não seja feita a temperatura alta, resultando portanto uma porcelana branda, tanto na pasta como no vidrado. Êste é, pois, riscável pelo aço e quebradiço.

A *porcelana branda natural* ou inglesa (Chelsea ou Worcester China) é um meio termo entre a anterior e a porcelana dura.

Na sua pasta entra já o caolino, tendo também fosfato de cal (pó-de-ossos) e o sílex. É pois uma pasta fosfatada muito plástica e portanto fácil de trabalhar. O vidrado é também plumbífero. Esta porcelana é cozida a uma temperatura mais alta do que a anterior, mas ainda riscável pela lima, e o seu vidro é fendilhável com o calor. Não chega a adquirir a translucidez da porcelana artificial e da porcelana dura, porque nem a natureza da sua pasta, nem a temperatura de fusão do seu vidro, permitem alcançar uma vitrificação bastante completa.

A *porcelana dura* é por sua vez constituída por uma pasta tendo por base caolino e feldspato. O seu vidro é também feldspático, não contendo estanho ou chumbo; é duro, pouco fusível e como tal requer para se cozer a alta temperatura a que coze a massa.

A porcelana dura, quando bem cozida, deverá portanto apresentar-se bem vitrificada, muito translúcida e com o seu vidrado duro, transparente, brilhante e resistente às variações do calor.

A FÁBRICA DA VISTA ALEGRE

A porcelana dura é portanto a porcelana por excelência.

A sua indústria é uma indústria nobre, porque os seus produtos são próprios a tôdas as superiores manifestações da estética e a tôdas as criações inspiradas da arte.

Só de porcelana se podem obter objectos finos, delicados e com pinturas ricas, ora sôbre o branco da louça, ora sôbre fundos corados a grande fogo, que a transparência do vidro deixa admirar.

Mas se justamente os produtos da porcelana dura têm tôdas essas características superiores, natural é que as dificuldades da sua indústria sejam muito maiores.

A composição e a preparação da pasta e do vidro precisam ser especiais, e especiais para cada região conforme a natureza dos materiais empregados e as propriedades determinadas pelas suas análises químicas. A manufatura das peças e o seu acabamento requerem uma manipulação mais cuidada e mais difícil.

A regulação dos fornos exige um estudo mais aturado, visto que a sua cozedura, sujeita a mil precalços, é feita a temperaturas muito mais altas.

É por tôdas estas razões, e ainda pela raridade do caolino, que a indústria da porcelana não está muito generalizada e os seus centros de produção se não multiplicam como os das outras cerâmicas.

Pelo contrário, encontram-se em regiões determinadas, onde adquiriram as suas tradições e a sua história, após o sucesso das tentativas e esforços necessários para conseguir o seu funcionamento e consolidação.

Na própria China, onde a porcelana se fabrica há milhares de anos, só em algumas regiões tem florescido o seu fabrico.

Na Europa só se conseguiu fabricar porcelana em 1707, em Saxe, devido à descoberta de Böttger.

O LIVRO DO SEU CENTENÁRIO

Em França só se fabricou em 1720. Em Sèvres apenas em 1769 se produziu porcelana dura.

Conseguiu-se porém em Saxe e em Sèvres obter admiráveis porcelanas, tendo então a sua fabricação atingido o mais elevado grau de perfeição e de arte.

Não constituia uma fabricação industrializada que derramasse os seus produtos a tôdas as camadas sociais.

Tratava-se antes de escolas de arte cujos produtos eram apenas destinados aos ricos e aos potentosos. Mas não há dúvida que em alta cerâmica ainda não se excedeu o que então se fez.

Eis o quadro cronológico do aparecimento da indústria da porcelana nos diferentes países ¹:

Alemanha.....	1707
França.....	1720
Itália.....	1735
Rússia.....	1744
Suíça.....	1763
Holanda.....	1746
Inglaterra.....	1768
Dinamarca.....	1772
Portugal.....	1790 ²
Bélgica.....	1791
Polónia.....	1800
Espanha.....	1827

Como se vê, nem todos os países fabricam porcelana. Em

¹ Demmin Guide de l'amateur de Faiences et porcelaines, 1873.

² Há erro; de 1773 são as medalhas de porcelana de Bartolomeu da Costa.

A FÁBRICA DA VISTA ALEGRE

Espanha deixou de se fabricar, e portanto a VISTA ALEGRE tem sido a única fábrica de porcelana na Península.

As porcelanas duras, conforme a sua procedência, tem cada uma as suas características. Cada qual tem uma feição especial que os entendedores distinguem. Na sua essência, não se devem considerar superiores, ou inferiores. Cada uma tem o seu «quid» que as valoriza, que lhes dá uma aparência típica, caracterizada pelas vantagens e defeitos que apresentam umas em relação às outras.

Por muitos anos a porcelana dura conservou-se como uma indústria exclusivamente de arte. Só com a aplicação de modernos maquinismos pôde ser intensificada a sua produção, permitindo generalizar o seu uso, tanto relativamente à louça de aplicações domésticas, como à das aplicações industriais.

Daí o tornar-se uma indústria poderosa a da porcelana. Daí a VISTA ALEGRE ter podido desenvolver-se.

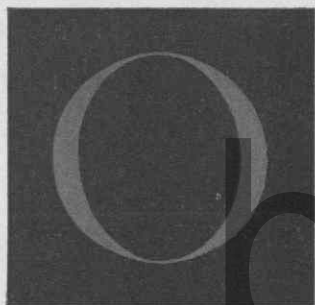
A porcelana da VISTA ALEGRE distingue-se pela brancura da sua pasta e pela transparência do seu vidrado. Aproxima-se, pela sua composição, às porcelanas da Alemanha.

A sua existência no país deve ser motivo de orgulho para Portugal. A porcelana foi sempre uma indústria de *elite*; as suas fábricas foram sempre consideradas como instituições nacionais, trabalhando sob o patrocínio dos governos e das casas reinantes.

Às fábricas de Sèvres, de Meissen, de Copenhague e à própria VISTA ALEGRE foram dados os títulos de Reais Fábricas. Em França ainda hoje os governos presenteam as altas individualidades estrangeiras com exemplares de Sèvres. É porque a porcelana, a par de um produto industrial, expressão de inúmeras dificuldades técnicas, notabiliza-se pela arte e a inspiração das suas formas e das suas decorações.

Constitui por isso a cerâmica da porcelana uma das mais notáveis artes industriais que podem honrar um país.

Origens da porcelana em Portugal



S portugueses indo encontrar na China porcelanas finas e artísticas, quando na pátria ainda a cerâmica se achava na infância, natural é que sentissem um verdadeiro deslumbramento por êsses objectos, e entusiásticamente os procurassem trazer para a Europa.

Em tôdas as casas nobres e ricas de Portugal, e até mesmo nas das classes burguesas com representantes no tráfego das Índias, ou nas frotas e exércitos do Oriente, a baixela de «porcelana da Índia» (mas proveniente da China) constituia um dos mais valiosos e acariciados elementos do património das respectivas famílias.

O conjunto de tôdas essas riquezas em porcelanas da China ainda hoje representa uma das mais importantes parcelas do património artístico português.

Tempo houve em que talvez país algum da Europa melhores porcelanas orientais possuísse do que Portugal. As naus do Oriente trouxeram para Lisboa uma aluvião de porcelanas que daqui seguiam também para Veneza e Flandres.

A FÁBRICA DA VISTA ALEGRE

Em Portugal, onde pois desde há muito se admiravam as porcelanas e se apreciava o seu uso, natural era que se pretendesse iniciar essa indústria. Faltava, porém, o caolino.

O Marquês de Pombal, com a criação da Fábrica do Rato, já desenvolvera e aperfeiçoara artisticamente a indústria de faiança, sendo para lamentar que essa fábrica infelizmente tão pouco tempo durasse.

Por essa época já experiências do fabrico de porcelanas se realizaram, mas apenas se obtiveram então camafeus e medalhas.

Como se sabe, os primeiros objectos de porcelana que apareceram em Portugal foram umas medalhas feitas pelo brigadeiro Bartolomeu da Costa, hábil director da fundição da estátua equestre de D. José.

Na célebre medalha rectangular de porcelana representando a colocação dessa estátua, e que é datada de 1755, o autor diz ser: «o primeiro que em Portugal ACHOU porcelana».

Noutra medalha acha-se a seguinte legenda:

«Primeira porcelana ACHADA em Portugal em 1773 pelo Brigadeiro Bartolomeu da Costa.»

As suas experiências parecem ter sido realizadas na antiga Fábrica do Rato.

No interessante documento do próprio Bartolomeu da Costa, publicado por D. José Pessanha no *Arquivo Histórico Português*, êsse brigadeiro diz que: «trabalhando em descobrir o barro que fôsse mais infusível para os fornos de fundição do metal, e achando alguns que tomaram maior grau de dureza com a continuação do fogo dos mesmos fornos, me persuadi achar cousa mais interessante a que se applicasse de que só ao uso dos mesmos fornos, e com efeito achei que se poderia fazer e fiz a porcelana».

Como se vê, não diz nem onde obteve o caolino, nem qual a composição da porcelana que produziu.

Jácome Ratton, nas suas *Recordações*, diz que: «Bartolomeu

O LIVRO DO SEU CENTENÁRIO

da Costa teve a felicidade de achar já no Arsenal do Exército um forno de revérbero construído em 1761 ou 62 por um francês chamado Drouet, que por ordem do Governo tinha andado pelas províncias em busca de argila refractária, até então desconhecida no reino, pois que se usava de tijolos ordinários na construção dos fornos de fundição, com o inconveniente de ser preciso um novo forno para cada fundição. Esta argila foi descoberta junto do rio Vouga, nas vizinhanças de Aveiro, e ali estabeleceu o dito Drouet fornos e fábrica de tijolos refractários em sítio já desconhecido», e acrescenta que «Drouet foi autor de muitos inventos de que Bartolomeu da Costa se aproveitou e que as intrigas dêste último o desgostaram, retirando para Veneza».

D. José Pessanha, em vista dêste depoimento, conclui poder afirmar que o descobrimento do caolino em Portugal se deve atribuir pois a João Drouet, pertencendo a Bartolomeu da Costa unicamente a glória de haver multiplicado as aplicações dessa argila, com que o seu descobridor apenas fabricou tijolos.

Há aqui de-certo um equívoco. O caolino não é uma argila refractária para o fabrico de tijolos. O que Drouet deve ter descoberto foi a argila refractária que se explora perto de Eixo, nas proximidades de Aveiro. Aí, junto do Vouga, devem ter sido os fornos de Drouet, e a nosso pedido o sr. Marques Gomes já andou ali investigando se a nossa conjectura se confirma.

Como, porém, nessa argila aparecem visíveis e por vezes abundantes vestígios de caolino, podemos talvez concluir que Bartolomeu da Costa tivesse, da argila empregada para os tijolos dos fornos, separado pequenas porções dêsse barro para aplicar nas composições por êle experimentadas com sucesso para obter a porcelana das suas medalhas. Talvez seja esta a razão porque êle só fêz pequenos objectos e em tão deminuto número.

A glória, porém, de primeiro fabricante de objectos de porcelana

A FÁBRICA DA VISTA ALEGRE

não se pode deixar de atribuir a Bartolomeu da Costa, e isto 62 anos antes de se fabricar porcelana na VISTA ALEGRE. Mas como Bartolomeu da Costa pouco fez e não divulgou a sua descoberta, nada com elle lucrou a indústria nacional.

Não se passou então de experiências interessantes, mas sem valor económico.

A descoberta de jazigos de caolino não a fez certamente, porque nesse caso elle se aproveitaria dessa descoberta.

É de notar que Bartolomeu da Costa disse nas legendas das suas medalhas ter *ACHADO porcelana*, mas esta em geral não se «acha»: compõe-se.

Ora elle não diz claramente que a tal trabalho de investigação se tivesse entregue. Não teria elle por acaso colhido algum caolino (decomposição de feldspato) junto com algum feldspato não decomposto, que juntos produzissem desde logo, pela cozedura, a porcelana?

Diz-se que na China há jazigos de caolino misturados com feldspato e sílica em proporções tais que constituem uma verdadeira pasta de porcelana, que basta ser manipulada e cozida para obter belos produtos. Isto explica até certo ponto a antiguidade do fabrico da porcelana na China.

Em França encontram-se camadas de caolino em condições idênticas. Não é pois fora de propósito a nossa suposição.

Depois de Bartolomeu da Costa, houve várias experiências de Vandelli em Coimbra¹, e por fim, em Lisboa, a de Pedro Celestino

¹Nas *Memórias económicas da Academia Real das Sciências de Lisboa*, 1790, Vandelli diz: «O espato fusível ou feldspato acha-se em várias partes da Serra da Estrêla, ao qual, misturado com argila branca, mandei fazer amostras de porcelana bem transparente por ser este o mesmo material que entra no da Saxónia. Há argilas boas para porcelana em S. Pedro do Sul e Vila do Conde.»

O LIVRO DO SEU CENTENÁRIO

Soares, amigo de José Ferreira Pinto Basto, no jardim dêste, na sua própria casa do Loreto, em Lisboa ¹, de onde porém não saiu qualquer resultado satisfatório.

José Ferreira Pinto Basto foi o primeiro que pensou em produzir porcelanas, estabelecendo a sua fabricação no país por uma forma industrial.

Em 1824 fundou a sua Fábrica da VISTA ALEGRE, para a fabricação de cristais e porcelanas. Mas só em 1832 se descobriu o caolino, perto de Ovar, e só então tomou incremento o fabrico da porcelana.

Depois daquela data as porcelanas da VISTA ALEGRE foram introduzidas em todos os lares portugueses. Pode dizer-se que não há família portuguesa que não tenha usado das porcelanas dessa já antiga Fábrica nacional.

Em íntima correlação com a vida do país, essa Fábrica tem acompanhado as suas vicissitudes, apresentando-se numas épocas mais florescente, noutras mais decaída.

É justamente a um período de novo ressurgimento, iniciado há três anos, que corresponde a celebração, em 1924, do centenário da sua fundação, a que êste livro se dedica.



¹ Marques Gomes, 1883, *A Vista Alegre*.



bibRIA

A FÁBRICA

DA VISTA ALEGRE

bibRIA



O SEU PASSADO E O SEU PRESENTE

A FÁBRICA
DA VISTA ALEGRE

bidRIA



Situação e aspecto geral da povoação



Fábrica da VISTA ALEGRE acha-se situada a 7 km. ao sul de Aveiro, no concelho de Ílhavo, e a 1 km. do sul desta vila. É construída sobre a ria de Aveiro, nesta parte conhecida pela ria de Vagos e que antigamente tinha o nome de rio Salgado. Nela se juntam as águas salgadas da ria e a água doce do rio do Bôco, que junto a Vagos nela vem desembocar.

Fronteira à Fábrica, na outra margem, fica a «Gafanha», antiga duna, hoje arborizada e cultivada em parte, e que se estende de Vagos para o norte entre a ria de Vagos e a de Mira. A Fábrica da VISTA ALEGRE dispõe de uma área de terrenos de cerca de 40 hectares.

A VISTA ALEGRE é incontestavelmente um interessante centro industrial. Constituída por uma série de edificações em volta de um vasto largo assombrado por frondoso e vetusto arvoredor, e dominada pela sua velha capela, templo cheio de lendas e tradições, de arquitectura distinta, com as suas torres, o seu relógio, as suas belas

A FÁBRICA DA VISTA ALEGRE

esculturas e preciosos azulejos, parecendo adrede escolhida para núcleo protector e símbolo influenciador de uma povoação de trabalhadores artistas, a VISTA ALEGRE estende a sua casaria risonha e garrida à beira da formosa ria de Aveiro entre a vila de Ílhavo e a de Vagos.

A um lado da capela eleva-se, sóbria e severa, a casa dos proprietários, onde já cinco gerações da família Pinto Basto são os chefes e guias do labutar dos seus habitantes.

A outro lado fica a Fábrica, onde tóda a aldeia trabalha, instituição de onde vivem mais de duas mil pessoas, honrosa iniciativa do seu ilustre Fundador e concentração de inúmeros esforços e sacrificios dos seus sucessores, que durante um século a ela se dedicaram.

Quantas recordações ligam os proprietários aos seus operários? Já ali viveram, a par, os avós e os pais tanto de uns como de outros. Todos se conhecem, é tudo uma Família. Há o verdadeiro respeito pelos senhores da Fábrica, mas há também, da parte destes, o tradicional capricho de considerar affectuosamente todos os seus operários como seus companheiros, seus amigos e seus leais colaboradores.

A vida da povoação gravita em volta da vida industrial da Fábrica. Todos têm interêsses nos resultados da laboração, todos se ocupam do que ali se passa.

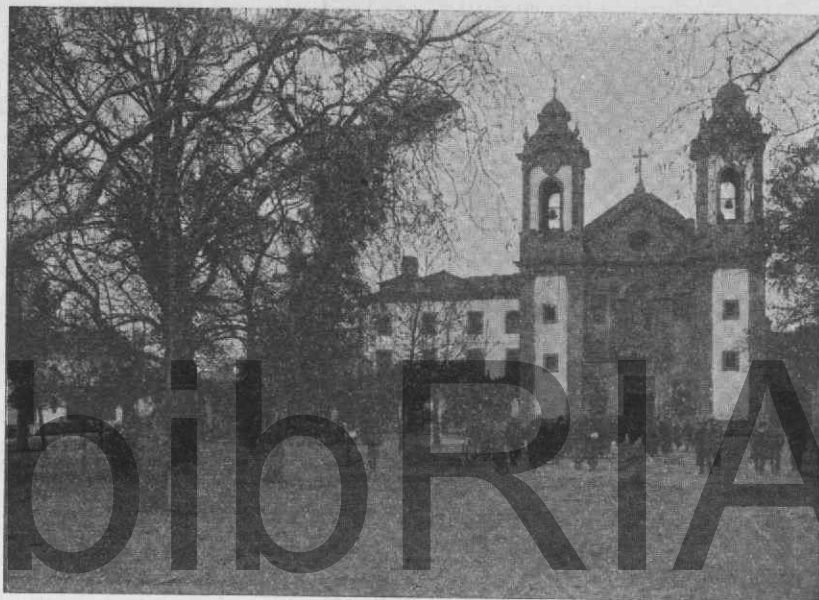
Director, Engenheiros, Mestres e grande número de Operários, habitam casas da Fábrica, elegantes e alegres, com os seus jardins, dispostos nos diferentes arruamentos traçados nos terrenos da propriedade.

Para educação e distracção dêsse pessoal e de suas famílias, tem a Fábrica, além de aulas de desenho e pintura, um Teatro, onde se recita e se declama e onde por vezes também há danças e

O LIVRO DO SEU CENTENÁRIO

cantos. Existe também uma Banda Musical de reconhecida reputação, que alegra a aldeia com os seus concêrtos.

Possui ainda um Clube e um Grémio de jogos com um vasto campo de foot-ball concedido pela Fábrica. Entre os habitantes da aldeia disputa-se por vezes a taça «Pinto Basto», oferecida por vários



CAPELA DA VISTA ALEGRE

membros dessa Família. Uma associação náutica promove regatas e exercícios fluviais na ria.

Um Museu privativo da Fábrica, onde se apreciam várias esculturas e pinturas em porcelana, representativas da Cerâmica da VISTA ALEGRE, a par de desenhos dos seus antigos pintores e de vários outros objectos relativos à história da vida passada da Fábrica, aviva a tradição e incita o apuramento da educação cívica e artística dos filhos dos seus operários.

A antiga quinta da Vista Alegre, com os seus belos arruamentos

A FÁBRICA DA VISTA ALEGRE

de buxo e seus pomares, dá um certo encanto à paisagem local. A linda estrada da Fábrica, ladeada de álamos antigos e frondosos, que corre entre essa quinta e as habitações, serve de alameda para passeio dos habitantes da povoação.

O Largo da Fábrica, nos dias 13 de cada mês, vê-se invadido por feirantes. Desde há séculos que ali se realiza a feira dos 13 ou do Bispo, mercado importante onde tudo se vende.

Essa feira traz periodicamente à Vista Alegre o convívio com o resto do país, o contacto dos que vêm da cidade e ao mesmo tempo facilita o abastecimento dos seus habitantes.

Na sua antiga capela, a Fábrica mantém o culto permanente, havendo missa dominical e instrução de moral católica.

Nela se realizam também festas religiosas todos os anos no último domingo de Junho (excepto quando haja luto na família Pinto Basto). Por essa ocasião costuma haver também festas populares com arraial, concêrtos, iluminações e por vezes touradas e récitas no teatro.

Tem o seu carácter arcaico e poético esta localidade a um tempo manufactureira e senhorial.

A Vista Alegre, com efeito, a par da aparência de uma grande e movimentada aldeia industrial, tem o aspecto vetusto dos lugares de tradições, com monumentos de arquitectura antiga, com casa e quinta solarenga. Ali se aliam as antiguidades aos modernismos, a capela à Fábrica, o sino ao apito da máquina.

A êste conjunto de aspectos, à acção inspiradora das suas antiguidades e da sua paisagem, à natureza da própria indústria onde a aplicação das artes decorativas — o desenho, a escultura e a pintura — se exercem continuamente, e à influência atávica do exercício daquelas artes e da música, do canto e da declamação, se deve atribuir a existência de um certo requinte estético nativo e uma natural dispo-

O LIVRO DO SEU CENTENÁRIO

sição para o exercício das artes plásticas, manifestada nos seus habitantes, desde novos. Por isso, comquanto se trate de um centro de provincia afastado, nota-se com admiração como em pouco tempo se obtém bons aprendizes para a cerâmica artística.

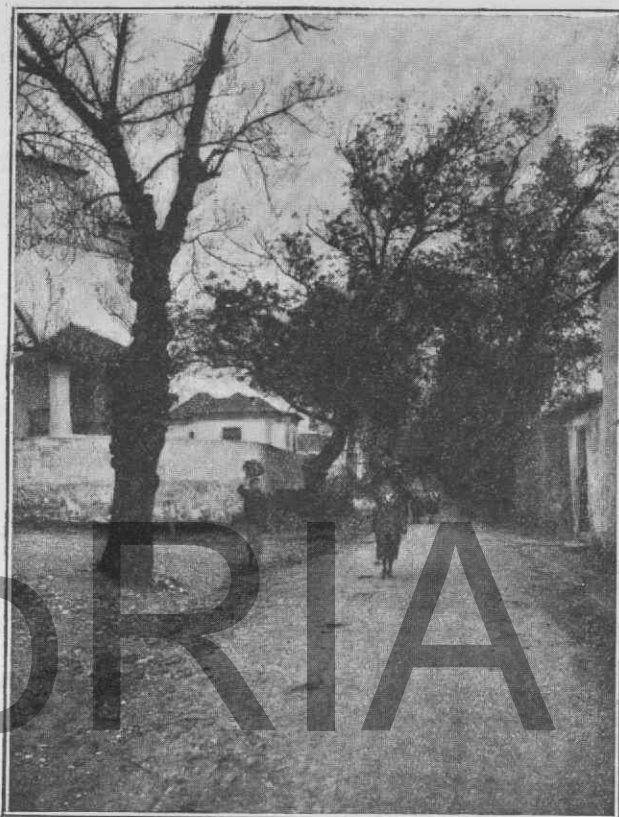
A povoação da Vista Alegre já se compõe de cerca de 70 casas e a sua população excede 500 habitantes.

A Fábrica é muito visitada. O número de visitantes foi de 500 em 1922 e de 1.100 em 1923.

A Vista Alegre é um ponto de atracção para os turistas do Buçaco, da Curia e de toda essa pitoresca região do Vouga, Fermentelos, Águeda e Bairrada.

Não se dá nunca por mal empregado o passeio a êsse centro fabril interessante e aprazível.

Ali têm também os visitantes ocasião de ver produzir os melhores modelos da Fábrica da VISTA ALEGRE, seguindo as diferentes fases do seu fabrico e da sua decoração.

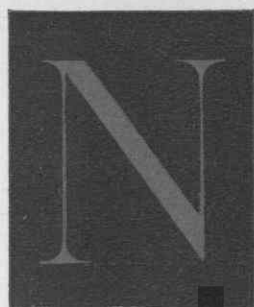


ESTRADA DOS ÁLAMOS
OU DA APEADA

bib**RIA**



História do local



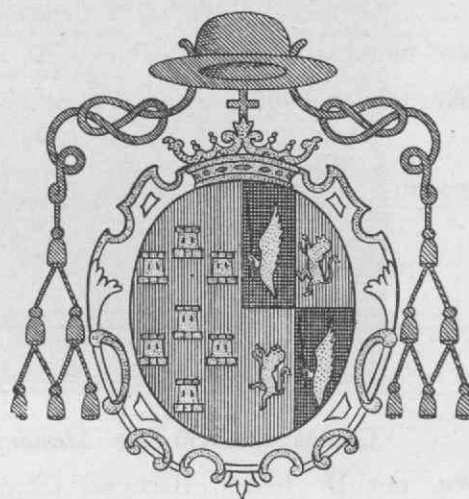
OS fins do século xvii já existia a quinta da Vista Alegre, que possuía casas de habitação onde hoje são as casas do caseiro e a do director da Fábrica.

A 2 km. da Vista Alegre, no sítio da Ermida, então vila e concelho por foral de D. Manuel, datado de 1514¹, vivia na quinta do Paço da Ermida o Bispo de Miranda, D. Manuel de Moura Manuel, homem ilustre, que fôra Inquisidor e Reitor da Universidade de Coimbra.

Essa quinta do Paço pertencia a seu irmão primogénito e fazia parte de um prazo a êle vinculado.

Êsse prelado, tendo uma filha, D. Teodora de Castro Moura Manuel, confiou-a a um seu fâmulo, o Dr. Manuel Furtado Botelho, que adquiriu a quinta da Vista Alegre, onde se instalou.

O Bispo dedicou-se ao sítio e fez construir a capela da Vista



BRASÃO DO BISPO

¹ Marques Gomes, *A Vista Alegre*, 1883.

A FÁBRICA DA VISTA ALEGRE

Alegre, em cuja capela-mor mandou construir, em mármore, um túmulo para si, notável obra de arte italiana digna de admirar-se. Em frente dêsse túmulo acha-se uma lápide laudatória acêrca da sua vida e cargos que desempenhou. A legenda dessa lápide acha-se transcrita na memória do sr. Marques Gomes sôbre a VISTA ALEGRE.

Nessa memória diz-se que foi o escultor Cláudio Laplada o autor do túmulo¹. O povo criou a lenda de que havia sido o diabo o escultor dêsse túmulo, sendo tal lenda contada por Brito Aranha² pela seguinte forma:

«Indo já bem adiantados os trabalhos da igreja, lembrou-se D. Manuel de Moura de mandar erigir, na capela-mor, dois túmulos, um para si, do lado da epístola, e outro para a nobre dama, à qual já nos referimos, do lado do Evangelho. No mausoléu, que destinava para mais tarde se guardarem as suas cinzas, quis o preclaro Bispo empregar artista insigne, porque a execução desta obra, como a concebêra, não se podia entregar a um obreiro vulgar. Mas não o encontrava facilmente no reino.

A tradição refere o que succedeu por essa ocasião ao Bispo, e por ser em extremo curioso e pouco sabido, e não ter aparecido nunca impresso, deixá-lo hemos aqui.

Scismava o ilustre prelado no modo de realizar a sua idea, em quanto aos túmulos e ao acabamento da capela-mor, quando um dia appareceu ao pé dêle um homem inteiramente desconhecido nos sítios. Êste homem disse-lhe:

—Sei em que pensa. Carece de quem lhe faça tais e tais obras e não encontra artistas para elas...

—Quem é vossemecê? perguntou o Bispo.

—Um estranho.

—Donde veio?

¹ Consta também das *Memórias do Real Colégio de S. Paulo de Coimbra*, por D. Joseph Barbosa, f.^{os} 206 e 401.

² *Memória histórico-estatística de algumas vilas e povoações de Portugal*.

O LIVRO DO SEU CENTENÁRIO

— De muito longe.

— Quem lhe disse que eu não encontrava artistas para as obras que desejo fazer?

— Adivinhei-o.

— Então vossemecê adivinha?

— Sim, senhor.

— Pois deixe-me em paz.

— Não quiere ouvir-me?

— Para quê? Com quem estou falando?

— Ouça-me, porque quem eu sou pouco importa. Precisa ou não de um escultor bom?

— É certo.

— Eu sôu escultor e creio que não dos piores.

— Como posso sabê-lo?

— Dando-me o trabalho.

— Não pode ser. Seria loucura dá-lo a um artista adventício, cujo mérito se desconhece.

— Não quiere contratar-me?

— Não. Vá-se em paz.

Em verdade, pouca ou nenhuma confiança podia inspirar a qualquer um artista, inteiramente desconhecido, que se ia assim oferecer para executar uma obra que se queria acabada com primor.

Mas o desconhecido fiava-se em alguma coisa, porque em dias seguidos foi ter com o Bispo e instou para que se lhe dessem tôdas as obras. A última vez passou-se esta scena:

— Está o senhor. Bispo resolvido a fazer o que lhe peço?

— Não.

— Há de arrepender-se.

— De quê?

— De não ajustar comigo o trabalho.

— Engana-se... Não me arrependerei.

— Acordemos em uma coisa, senhor Bispo.

— Diga lá.

— Faço uma pequena escultura para ver e analisar, e submeto-me ao seu juízo.

A FÁBRICA DA VISTA ALEGRE

— Não estou para servir de juiz neste caso...

— Não achará tão cedo um artista como eu.

— Resignar-me hei.

— Faço a experiência, senhor Bispo?

— Faça o diabo... e deixe-me.

Estas últimas palavras foram ditas de modo que o pobre desconhecido não teve desejo de continuar a conversação e retirou-se cabisbaixo.

No dia seguinte, conforme refere a tradição, as pessoas de Ílhavo, que freqüentavam a casa do prelado de Miranda, ou ali tinham trabalho nas diversas obras que se executavam naquela propriedade, viram com admiração que, em frente da igreja, o artista desconhecido erguera no centro do largo, que depois se aformoseou bastante, uma espécie de cabana de palha onde se ocultara à vista de todos.

O que fazia ali o desconhecido? Ninguém o sabia.

Algum curioso, dos mais atrevidos, se conseguia aproximar-se da cabana do adventício, apenas ouvia, pelo som do cinzel sobre a pedra que se lavrava, que se fazia ali alguma obra de escultura. Mas o que seria?

Decorreram muitos dias. Ao cabo deles, o adventício saiu da sua cabana e dirigiu-se novamente ao prelado:

— Senhor Bispo, disse-me que fizesse o diabo...

— Não me recorde, interrompeu o Bispo.

— Está feito.

— Está feito... o quê?

— O diabo.

— O diabo?

— Sim, senhor...

— Então o que é?

— A imagem de Satanaz.

— Vem zombar comigo, senhor?

— Não, senhor Bispo. Falo sério.

— Entendamo-nos. O que quer dizer?

— Quero dizer, que cumprindo com o seu desejo, que era uma ordem e vingando-me do seu desprezo, que excitara o orgulho de um artista que se presa, esculpirei uma figura para lhe mostrar até onde chegam os meus recursos.

O LIVRO DO SEU CENTENÁRIO

— É verdade ?

— Quere vê-la, senhor Bispo ?

— Estou com curiosidade de a ver.

— Pois queira ter a bondade de acompanhar-me.

E o Bispo, em companhia do adventício, foi examinar a figura de Satanaz, e tão perfeita a observou, considerada artisticamente, que deu as mãos à palmatória e confessou que o desconhecido era com efeito um escultor primoroso.

Naquele mesmo dia, o artista adventício tomou conta das obras da igreja e executou os dois túmulos e outros trabalhos da capela-mor que o viajante curioso admira no templo da Nossa Senhora da Penha de França, da VISTA ALEGRE.

Mas com êste desconhecido ainda succedeu que, não se sabendo nunca de que nação viera, nem a que família pertencia, logo que as obras principais se concluíram, desapareceu de repente, sem que o Bispo pudesse gratificá-lo, como desejava, nem o povo soubesse por onde desaparecera, a-pesar das minuciosas indagações que se fizeram. Êste facto, acrescenta a tradição popular, veio corroborar a idea de que o adventício tinha algum pacto com os espíritos diabólicos. Mas se tinha feito êsse pacto, não podia de-certo acabar alguma das cruzes que ornão a igreja e são obra d'êle. A graça das tradições, que vão passando de geração em geração, é serem às vezes contraditórias, e é o povo, sempre bondoso e crente, recebê-las assim sem comentários.

O mais exacto, contudo, é que o artista fôsse assassinado e enterrado por malfetores, que lhe quisessem roubar o que já lhe tinha dado o Bispo e não seria pequena soma.

Da estatueta de Satanaz, se existiu, ninguém hoje poderá dizer que destino teve.»

Em face do túmulo do Bispo está um outro com uma figura de mulher, tendo na mão um escudo no qual se vê uma cabeça de freira. Parece ser o túmulo de D. Teodora, que o Bispo mandara fazer, esperando que, conforme seus desejos, sua filha professasse.

A FÁBRICA DA VISTA ALEGRE

A capela é espaçosa, podendo-se nela admirar belos azulejos, preciosos mosaicos, magnífica talha, frescos bem pintados e algumas formosas ferragens nos arcazes da sacristia.

É consagrada à Nossa Senhora da Penha de França, cuja bela imagem figura na frontaria.

Eis a descrição pormenorizada da capela como é feita por Esteves Pereira e Guilherme Rodrigues ¹.

«A frontaria do templo é de bonita aparência, avistando-se a alguns quilómetros de distância os coruchéus, que estavam por acabar quando o Bispo faleceu, em 7 de Setembro de 1699, mandando-os concluir José Ferreira Pinto Basto, dirigindo a obra José Correia da Silva, avô do engenheiro Francisco Xavier Esteves, natural de Ílhavo. O templo é de tamanho regular; o frontispício de pedra rendilhada, tendo ao centro, por cima da porta principal, um grande nicho, com a imagem da Senhora da Penha de França, de pedra e de tamanho natural. As paredes do corpo da capela são forradas, do meio para baixo, de bons azulejos, todos coevos da sua fundação, fins do século XVII, em azul sobre fundo branco, representando vários passos da vida da Virgem, e algumas personagens bíblicas. O teto é ornado de boas pinturas a fresco, representando a árvore de Jessé. O côro é amplo e ali se vê um bonito órgão. Sobre o arco do cruzeiro, e em nicho, há a imagem do Cristo Ressuscitado, de boa escultura. Logo por baixo, pendente do fecho do arco, está um escudo em pedra com o brasão de armas do Bispo. O retábulo e altar da capela-mor são trabalhos magníficos em fino mármore de Itália. Sobre o altar-mor e resguardado por um vidro, vê-se a imagem do Senhor Morto, em tamanho natural, tendo a um lado a imagem da Virgem, e do outro Santa Maria Madalena. A capela tem dois altares laterais dedicados à Senhora do Rosário, do lado direito, e à Senhora da Conceição, o do lado esquerdo. Ambas as imagens de tamanho natural e de boa escultura. Na capela-mor, do lado do Evangelho, fica uma vasta sacristia, o teto, que é baixo, tem ao meio o bra-

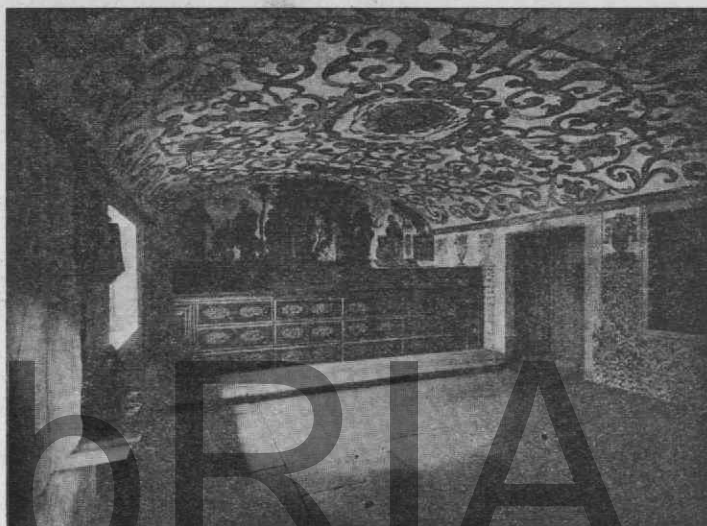
¹No *Portugal*, Dicionário histórico, etc., Lisboa, 1907.

O LIVRO DO SEU CENTENÁRIO

são de armas dos Mouras Manuéis, tendo por timbre um chapéu episcopal, vendo-se em] volta ornamentações de pinturas a fresco. As paredes, do meio para cima, também são ornadas de pinturas a fresco, representando vasos de flores, a Anunciação da Virgem, a Fugida para o Egipto e a figura simbólica da Caridade. Do meio para baixo são revestidas de azulejos de côres azul e amarelo, sôbre fundo branco, igualmente coevos da fundação. Embebido na parede da capela-mor

e do lado da Epístola, está o túmulo do Bispo D. Manuel de Moura, fabricado primorosamente de calcáreo de Ançã, obra de muito merecimento do escultor Cláudio de Laplada. A urna funerária é sustentada por três leões de farta juba, que parecem prestes a ser esmagados pelo seu êso. No centro da urna, le-

vantado em alto-relêvo, está um escudo oval partido, com as armas já citadas dos Mouras Manuéis. Sôbre o túmulo está a figura do Bispo, de vestes prelatícias, meio deitada, com a mão esquerda sôbre o peito e a direita estendida como que a apontar para a figura do tempo, em alto-relêvo, que está ao fundo sobraçando o pano mortuário que deve cobrir o sarcófago.»



SACRISTIA

Não se sabe ao certo a data da edificação da capela, mas deve ela ser coeva da construção da fonte do Carapichel (perto da capela), mandada também construir pelo Bispo e que tem inscrita a data de 1693.

A FÁBRICA DA VISTA ALEGRE

É curiosa a longa inscrição que nessa fonte existe e que termina pelas seguintes palavras :

Bebe pois, bebe à vontade
acharás que é (muitas vezes)
Tão útil para a saúde
Quão para a Vista Alegre ¹.

Esta fonte, como estivesse arruinada, foi mandada reconstruir em 1920 pela nova administração da Fábrica.

Desde 1693 que se faz a importante feira nos dias 13 de cada mês, no terreiro, em frente da capela, onde ainda hoje se realiza, e que é dependência da Fábrica. Esta feira foi estabelecida por alvará de 15 de Junho de 1693, a pedido do povo e autoridades de Ílhavo, devendo o mercado anual ser em 13 de Setembro, dia de N. S. da Penha de França, padroeira da capela. Actualmente o mercado é em 13 de Novembro ².

O Bispo faleceu em 1699 e o Dr. Manuel Furtado Botelho em 1733. Êste deixou os seus bens a D. Teodora, em primeiro usufruto, passando em segundo usufruto ao cura de Ílhavo, o Padre Domingos Ferreira da Graça, seu testamenteiro, e em propriedade a N. S. da Penha de França, ficando obrigada a Fábrica da capela a fazer uma festa em 8 de Setembro de cada ano.

D. Teodora julgou poder dispor dos bens herdados, o que até certo ponto os termos do testamento pareciam autorizar.

Depois de ter feito várias doações a criados, foi-lhe instaurado um processo em 1734, pelo cura de Ílhavo, segundo usufrutuário. Na

¹ Está tãda copiada na *Vista Alegre*, do sr. Marques Gomes.

² Marques Gomes, *A Vista Alegre*, 1883.

O LIVRO DO SEU CENTENÁRIO

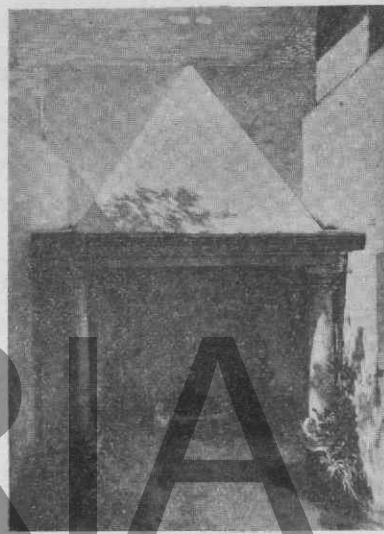
sua contestação, alega que fôra o Bispo que dera ao Dr. Furtado Botelho, seu fâmullo, o preciso para adquirir os bens que possuía e lhe deixou, e que por isso ela se julgava como herdeira, podendo dispor do que a ela lhe competia pertencer.

Por curiosos aqui transcrevemos dos documentos do referido processo, existentes na Fábrica, alguns parágrafos alusivos a êsse incidente passado há cêrca de dois séculos na vida íntima da Vista Alegre:

O Reverendo Francisco da Graça, queixando-se de D. Teodora, dizia: «que em casa do testador ela tinha limitado trato, pois os seus vestidos não passavam de baetas e camêlões e só em dia de festa tinha o seu guarda-pó de sêda para ir à Missa, o seu manto de sêda e saia preta de crepe e que depois da sua morte se trata com trajos e vestidos de lemiste, veludo galacé, melânia e outros trastes de subido preço guarnecidos alguns com patêlões de prata; e que quando ia fora da quinta ou a Ílhavo ia de carro e agora tôdas as suas jornadas eram feitas de liteira ou sege; que agora se tratava com grandiosa mesa de vários guisados e além dos criados tem uma aia, e demais há muito tempo tem em sua companhia o Reverendo abade de S. Romão de Guimarães com sua família a quem ela está sustentando com grandeza, de que resulta má persuasão e de outras acções entre ela e o dito abade se tem visto de que há escândalo na freguesia. Como só possui o referido usufruto, e outros bens não espera herdar, por ser filha espúria, dissipando êsse usufruto não haverá por onde êste se segure para a capela, e requiere, por isso, que dê caução ou se proceda a sequestro.»

Pelo depoimento de uma testemunha, porém, foi dito que:

«D. Teodora se tratou sempre com muita decência, conforme era a qua-



FONTE DO CARAPICHEL

A FÁBRICA DA VISTA ALEGRE

lidade da sua pessoa, e que vindo visitá-la seu primo o abade de S. Romão, a levou em sua companhia e lhe deu vários e custosos vestidos; que além de duas criadas brancas e duas pretas e dois criados que já havia na casa, agora só tem mais uma aia; que o testador era regalão, nada poupando, antes se individava e que o abade de S. Romão nada fez dispendar a D. Teodora, antes sim lhe servia de abôno ao seu crédito, e que nunca ouviu nem entendeu que nos dispêndios do dito reverendo houvesse segunda intenção nem dêle se podia tal presumir, sendo como é um tão conhecido fidalgo e de exemplar vida, e tanto seu parente como conhecidamente é.»

E acrescentava que «o cura de Ílhavo era muito da casa do testador e nela comia e bebia e assistia com muita freqüência e que nada disto tem depois que êle faleceu, deixando de ter acção no govêrno e direcção que tinha na casa, mas que não podia afirmar se esta falta era ou não a causa de mover esta demanda; que o testador na presença do testamenteiro muitas vezes disse a D. Teodora que tudo era dela e o podia tomar já em sua vida, e que era certo que os bens doados aos criados foi em razão do que se lhes devia e tudo isto obrou com a procuração e direcção do testamenteiro.»

D. Teodora acabou por perder a questão com o padre Ferreira da Graça, ficando anuladas as doações que havia feito e afinal não se fez freira e faleceu em 1767, sendo sepultada na capela da Vista Alegre.

O padre Ferreira da Graça só faleceu em 1772. O sr. Marques Gomes diz parecer-lhe que a herança não chegou a pertencer à capela ¹.

Não sabemos a razão desta dúvida. O Bispo, quando fundou a capela, «comprou também fazendas com que a dotou e para se ornar e conservar, deixou dinheiro a juro, além de muitas fazendas cujo rendimento superabunda para a sua boa administração e conservação, sem que necessitasse de mais» ². O Dr. Furtado Botelho

¹ Marques Gomes, *A Vista Alegre*, 1883.

² Depoimento da testemunha P. M. Godinho no processo contra D. Teodora, existente no tombo da Fábrica.

O LIVRO DO SEU CENTENÁRIO

se dispôs da propriedade dos seus bens para a capela, por morte de D. Teodora, foi por mera devoção e, com a sua deíxa, apenas beneficiava os bens da capela já existentes.

De 1762 a 68 foi fabriqueiro e administrador da capela o rev. Dr. Nicolau Giliberti¹, professor e reitor do Seminário de Coimbra, e mais tarde professor do Colégio dos Nobres em Lisboa, que parece ter sido quem mandou aplicar os azulejos e proceder a outros melhoramentos.

Em 1801 era depositário dos bens da capela Paulo Francisco Morgado, da vila da Ermida, que no mesmo ano pediu escusa dêsse cargo por se achar decrépito. Êsse pedido foi deferido pelo contador da Fazenda Real em Aveiro, « em nome de S. Majestade o Imperador dos Franceses, Rei de Itália, Protector da Confederação do Reno e de S. Ex.^a o Governador de Paris, General em Chefe do seu Exército Francês em Portugal ».

Mais tarde os bens da capela foram incorporados nos bens da coroa, sendo por mercê régia feita donatária e administradora da capela, D. Ana Teresa Luísa de Sousa, filha do desembargador Feliciano José Alves da Costa Pinto e casada com José Lourenço de Siqueira, domiciliados em Lisboa.

O provedor da comarca deu posse da capela a D. Ana de Sousa, mas o Bispo de Aveiro não se conformou com tal doação régia. Houve processo e sentença a favor de D. Ana. O Bispo de Aveiro, já sucessor daquele, indignou-se contra tal sentença e fêz escândalo, não a respeitando. D. Ana instaurou novo processo, sendo-lhe ratificada a posse em 1805.

Em 1812 José Ferreira Pinto Basto adquiriu a quinta do Paço

¹ Documentos do tombo da Fábrica.

A FÁBRICA DA VISTA ALEGRE

da Ermida, à qual os bens da capela da Vista Alegre eram foreiros.

Em 1814 a donatária da Vista Alegre arrendou o rendimento da capela e de todos os seus pertences a José Vieira Pôrto, com autorização para trespassar êsse aluguer a José Ferreira Pinto Basto.

Êste requereu que êsses bens fôssem pela Fazenda postos à venda em hasta pública ¹.

Como para poder transaccionar a compra havia de obter o consentimento da donatária, tratou previamente de o assegurar, contratando pagar-lhe uma quantia fixa, e garantir-lhe a fruição do rendimento dos bens enquanto viva fôsse.

Munido do fôro e dêste consentimento, em 1816, em hasta pública comprou à Fazenda os bens da capela, cativos do usufruto pertencente à donatária ².

Em 1817 fixou com a mesma o respectivo encargo, recebendo ela mais uma certa importância desde logo, e uma pensão vitalícia, que afinal só cobrou uma vez, pois faleceu no ano seguinte.

Eis a história da quinta e capela da Vista Alegre desde 1696 a 1817 e como José Ferreira Pinto Basto entrou na sua posse.

¹ O requerimento aludido era baseado na portaria de 21 de Novembro de 1812, onde se lê:

« Faltando os meios indispensáveis para a manutenção do exército que com tanto valor e disciplina nos está defendendo do inimigo comum e querendo o Príncipe Regente N. S. que se não aumente o gravame dos povos com novos impostos. Manda Sua Alteza Real que o Conselho da Fazenda promova com a maior eficácia a venda dos bens que se acham na coroa, sem excepção das capelas », etc.

² O sr. Marques Gomes disse, por engano, ter J. F. P. Basto comprado a quinta e capela da Vista Alegre a Alexandre de Castro Brandão, capitão-mor de Cantanhede.

O Fundador



OSÉ FERREIRA PINTO BASTO era filho de Domingos Ferreira Pinto Basto, importante negociante do Pôrto, natural da freguesia de S. Jorge de Abadim, concelho de Cabeceiras de Basto, e de D. Maria do Amor Divino Costa, natural do Pôrto, freguesia de S. Nicolau.

Nasceu no Pôrto em 1774 e faleceu em Lisboa em 1839, portanto com 65 anos de idade.

A sua família, oriunda de Cabeceiras de Basto, possuía ali propriedades, das quais herdou algumas, que mais tarde ficaram a seu filho Justino e passaram ao filho dêste, seu neto Álvaro, que as vendeu.

Casou com D. Bárbara Inocência Allen, filha de Duarte Allen, que nasceu em Gaia em 1738 e foi cônsul inglês em Viana, onde faleceu em 1819. Duarte Allen havia casado no ano de 1767 em Lisboa, com D. Joana Josefa Dorotea Felicidade de Maza, natural da freguesia da Lapa da mesma cidade.

D. Bárbara, que nasceu em 1783 e que era a mais nova de uma geração de onze irmãos, faleceu em 1858.

José Ferreira Pinto Basto, por seu lado, teve oito irmãos: João, António, Maria, Ana, Quitéria (freiras); Eufrásia, casada com

A FÁBRICA DA VISTA ALEGRE

José Joaquim Vaz de Guimarães; Isabel, casada com Duarte Ferreri, e Francisca, casada com Jerónimo José de Faria.

Seu irmão JOÃO FERREIRA PINTO, o seu sócio e colaborador mais prestigioso, indo para Londres como representante da Companhia dos Vinhos do Alto Douro, ali viveu muitos anos e ali faleceu em 1854, deixando os seus bens a seus sobrinhos¹, filhos de seu irmão José.

Foi certamente uma inteligência viva e insinuante, porque soube adquirir uma situação de simpatia e de destaque na alta roda inglesa e nos clubes de Londres, onde foi sempre difícil obter relações, principalmente tratando-se de um estrangeiro. Mostra êsse facto ter sido pessoa de pouco vulgares merecimentos.

Em 1833 o Barão de Quintela, mais tarde Conde de Farrobo, refugiado a bordo de um vapor inglês no Tejo, prontificou-se a pôr à disposição de D. Pedro IV o dinheiro preciso para pagar as soldadas de um ano em atraso aos marinheiros da esquadra de Sartorius, e para ocorrer a outras despesas do exército liberal, cercado no Pôrto. Para isso assinou letras de grande importância sobre o seu banqueiro de Londres, mas êste pôs dúvidas em as pagar, por irem assinadas com o seu nome particular de Joaquim Pedro Quintela e não de Barão de Quintela, como ali era conhecido.

João Ferreira Pinto Basto, sabendo do caso, imediatamente garantiu os saques, tomando a responsabilidade da sua importância².

Este facto não só prova o valioso conceito em que era tido em Londres, para que a sua garantia merecesse tão elevada confiança,

¹ Testamento feito em Inglaterra e em poder de E. Pinto Basto & C.^a

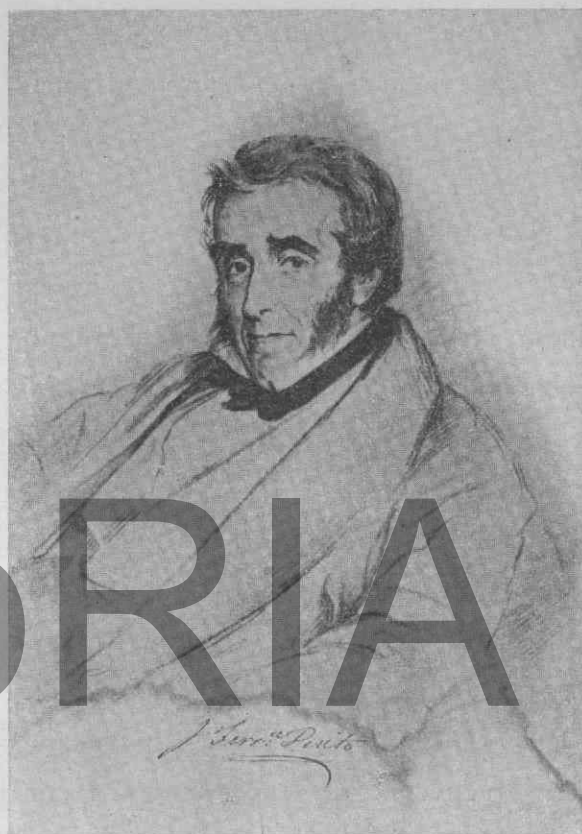
² Eduardo de Noronha, *O Conde de Farrobo e a sua época*, f.º 221 e *Apontamentos da vida de um homem obscuro*, f.º 166.

O LIVRO DO SEU CENTENÁRIO

mas também atesta como êle se devotara à causa liberal. Em 1848 um dos Cabrais contou na Câmara dos Deputados que Osborne Sampaio deu um jantar no «Reform Club» ao Duque de Palmela e a seus genros os Condes das Galveias e das Alcáçovas. Estavam presentes, além de outros, o Ministro de Portugal, Visconde de Moncorvo, o Ministro inglês, Lord Dundas, João Ferreira Pinto Basto e seu sobrinho Teodoro ¹.

Vivia, pois, com altas figuras da sociedade e da política inglesa e mantinha relações com os mais distintos portugueses que iam a Londres.

Seu sobrinho Teodoro, que com êle vivia e ali casou, nascendo-lhe em Londres os seus seis filhos, também cultivava portanto essas relações. Êsses antigos e bons conhecimentos adquiridos por João Ferreira Pinto, em Londres, transmitidos a seu sobrinho, que em Inglaterra educou seus filhos mais velhos, Eduardo e Teodoro, no conhecido St. Gregory's College de Downside, ainda vieram certamente a influenciar na futura



JOAO FERREIRA PINTO BASTO

IRMÃO E SÓCIO DO FUNDADOR
FALECIDO EM LONDRES EM 1854

¹ Barbosa Colen, *Entre duas revoluções* (1848), 1 volume, f.º 64.

A FÁBRICA DA VISTA ALEGRE

preponderância comercial dêsses seus filhos e da importante casa que em Lisboa fundaram.

O pintor de louça Rousseau, a que adiante nos referiremos, foi contratado em Londres por João Ferreira Pinto.

JOSÉ FERREIRA PINTO BASTO, por seu lado, ficando em Portugal, dedicou-se ao desenvolvimento do país, mostrando ser homem largamente empreendedor e de grande actividade e inteligência.

Foi contratador geral do Tabaco e das Reais Saboarias no Reino, Ilhas Adjacentes e Macau, sendo arrematante dêstes contratos nos vários triénios sucessivos desde 1809 a 1837, a princípio associado com seu pai, irmãos António e João e seu primo Custódio Teixeira Pinto, sob a firma «Domingos Ferreira Pinto, Filhos & Teixeira», e mais tarde, após a morte de seu pai, em 1820, com Farrobo e outros.

Os escritórios de seu pai foram no Porto, na rua dos Mercadores. Foi para dirigir o negócio dos Tabacos que veio para Lisboa, adquirindo para sua vivenda o palacete do Loreto (actual sede da Associação da Agricultura), casa onde tinha habitado em 1800 a 1802 o general Lannes, depois duque de Montebelo, ministro da França. Êsse palacete, que foi então reconstruído por José Ferreira Pinto Basto e onde mais tarde estiveram instalados o Hotel Peninsular, o Hotel de Itália e o Hotel Mata, ficou a seu filho José, e foi vendido por seu neto Reinaldo Pinto Basto ¹.

Em Lisboa, fundou os seus escritórios na Casa-dos-Arcos, à Boa Vista, por êle construída e ainda há anos conhecida pela casa dos Ferreiras Pintos. Foi nesse edifício, pertença da Fábrica da VISTA ALEGRE, que foram instalados os depósitos de vidro e louças daquela Fábrica em Lisboa. Esta propriedade foi herdada e

¹ Visconde de Castilho, *Lisboa Antiga, O Bairro Alto*, vol. II, f.º 137.

O LIVRO DO SEU CENTENÁRIO

vendida por seu filho Joaquim.

Anexos a êsse edifício, adquiriu também os terrenos que se estendiam até ao Tejo, terrenos foreiros ao senado da Câmara Municipal e conhecidos pelos prazos da Marinha da Boa Vista.

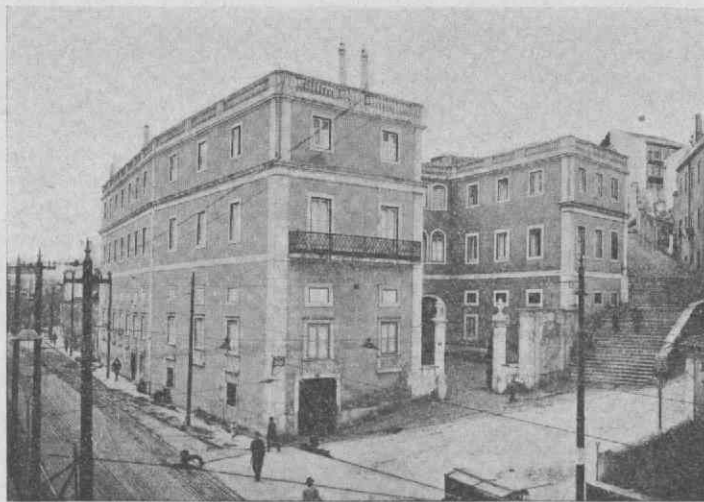
Aí tinha estaleiros para os seus navios,

alguns dos quais faziam roteiro para Macau e Brasil. Um dos antigos directores da VISTA ALEGRE, João Maria Rissoto, fôra anteriormente capitão de alguns dêsses navios. Existem desenhos na VISTA ALEGRE, em poder de suas filhas, ainda vivas, de três dêsses barcos:



CASA DE J. F. PINTO BASTO EM LISBOA

PALACETE DO CHIADO



CASA DE J. F. PINTO BASTO EM LISBOA

PALACETE DE SANTO AMARO

A galera *Vasco*, onde Rissoto foi praticante em viagem para Macau, e Filipinas pelo Rio de Janeiro, em 1817.

O brigue *Trocador*, em que foi como piloto para Macau, em 1820, e como capitão para o Rio de Janeiro, em 1827.

A FÁBRICA DA VISTA ALEGRE

O brigue *Santo Amaro*, onde já viajou depois da implantação do regime liberal, visto no desenho figurar com a bandeira azul e branca.

Na VISTA ALEGRE existe um precioso oratório de charão, feito na China, que pertencia a um dêsses navios.

Êsses barcos eram munidos de peças de artilharia, para se defenderem dos corsários chinas. Algumas dessas peças existem ainda em diferentes casas da família Pinto Basto.

Parece que êsses navios conduziam para a China muito rapé, o qual era mandado em frascos de vidro dourado. No catálogo de uma exposição em Lisboa ¹, em 1844, diz-se a respeito da VISTA ALEGRE:

« Os progressos desta Fábrica são bem visíveis: todos os seus produtos reúnem o serem mais baratos que o estrangeiro, mesmo os frascos dourados em que vai o rapé para a China, que vinham da Alemanha, que hoje já cá se fazem até superiores no dourado, oferecendo mais êste artigo para o comércio e muitas outras vantagens para o país. »

Para não viver em ponto tão central como era o Loreto, e devido à casa ser pequena para a sua numerosa família, mudou a residência para a sua casa de Santo Amaro (em frente da actual estação dos eléctricos), enorme palácio por êle reconstruído e ampliado. Ali passou a viver com opulência, com os seus quinze filhos.

Foi feito Cavaleiro da Ordem de Cristo em 1803 e Comendador da mesma ordem em 1825, Comendador da Conceição em 1819 e,

¹ A. R. Batalha. Catálogo dos produtos apresentados à Exposição Quadrienal de 1844 nas salas da Sociedade Promotora da Indústria Nacional, etc., etc., que nos foi indicado pelo sr. Marques Gomes.

O LIVRO DO SEU CENTENÁRIO

por carta de 12 de Setembro de 1818, foi-lhe passado brasão de armas¹, que identicamente foi passado algum tempo depois a seus irmãos António e João.

Por alvará de 8 de Fevereiro de 1826 foi nomeado fidalgo cavaleiro, sendo então também nomeado membro do conselho de família no inventário por óbito de D. João VI².

¹ Sanches de Baena, *Arquivo heráldico-genealógico*, fl. 379, 1507: José Ferreira Pinto Basto, natural da cidade do Pôrto, cavaleiro, professo da Ordem de Cristo, caixa e contratador geral do Tabaco destes Reinos, Ilhas Adjacentes e Macau, e das Reais Saboarias, filho de Domingos Ferreira Pinto Basto, negociante de grosso trato da praça da cidade do Pôrto e de sua mulher D. Maria do Amor Divino; neto, por parte paterna, de Manuel Ferreira Pinto e de sua mulher D. Jerónima Alves; e pela parte materna de José Ferreira da Costa e de sua mulher D. Teresa Maria de Sousa.

Um escudo partido em pala; na primeira, as armas dos Ferreiras e na segunda as dos Pintos. Br. p. a 12 de Setembro de 1818. Reg. no Cart. da Nobreza, liv. VIII, fl. 9.

No índice heráldico: a fl. LXVII: *Ferreira*. São suas armas em campo vermelho quatro fachtas de ouro; timbre: uma ema de sua côr com uma ferradura no bico; a fl. CXL: *Pinto*. São suas armas em campo de prata cinco crescentes de lua sanguinhos com as pontas para cima em santor; timbre: um leopardo de prata armado de vermelho, com um dos crescentes na espada. A carta de Brasão de António F. P. Basto. V. fl. 46 n.º 171 e a de João F. P. B. foi passada em 22-10-1818.

² Pinho Leal — *Diccionario*, 1922, pag....



CASA DE J. F. PINTO BASTO
ESCRITÓRIOS NA BOA VISTA

A FÁBRICA DA VISTA ALEGRE

Como a Regente, D. Isabel Maria, mostrasse desejo de ficar com algumas das jóias da sua falecida irmã D. Maria da Assunção, José Ferreira Pinto Basto facultou-lhe os fundos necessários para as adquirir.

As suas tendências liberais já antes lhe haviam causado dissabores, sendo mandado prender na Cadeia do Limoeiro por ocasião da «Abrilada», em 1823, pelo intendente da polícia, o barão de Rendufe, pelo motivo de ter facultado fundos a José da Silva Carvalho, para êste ir a Inglaterra ¹.

Eis os termos da intimação:

«Ao Il.^{mo} Sr. José Ferreira Pinto Basto faz seus devidos cumprimentos o Intendente Geral da Polícia e o previne de que, para receber os papéis que S. S.^a sabe, convida que infalivelmente compareça hoje nesta Intendência, pelas quatro horas da tarde; e para servir a S. S.^a fica pronto.

Em 10 de Julho de 1823.»

A-pesar disso, continuou a dedicar-se à causa liberal, tendo prestado valiosos serviços a D. Pedro IV.

Logo que D. Miguel, em 1828, regressou de Londres, sofreu por isso constantes perseguições, chegando em 1832 a receber passaporte para Mirandela, onde se devia conservar desterrado ².

Conta-se na família que um enviado do governo o procurara em Santo Amaro, ordenando-lhe que se apresentasse a qualquer autoridade miguelista a fim de receber as instruções precisas para seguir para aquele destino.

¹ Cartas da prisão, em poder de Alfredo Pinto Basto.

² Êste documento acha-se em poder de Alfredo Pinto Basto.

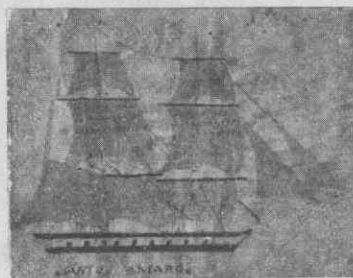
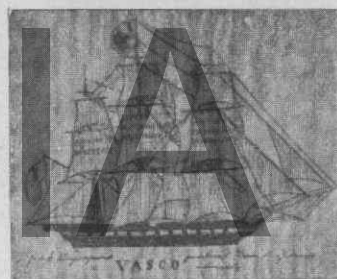
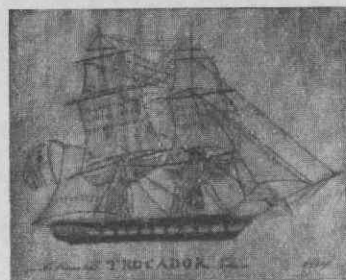
O LIVRO DO SEU CENTENÁRIO

Receando ser maltratado no trajecto, recebeu êsse agente com tôdas as deferências, dizendo-lhe ir mandar pôr uma das suas caruagens para com êle seguir para Lisboa. Saíndo da sala para dar essas ordens, evadiu-se por uma porta do jardim e foi embarcar, na praia da Junqueira, num escaler que o conduziu para bordo da fragata francesa *Melpomene*, passando mais tarde para a fragata *Belone*, da mesma nação.

Sua mulher, D. Bárbara Allen, que, como vimos, era filha do antigo cônsul inglês no Pôrto, veio então comunicar ao agente da policia que seu marido se ausentara e que ela mandara içar na sua casa a bandeira inglesa, sob cuja protecção se collocava.

Já anteriormente suspeitava que tal perseguição se viesse a dar, porquanto em cartas de 19 de Janeiro e 11 de Dezembro de 1832², dirigidas a seu filho Teodoro, já então em Londres, lhe dizia «re-
cear um confisco de bens e lhe manifestava o desejo de que seu irmão João falasse a Lord Wellington para lhe obter um passaporte em navio inglês para se poder homiziar, visto que D. Miguel fazia mais caso de uma recomendação do Duque de Wellington do que do próprio Rei de Inglaterra e que, sem passaporte, se saísse

² Em poder de D. Laura Ferreira Pinto Figueira Freire da Câmara.



NAVIOS DE JOSÉ FERREIRA
PINTO BASTO

QUE NAVEGAVAM PARA A CHINA
E BRASIL

A FÁBRICA DA VISTA ALEGRE

do reino lhe sequestrariam tudo, porque, conforme diziam, eram as leis do país », e acrescentava que « sem protecção não se atalha nada, tudo é rompe, rasga e mata, que é « malhado ». É certo que não tenho crimes nem remorsos e que tôda a birra que o Rei tem comigo é involuntária e é só para fazer a vontade aos que me julgam liberal. É verdade que quero viver livre, ser livre, e amo as instituições que me deixam gozar do que é meu, e isto sabe-o D. Miguel. »

Lembra também que « seu irmão João Ferreira Pinto escrevêsse êle próprio a D. Miguel, pedindo uma passagem para êle o ir visitar a Londres. Talvez isso desse « cavaco », porque D. Miguel, quando viera do estrangeiro, lhe dissera a êle, José, e às infantas que o tio João era bom homem e êle, D. Miguel, seu amigo. »

Nessas cartas também diz ter hospedado em sua casa Lord Russel, Ministro de Inglaterra em Lisboa e que por esse motivo desejava dar um baile. Para tal fim encomendava a seu filho alguns objectos para a ornamentação da sua casa. Esta certamente estava decorada com bom gosto e ricos móveis, a avaliar por diferentes peças do seu mobiliário, ainda hoje em parte dispersas pela família.

Vê-se que as recomendações pedidas para Inglaterra algum resultado deram, pois a hospedagem de Lord Russel deixa entrever que com ela se pretendia proteger a pessoa e os bens de José Ferreira Pinto.

Quando D. Pedro IV veio do Pôrto foi a sua casa agradecer-lhe os serviços que lhe prestara.

Depois de terminada a guerra civil, foi deputado às Côrtes Constituintes de 1837 e 1838, pelos círculos de Aveiro e Pôrto, e senador por Aveiro, em 1839.

Foi incumbido de várias comissões de serviço público, ainda mesmo

O LIVRO DO SEU CENTENÁRIO

antes da guerra civil. Em 1827 foi nomeado para uma comissão de melhoramentos nas cadeias.

Depois fêz parte de uma comissão de estudo para o estabelecimento do porto franco em Lisboa, onde os seus trabalhos foram muito apreciáveis, prevendo já a importância de tal empreendimento ¹.

O cargo público a que com mais satisfação se entregou foi o de provedor da Casa Pia. Fêz aí uma brilhante administração, revelando os seus sentimentos de beneficência e o seu entusiasmo pelo desenvolvimento da instrução. O seu busto, conforme fotografura que inserimos, foi mandado executar por aquele estabelecimento de caridade para perpetuar ali a sua memória.

Também foi nomeado secretário do Conservatório Real de Lisboa, instituição da qual saiu a actual Academia das Belas Artes.

Protegeu vários artistas, entre eles Primavera, desenhador, retratista e miniaturista,

autor de um quadro representando um grupo da família Pinto Basto.

Reproduzimos uma litografia contendo os esboços dos retratos que figuram nesse quadro e onde se vêem, além do fundador e sua mulher D. Bárbara, 14 dos seus 15 filhos e 3 netos.

Se José Ferreira Pinto Basto teve pois uma acção notável na vida política e oficial nesse período histórico da nação, mais importante foi o impulso dado à economia do país pelo seu génio empreendedor.

¹ Elogio histórico por José Estêvão no Real Conservatório de Lisboa.



LÁPIDE
EXISTENTE NO EDIFÍCIO
DA ANTIGA FABRICA DE MOAGEM
DE AVEIRO

A FÁBRICA DA VISTA ALEGRE

Na sua obra industrial, depois de se dedicar durante cêrca de 30 anos a dirigir as indústrias do Tabaco e do Sabão no Pôrto e em Lisboa, foi em Aveiro que a sua acção mais se fêz sentir.

Ali montou uma fábrica de moagens¹, outra para a preparação de soda² e finalmente a de cristais e porcelanas na VISTA ALEGRE.

Obteve vários prazos na Gafanha, que foi arrendando, podendo-se-lhe atribuir grande parte da valorização dessa imensa duna, hoje já muito cultivada.

Nesse distrito possuia as quintas do Paço da Ermida, a da Vista Alegre e a do Silveira.

A primeira ficou a seu filho Alberto e a última a seu filho Augusto. Era também possuidor de várias casas na cidade de Aveiro e de algumas marinhas. Só em Aveiro, pois, poderia ser considerado um importante industrial e lavrador.

No distrito de Coimbra possuia várias propriedades no Choupal, alguns dos conventos então vendidos pelo Estado naquela cidade e bastantes terras em Soure, Trouxemil, Verride, etc. Também era proprietário da importante quinta do Rol, perto de Ançã, no campo de Coimbra, que ficou a seu filho Alberto.

Adquiriu, no ano em que faleceu, a grande quinta de Fôja, em Montemor-o-Velho, antiga propriedade dos frades crúzios e cónegos regrantes de Santa Cruz, e que ficou a seu filho José.

Essa grande propriedade, que estava completamente reduzida a um pântano, devido ao assoreamento do leito do Mondego, foi posteriormente drenada e transformada em belos arrozais e milharais. Possui uma fábrica de descasque de arroz e uma caudelaria, cujos produtos cavalares são dos mais apreciáveis do país.

¹ Na Cidade onde ainda há pouco foi a Escola Industrial.

² No Alboio, para aproveitamento do sal das salinas de Aveiro.

O LIVRO DO SEU CENTENÁRIO

No distrito do Pôrto tinha:

A quinta de Cete (já herdada, em parte, de seu pai) no concelho de Paredes, que ficou a seu filho Justino;

O Convento da Costa e sua tapada, em Guimarães, e vários prédios na cidade do Pôrto, que deixou a sua filha D. Maria Eduarda;

A quinta do Espírito Santo (já herdada de seu pai) e a das Grades Verdes, perto da Granja, que ficaram a sua filha D. Felicidade.



LITOGRAFIA COM OS RETRATOS DO FUNDADOR E SUA FAMÍLIA



CHAVE DA GRAVURA ACIMA

A, FUNDADOR; — B, SUA MULHER D. BÁRBARA; — C, ESPÔSA DE SEU FILHO JOSÉ. 1 A 9 E 11 A 15; — SEUS FILHOS CONFORME MARCA A 1.ª FÔLHA DA HISTÓRIA DA SOCIEDADE, NÃO FIGURANDO SEU FILHO JOAQUIM POR SE ACHAR AUSENTE NO ESTRANGEIRO. — a, b, c, SEUS NETOS, REINALDO, BÁRBARA E LEOPOLDO, FILHOS DE JOSÉ F. PINTO BASTO JÚNIOR

No distrito de Braga: alguns prédios em Cabeceiras de Basto.

No distrito de Vila Real: a quinta do Malvedo (Castedo) no Douro, deixada a seu filho Justino.

A FÁBRICA DA VISTA ALEGRE

No distrito de Bragança: a quinta do Nogueira — antiga tapada dos Távoras — que ficou a seu filho Teodoro.

No distrito de Lisboa: vários prédios, palacetes e umas quintas em Queluz (casal do Ulmeiro), etc., que ficou a seu filho Joaquim.

No Alentejo: as herdades da Defesa dos Barros e do Moutinho, em Aviz, e mais outras cinco em Fronteira.

Dizia-se, é claro que com exagêro, que viajando em Portugal podia ficar em cada noite numa casa sua.

O Príncipe de Joinville, no seu livro *Les vieux souvenirs*, em que relata vários episódios da sua viagem em Portugal, em 1842, com o Duque de Aumale, diz o seguinte:

«Un peu avant d'arriver à Coimbra, nous rencontrons sur le chemin une grande famille du pays, les Pinto-Basto, en voyage. Les dames sont en litières, portées chacune par deux mules empanachées, les hommes sont à cheval, en grands bonnets, culottes et riches vestes de velours à boutons d'argent. Tous ont la couverture bariolée sur l'épaule et sont armés de cet immense baton dont les Portugais savent si bien se servir. Cette caravane a fort bon air; en la regardant passer on se croirait au xvi siècle.»

Acompanha esta notícia um pequeno desenho que quer representar D. Bárbara viajando de liteira, acompanhada de seus filhos e criados.

O que muito o molestou nos últimos anos da sua vida foi o pleito que lhe moveu um dos seus sócios no contrato do Tabaco — Manuel Joaquim Pimenta — que mais tarde também atacou o conde de Farrobo e concorreu para a sua queda. Pimenta, incontestavelmente hábil, era sem dúvida dotado de um carácter pouco escrupuloso.

O LIVRO DO SEU CENTENÁRIO

Para evitar o pagamento a José Ferreira Pinto Basto do que lhe devia pela liquidação do contrato do Tabaco, findo em 1840, de que Pimenta era o caixa, inventou irregularidades na liquidação do contrato anterior, de que aquele havia sido caixa. Depois de levantar várias injúrias, Pimenta demandou-o judicialmente.

José Ferreira Pinto Basto, ainda em vida, e sua família, depois da sua morte, julgando-se no dever de o desafrontar, defenderam-se das calúnias propaladas.

Pimenta, após um tardio arrependimento, pagou e acabou por fazer publicamente a seguinte declaração em 6 de Agosto de 1842¹:

«Para tranquilizar a minha consciência e desagrar a memória do Il.^{mo} Sr. José Ferreira Pinto Basto e a probidade da sua família, por mim séria e gravemente ofendida, declaro que sempre estive e estou convencido do contrário de tudo o que fiz publicar em desabôno dêles, e para satisfação dessas ofensas faço esta muito espontânea declaração.

«Lisboa, 6 de Agosto de 1842. — *Manuel Joaquim Pimenta.*»

No elogio histórico de José Ferreira Pinto Basto, pronunciado por José Estêvão Coelho de Magalhães, em 1839, no Conservatório Real de Lisboa, êste notável orador enalteceu os dotes excepcionais do Fundador da Fábrica da VISTA ALEGRE, fazendo realçar as suas qualidades de carácter e de cidadão, o seu patriotismo e os seus assinalados serviços à causa liberal. José Estêvão, com a sua natural fluência, disse nesse elogio que José Ferreira Pinto Basto «entregando-se à vida comercial pressentiu logo a índole civilizadora do comércio, as suas tradições primitivas de liberdade, o alcance dos seus

¹ Vide *Revolução de Setembro*, n.º 514, de 17 de Agosto de 1842, fl. 4, e documento em poder de D. Albertina Aires de Gouveia Pinto Basto.

A FÁBRICA DA VISTA ALEGRE

trabalhos, a esfera das suas virtudes, e achou assim nas inspirações do seu génio as tendências do século em que vivia», e acrescentou «que dominado profundamente por essas tendências do seu tempo, convencido da proficiência desses princípios, votou todo o caudal do seu espírito, tódá a cópia dos seus meios às empresas industriais, e exercitou nelas com entusiasmo a sua paixão pelo engrandecimento público, e os seus sentimentos de beneficência»¹.

Assinalando a sua passagem pela Casa Pia, como provedor, José Estêvão disse que José Ferreira Pinto Basto «considerou o diploma que o mandava cuidar daquela orfandade desvalida, como alvará de perfilhamento e recebeu na sua família os filhos de tantas outras famílias».

Qual a acção protectora, por êle dispensada às Belas Artes, provam as distinções com que o Conservatório o honrou e a incumbência do seu panegírico ao mais brilhante dos oradores da época.

O Fundador da Fábrica da VISTA ALEGRE foi, pois, essa individualidade de múltiplos aspectos: negociante, industrial, lavrador e político, êsse homem ilustrado, protector das artes, da instrução e das instituições de caridade, que de 1812 a 1839 ocupou distintamente um lugar de verdadeiro destaque na sociedade portuguesa.

Quando faleceu, em 1839, cinco anos apenas depois da queda do miguelismo, seus filhos eram ainda novos. Só seu filho José, o mais velho, tinha sociedade com seu pai no contrato dos Tabacos. Todos, porém, se agruparam na casa comercial que tomou o nome de «Viúva Ferreira Pinto & Filhos»².

D. Bárbara Inocência exerceu uma importante acção educadora

¹ *Memórias do Conservatório*, 1.^a série, 2.^o tomo, fl. 17.

² Era assim designada no catálogo de Batalha, já citado.

O LIVRO DO SEU CENTENÁRIO

sobre seus filhos. Era uma pessoa de autoridade que se impunha a toda a família. Deram-lhe o nome de Inocência por sua mãe ter falecido quando do seu nascimento. Foi educada por sua tia D. Isabel Allen.

Em 1833 foi louvada por ordem de S. M. o Duque de Bragança — Regente : « pelo seu generoso e patriótico procedimento subcrevendo com 5 contos, produto das suas jóias, para o empréstimo patriótico. »

Era muito respeitada e querida pelo pessoal da VISTA ALEGRE, que lhe ofereceu em tempo um almôço ao ar livre, tendo construído uma mesa em recinto especial e separado ; porém, aquela senhora não quis aceitar essa distinção, dizendo que preferia ficar sentada à mesma mesa com os seus operários.

José Ferreira Pinto Basto, na educação que proporcionou aos filhos, procurou, quanto possível, instruí-los, fazendo-os viajar pelo estrangeiro.

José foi educado em Inglaterra.

Duarte foi adido na legação de Paris.

Teodoro foi para Londres, como vimos, acompanhar seu tio João e fez parte, ali, de uma casa denominada « Pinto, Peres & C.^a ».

Augusto esteve em Sèvres e mais tarde foi para Londres, como testamenteiro, liquidar a herança de seu tio João.

Joaquim esteve estudando na Alemanha e em França, onde seu pai o mandou aperfeiçoar em química.

Anselmo, formado em direito, também viajou em Inglaterra e Alemanha.

Educados com tendências liberais, enfileiraram nos partidos mais avançados, tomando parte nas lutas políticas que se sucederam à implantação do constitucionalismo.

A FÁBRICA DA VISTA ALEGRE

Na formação dos vários batalhões de voluntários de Lisboa, em 1834, Duarte Ferreira Pinto Basto foi eleito e nomeado tenente-coronel do 19.º batalhão da Guarda Nacional ¹.

Quando da «Belemsada», D. Maria II via com maus olhos a família Pinto Basto; para obrigarem a Rainha a escolher, contra vontade, para comandante de um outro batalhão um dos filhos de José Ferreira Pinto Basto, conta-se que os organizadores apresentaram-lhe uma lista triplíce com os nomes de três irmãos.

Na revolução da «Maria da Fonte» tomaram parte contra os Cabrais. Justino Ferreira Pinto Basto, *gentleman* muito conhecido na sociedade do Pôrto, foi Ministro da Marinha no governo da Junta Patulea do Pôrto, que, como se sabe, durou onze meses e só foi vencida pela intervenção estrangeira.

Anselmo Ferreira Pinto Basto também foi então para Caminha, com o Conde das Antas ².

Como Ministro da Junta, Justino Ferreira Pinto Basto tratou de aproveitar a influência dos irmãos que estavam na VISTA ALEGRE para criar ali um núcleo de força, em proveito do seu partido. Organizou-se ali o Batalhão Nacional da Vista Alegre, com pessoal da Fábrica e tendo por comandante Alberto Ferreira Pinto Basto, com o posto de tenente-coronel.

No seu estado maior figuravam também:

João Maria Rissoto, director da Fábrica, como major.

João António Ferreira, mestre, como ajudante.

¹ D. Albertina Aires de Gouveia Pinto Basto tem a bandeira d'êste batalhão, a qual foi bordada pelas irmãs de Duarte Pinto Basto.

² Offício de 17-10-46 do Marquês de Loulé para o Conde das Antas, Patulea, fl. 340, publicação da Real Biblioteca Municipal do Pôrto.

O LIVRO DO SEU CENTENÁRIO

O batalhão compunha-se de quatro companhias cujos capitães eram : António Dias, João Xavier Esteves, Manuel António Ferreira e João Francisco Grilo.

Possui a Fábrica, no seu arquivo, a lista dos alistados nesse ba-



BANDEIRA DO 19.º BATALHÃO DA GUARDA NACIONAL

BORDADA PELAS FILHAS DE J. F. PINTO BASTO

talhão. É um documento curioso pelos nomes que nêles figuram, e cujos apelidos são ainda os de muitos dos actuais operários da Fábrica, que descendem portanto dêsses militantes da causa liberal. Eis alguns dêsses nomes :

José Pereira Capote, António Ramos, Manuel Chibante, Francisco

A FÁBRICA DA VISTA ALEGRE

Rocha, José Madail, Ezequiel Miler, Sá e Castro, Francisco Vareiro, João Monge, António Lourenço, Francisco Sarabando, Manuel da Costa Pimpão, Manuel Bonito, José António de Magalhães, Manuel Tomé, Manuel da Silva, Manuel Torrão, Fernandes Borrelho, etc.

Não sabemos até que ponto o batalhão da VISTA ALEGRE pôde concorrer para a sustentação da Junta do Pôrto.

A despeito da forma como, no livro *Maria da Fonte*, Camilo Castelo Branco depreciativamente a êsse batalhão alude, o que é certo é que se bateu e ofereceu resistência.

É claro que não se poderia exigir que êsse grupo de operários se apresentasse como um batalhão militar disciplinado, aguerrido e bem municiado, mas o alistamento de uma população industrial importante representava um valor moral que muito favorecia a causa dos que lutavam contra o poder de Costa Cabral. O entusiasmo e a fé dos que assim abandonavam a oficina, para ir lutar contra tropas regulares, deveria influir no ânimo das outras povoações.

E o batalhão não representou apenas uma teórica acção de propaganda, em favor da revolução. Em 28 de Outubro de 1846 apresentou-se à Junta do Pôrto e tomou parte na acção de Valpassos, em 16 de Novembro do mesmo ano. Quando entrou no Pôrto pôs-se à sua frente o Visconde de Sá da Bandeira, que por esta forma quis honrar êste batalhão ¹. Só capitulou, mas sem entregar as armas, pela convenção de Gramido, em 1847, em que o conde das Antas entregou o exército da Junta ao general Concha, comandante do exército espanhol de 25.000 homens que veio em socorro da Rainha.

As praças do batalhão eram fardadas, mas não sabemos como era a farda. Pela narrativa do referido livro de Camilo Castelo Branco parece que usavam barretes (carapuços) em vez de bonés. Dessa

¹ Vide *A Vista Alegre*, Marques Gomes, fl. 36.

O LIVRO DO SEU CENTENÁRIO

narrativa igualmente se conclui que foram batidas pela gente de Macdonel, o general que protegia a causa miguelista, mas que parecia feito com o governo de Lisboa, sendo então também tirados a Alberto Ferreira Pinto Basto os dois cavalos que levava.

Tudo isto terminou, mas em política a Fábrica continuou acompanhando sempre os partidos populares. Nunca deixou de ser um baluarte patulea. O hino da Maria da Fonte foi e continua sendo o hino da Fábrica.

Esteve sempre ao lado de José Estêvão e mais tarde de José Dias Ferreira, que casou com D. Amélia, filha de Augusto Ferreira Pinto Basto.

Os dez filhos de José Ferreira Pinto Basto pode afirmar-se que formaram um grupo de homens de valor, cada um conforme as suas vocações e a sua esfera de actividade, tendo depois da morte de sua mãe constituído uma nova sociedade denominada «Ferreiras Pintos Irmãos», com sede ainda na casa da Boa Vista.

Continuaram também a tradição paterna de iniciativa industrial, embora com resultados menos favoráveis.

Com Bernex e outros, fundaram a primeira fábrica de açúcar que existiu no país e que foi estabelecida na Junqueira.

José Ferreira Pinto Basto Júnior, além de deputado, foi sócio honorário da Academia das Belas Artes; fêz parte da primeira direcção da Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses e da Companhia de Navegação do Tejo e Sado. Foi também iniciador da indústria mineira no país (minas de Aljustrel e Braçal).

Anselmo Ferreira Pinto Basto, que mais tarde foi vereador da Câmara Municipal de Lisboa, fundou a indústria das carruagens (na R. do Arco a Jesus). Pela primeira vez, sob a sua direcção, se fabricaram em Lisboa carruagens modernas, destronando assim as arcaicas segas e traquitanas em que nossos avós se transportavam.

A FÁBRICA DA VISTA ALEGRE

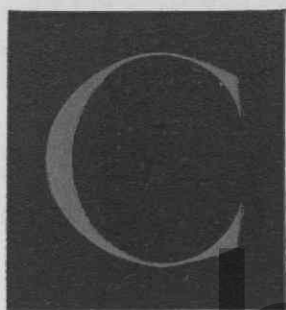
Os filhos de José Ferreira Pinto Basto assim conservaram com brilho as tradições de seu pai. Êles, com a figura prestigiosa de sua mãe, fizeram com que a casa de St.º Amaro continuasse a ser um centro freqüentado e amado da sociedade lisboeta até 1858.

Depois disso dispersou-se a casa e cada um dedicou a sua actividade conforme a sua inclinação e os seus interesses. Na VISTA ALEGRE, porém, continuaram unidos os esforços da Família, indo já na 7.ª geração os Pinto Basto que nessa Fábrica trabalham pela conservação e prestígio da tradição legada pelo Fundador.

bibRIA



A fundação da Fábrica



COMO já vimos, na sua acção industrial o Fundador, depois de ter dirigido e instalado várias indústrias, pensou na de cristais, porcelanas e produtos químicos, qualquer delas de grande interesse técnico e importância económica, sendo porém as duas primeiras o seu principal atractivo, dada a feição artística dos seus produtos.

Certamente em muito aprêço deveria ter êsses objectos quem possuía formosos cristais ingleses e franceses e belas porcelanas da China¹, vindas nos seus navios que para Macau faziam o tráfico do Contrato do Tabaco.

Foram essas indústrias predilectas que foi estabelecer na Vista Alegre.

José Ferreira Pinto Basto, depois de ter adquirido, em 1812, a quinta do Paço da Ermida, comprou, nas suas cercanias, como já dissemos, em 1815, a quinta da Vista Alegre e tôdas as suas pertencen-

¹ Além de vários objectos em poder ainda da família, há um serviço da China, com o seu monograma, existente no Pôrto, parte na posse do Ex.^{mo} Sr. V.^{de} de Gandara e parte na do Ex.^{mo} Sr. Honório de Lima.

A FÁBRICA DA VISTA ALEGRE

ças. Entre estas figurava a capela de N. S. da Penha de França, que conjuntamente com várias dependências constituia uma espécie de santuário onde o povo acudia para as suas devoções e para a realização de várias festas. Alguns dizem ter ali havido um seminário.

Se José Ferreira Pinto Basto adquiriu essa quinta já com a idea de ali pôr a funcionar a sua Fábrica ou se só depois de a adquirir é que pensou em a destinar a estabelecimento industrial, nada pudemos averiguar ao certo.

Supomos que a compra da quinta não obedeceu a qualquer propósito determinado, tanto que o sr. Marques Gomes diz ter o Fundador da Fábrica chegado a entabolar negociações para adquirir a quinta dos Santos Mártires, junto de Aveiro, e que, só depois de ter desistido de a comprar, por fazer parte de um vínculo, é que se decidiu a instalar a Fábrica na Vista Alegre.

Há quem conjecture que a escolha do local, isto é, Aveiro ou perto de Aveiro, se deve attribuir à circunstância da tradição indicar como sendo daquela região o barro de que Bartolomeu da Costa obteve a porcelana para as medalhas de que foi autor.

Pode ser que essa tradição de alguma forma influísse nessa escolha, mas quere-nos parecer que pouco para isso concorreu. José Ferreira Pinto Basto, nos seus empreendimentos, dedicou a Aveiro especial predilecção e simpatia, talvez por ter ali já várias propriedades.

Se a Vista Alegre fôsse destinada só à fabricação de louça, ainda tal hipótese poderia ter fundamento sério, mas foi também destinada a vidros, e foi este ramo, o que primeiro se instalou e desenvolveu. Além, pois, dessa simpatia pela região, parece-nos que devemos antes attribuir tal escolha à proximidade da enorme gândara de pinheiros que se estende de Quintans a Cantanhede e que poderia, a exemplo dos pinhais de Leiria, alimentar os fornos de vidro na VISTA ALEGRE, como aqueles alimentavam os da Marinha Grande, fábrica que

O LIVRO DO SEU CENTENÁRIO



ESTATUTOS
DA
REAL FABRICA
DE
PORCELANA, VIDRO, E
PROCESSOS CHIMICOS,
ERECTA NO SITIO
DA VISTA-ALEGRE,
TERMO DE ILHAVO, COMARCA DE AVEIRO.

FRONTISPICIO DA PROVISÃO RÉGIA DE 1824

A FÁBRICA DA VISTA ALEGRE

inspirou a iniciativa do Fundador e cujos privilégios êle semelhantemente requereu e obteve por alvará de 1 de Julho de 1824, concedido por El-Rei D. João VI, documento interessante que neste capítulo reproduzimos dos exemplares existentes no tombo da Fábrica.

Por provisão régia de 1826 foi também concedido à VISTA ALEGRE o « privilégio exclusivo por 20 anos para o fabrico da porcelana, vidros e processos químicos » e bem assim « a absoluta proibição de se exportarem as matérias primas para a porcelana, descobertas pelo suplicante ».

Em 1828 e 1829 novos privilégios ainda lhe foram permitidos, a saber :

1.º concedendo-lhe a protecção régia, o título de Real Fábrica e confiando aos cuidados da Junta do Comércio os meios de a fazer prosperar (igual ao alvará da Fábrica de Linhares);

2.º que a Sociedade gozará somente o exclusivo para a manufactura da porcelana por 20 anos (rectificando a provisão de 1826);

3.º que os mestres, officiais e aprendizes da Fábrica sejam obrigados a cumprir os seus ajustes, durante os quaes será prohibido a outra fábrica recebê-los sem autorização do Fundador ou seu representante (igual ao alvará da Fábrica de Sêdas);

4.º nomeando jurisdição especial para as questões judiciaes da Fábrica;

5.º que os caminhos para o serviço da Fábrica sejam conservados em bom estado (igual ao da Fábrica de Linhares);

6.º que a Fábrica poderá adquirir terrenos por aforamento de baldios e por adjudicações *coactas*;

7.º considerando a Fábrica e seus terrenos propriedade indivisível, devendo conservar-se inteira e não podendo desmembrar-se, seja por partilhas de herdeiros ou de credores de qualquer dos sócios, po-

O LIVRO DO SEU CENTENÁRIO

DOM JOÃO por Graça de Dêos Rey do Reyno Unido de Portugal, Brazil, e Algarves, d'aquém, e d'além Mar em Africa, Senhor de Guiné, &c. Faço saber, que José Ferreira Pinto Basto Me representou por sua petição, que elle pretendia erigir para estabelecimento de todos os seus filhos com igual interesse, ainda mesmo os menores, logo que cheguem á idade competente, huma grande Fabrica de Louça, porcelana, vidraria, e processos chimicos na sua Quinta chamada da Vista-Alegre da Ermida, Freguezia de Ilhavo, Comarca d'Aveiro, vizinha á barra, pedindo-Me que Eu Houvesse por bem de Authorizar este Estabelecimento na fórma proposta, e conceder-lhe a Izenção de Direitos de todos os materiaes que necessarios lhe forem para a sua laboração; assim como tambem das manufacturas que exportar para o Brazil, ou para qualquer parte deste Reyno, e dos Paizes Estrangeiros, e todas as mais Graças, Privilegios, e Izenções de que gozão, ou gozarem de futuro as Fabricas Nacionais, e particularmente a dos Vidros da Marinha Grande, no que lhe forem applicaveis: E Tendo Eu consideração ao dito requerimento; e Constando-Me por informação do Corregedor da Comarca, a que Mandei proceder, que o projectado Estabelecimento deve ser de grande utilidade para os povos, pela vastidão dos seus differentes ramos; que he construido em edificio proprio, em que já se tem feito avultadissimas despesas; que o seu local he o mais vantajoso, por ficar nas margens de hum rio navegavel, rodeado de pinheiros, e outras materias combustiveis, assim como de excellentes barros, arêas finas, e brancas, e seixo cristallizado, tudo proprio para as vidrarias, e porcelanas, como se tem verificado por felizes ensaios; e finalmente que o supplicante he hum dos Negociantes mais ricos, e grande proprietario de muitos prédios, tanto naquella Comarca, como nas do Porto, e Penafiel, sendo além disso dotado de hum genio empreendedor, a quem as difficuldades não embaraço, nem desanimão as despesas: por todos estes motivos = Hey por bem de approvar o mesmo Estabelecimento na fórma pedida, concedendo-lhe todas as Graças, Privilegios, e Izenções, de que gozão, ou vierem a gozar as outras Fabricas de idetica natureza; e Mando a todas as Justicas, e mais Pessoas a quem o conhecimento desta pertencer, que assim o cumprão, e fação cumprir como nella se contem, sem dúbida, ou embaraço algum. ElRey Nosso Senhor o Mandou pelos Ministros abaixo assignados, Deputados da Real Junta do Commercio, Agricultura, Fabricas, e Navegação. Anselmo de Souza Machado Corrêa e Mello a fez. Lisboa em o primeiro de Julho de mil oitocentos e vinte e quatro. Desta oitocentos réis. No impedimento do Deputado Secretario: José Antonio Gonçalves a fez escrever.

José Manoel Placido de Moraes.

José Antonio Gonsalves.

PROVISÃO RÉGIA DO 1.º DE JULHO DE 1824

AUTORIZANDO O ESTABELECIMENTO DA FÁBRICA

A FÁBRICA DA VISTA ALEGRE

dendo neste caso somente executar-se os interesses pertencentes aos mesmos (igual ao alvará da fábrica de Alcobaça);

8.º concedendo ao Fundador, sócios, operários e pessoas que façam vendas por conta da Fábrica tôda a ajuda de que carecerem nas conduções;

9.º isentando do serviço militar os oficiais e operários (conforme o alvará da fábrica de Sá) e concedendo ainda outros pequenos privilégios sobre fianças e dispensa de apresentação aos tribunais.

Em 1832, ainda durante o governo de D. Miguel, por provisão de 24 de Maio dêsse ano, foi concedido à VISTA ALEGRE que os seus comissários de venda pudessem usar sobre o pórtico das suas lojas as armas reais com o título de « Porcelana, Vidros e processos químicos », gozando dos privilégios que lhes competem como empregados da sobredita Fábrica.

Foi, pois, como vimos, em 1824 que ficou autorizado o funcionamento da Fábrica, a qual já se achava construída, tendo-se para isso também adaptado a oficinas algumas das dependências da antiga capela. Do que era a Fábrica primitivamente pode fazer-se ideia pelas duas gravuras que reproduzimos no princípio dêste livro ¹.

Essas litografias são feitas segundo desenhos de Rousseau, pintor de porcelana da VISTA ALEGRE e passadas à pedra por Edouard e Eugène Brohy, professores de desenho e gravura em Lisboa.

Idênticas vistas se encontram numa chapa de cobre existente no museu que há pouco se encontrou no jardim da casa do antigo

¹ Litografias insertas no *Tratado elementar de geografia*, D. José de Urcullu, Tipografia Comercial Portuense, L. de S. João Novo, n.º 12. Pôrto, 1837.

O LIVRO DO SEU CENTENÁRIO

director Rissoto e na decoração de uma saboneteira existente no museu da Fábrica.

A antiga capela tinha jardins de ambos os lados, como se vê dêsses desenhos. Ao fundo dos jardins ficavam, de um lado, a sacristia, que ainda hoje existe na casa de habitação da família dos proprietários, por êsse tempo ampliada, e do outro lado várias dependências, onde hoje está a oficina de pintura, cuja portada e escadaria de pedra, que davam então acesso a um terraço que em plano inferior se estendia sobre a Ria, se reconhecem ser de construção antiga.

A fábrica de vidro foi construída onde hoje funcionam os fornos de louça, a poente do portão principal da Fábrica. A seguir, na direcção da Ria, estabeleceu-se a fábrica de porcelana. Junto à Ria ficavam os depósitos e a moagem dos barros.

Logo de principio foi instituído um laboratório, sendo dêle encarregado D. Eusébio Roiz, official emigrado do exército espanhol.

Instalada assim a Fábrica, foi o vidro que primeiramente se fabricou. O fabrico das porcelanas teve um longo periodo de 10 anos de aprendizagem, atendendo a que era uma indústria nova no país e à dificuldade de achar as matérias primas necessárias. Por isso o reverendo Kinsey, no seu livro *Portugal Illustrated*, impresso em 1829, em Londres, dizia «que pelas amostras examinadas, os vidros da Fábrica da VISTA ALEGRE, ainda na infância, tinham tôdas as probabilidades de ser um produto de boa qualidade, mas que a manufactura da porcelana que estavam experimentando parecia não vir a ser um empreendimento muito lucrativo.»

bib**RIA**



História da sociedade



COMO se vê do alvará de 1 de Julho de 1824, o Fundador associou na Fábrica da VISTA ALEGRE os seus 15 filhos, ficando a sociedade denominada « Ferreira Pinto & Filhos ».

Seus filhos eram os seguintes:

- 1 — José.
- 2 — Duarte.
- 3 — Teodoro.
- 4 — Felicidade, casada com seu primo José Teixeira P. Basto.
- 5 — Augusto.
- 6 — Alberto.
- 7 — Júlio, sepultado na Vista Alegre; faleceu com 23 anos.
- 8 — Maria Eduarda, casada com seu primo Custódio Teixeira Pinto Basto.
- 9 — Domingos.
- 10 — Joaquim.
- 11 — Emília, casada com José de Avilez.
- 12 — Justino.
- 13 — Anselmo.

A FÁBRICA DA VISTA ALEGRE

14 — Guiomar Carolina, casada com seu primo José Allen.

15 — Frederico.

Por morte do Fundador, em 23 de Setembro de 1839, seus filhos ficaram em sociedade com sua mãe D. Bárbara Inocência Allen Ferreira Pinto, sob a denominação de: « Viúva Ferreira Pinto & F.^{os} »¹.

Em 26 de Julho de 1866, depois da morte de D. Bárbara (em 1858) regularizou-se a sociedade, constituindo-se uma primeira parceria com treze quinhões (visto Júlio e D. Emília terem falecido), para continuar na propriedade e laboração da Fábrica (escritura nas notas do tabelião Pimentel Calisto, em Ilhavo). Essa sociedade foi formada por três anos, com o capital de 58.500~~00~~00². Mas findos êstes, tácitamente continuaram os parceiros associados, sendo alguns dêles representados por seus herdeiros e outros pelos cessionários.

Durante a sua vigência:

Duarte vendeu a sua parte à irmã D. Felicidade, mas seu filho Duarte Júnior comprou-a de novo, passando assim indirectamente de pai para filho;

Teodoro, Joaquim, Anselmo e Frederico venderam as suas partes a seu irmão Justino;

Augusto vendeu a sua parte aos herdeiros de Justino;

Emília faleceu e a sua parte foi liquidada com os herdeiros, em Fevereiro de 1882;

¹ Assim é indicada no catálogo da exposição realizada em Lisboa, em 1844, por A. R. Batalha.

² Nestes estatutos há a seguinte cláusula:

« Os sócios deverão reunir-se no último domingo do mês de Maio, na VISTA ALEGRE, para ver o estado da Fábrica, etc., dando ao mesmo tempo lugar a que assim haja anualmente uma reunião da família, naquele estabelecimento criado para união dela ».

O LIVRO DO SEU CENTENÁRIO

Domingos cedeu a sua parte à neta D. Joaquina, ficando êle com o usufruto.

Assim foi andando esta parceria de irmãos, mas com pouco resultado, visto que, como todos receavam comprometer capitais, nenhum queria entrar com dinheiro. É curiosa a seguinte transcrição do relatório que para a escritura de 1866 se distribuiu:

« Seria necessário dotar a Fábrica com capitais avultados fornecidos pelos actuais interessados ou por sócios que de novo fôsem admitidos.

Não podendo porém ser elevado o capital à sumidade que deve atingir, resta procurar outro meio, ainda que menos eficiente, de melhorar o seu estado presente e de ir gradualmente promovendo o seu desenvolvimento; ou em último caso abandoná-la aos seus próprios recursos para continuar a vegetar como até agora, sem proveito para ninguém e com descrédito para todos, até que outros estabelecimentos de idêntica natureza lhe tomem a dianteira, e de monumento de glória, que sem dúvida deve ser, ela se converta em objecto de escárnio.

Para melhorar o estado da Fábrica é-lhe indispensável um capital pelo menos suficiente para ocorrer aos encargos a que está sujeita.

Mau preságio é para a indústria a falta de capitais precisos para a sua exploração, mas pior ainda o torná-la escrava dos capitais alheios.»

Em 18 de Maio de 1882, nas notas do tabelião Cardoso, em Lisboa, foi formada uma nova parceria, com o capital de 64.800,00, entre os doze parceiros seguintes:

Reinaldo, parte de seu pai José; Duarte, parte de seu pai Duarte; D. Joana V. de Sousa Correia, por falecimento de seu marido Álvaro, parte de Teodoro, adquirida por seu pai Justino; D. Felicidade; Vasco, parte de Augusto, adquirida por seu pai Justino; Alberto, parte de seu pai Alberto; Custódio Teixeira Pinto Basto, parte de sua mulher, já falecida; D. Joaquina de Avilez F. Pinto Basto, parte

A FÁBRICA DA VISTA ALEGRE

de seu avô Domingos; D. Maria Helena, parte de Joaquim, adquirida por seu pai Justino; Gustavo, parte de Frederico, adquirida de seu pai Justino; D. Bárbara Camila, parte de Anselmo, adquirida por seu pai Justino; Teodoro, por sua mulher D. Beatriz Allen, parte de sua mãe D. Guiomar.

A escritura desta nova parceria regularizou melhor o regime da vida da sociedade por meio de estatutos com uma forma comercial, mas capital trouxe pouco e por isso quási nada adiantou para o desenvolvimento da Fábrica.

Nesses estatutos há o seguinte artigo:

« A parceria tem o direito de opção a qualquer quinhão pelo valor do último balanço e só no caso de nem a sociedade nem os compartes a quererem, poderão alienar, isto a fim de conservar a VISTA ALEGRE quanto possível na posse dos descendentes do Fundador José Ferreira Pinto Basto. »

A administração ficou a cargo dos três sócios: Duarte, Teodoro e Gustavo.

Em 1909, Duarte adoeceu e foi substituído por Anibal de Sá, marido de D. Joaquina. Passado tempo, êsse novo administrador pediu escusa e foi substituído por Alberto Ferreira Pinto Basto.

De 1882 até adoecer, em 1909, Duarte Ferreira Pinto Basto foi o Administrador-Gerente. Anteriormente, de 1878 a 1882, no tempo do administrador Domingos, havia sido simplesmente Director da Fábrica.

De 1909 a 1920 foi Administrador-Gerente Gustavo Ferreira Pinto Basto.

Durante a vida da última parceria, houve as seguintes alterações nos sócios:

A parte de Reinaldo passou a Alfredo Pinto Basto; a de Duarte

O LIVRO DO SEU CENTENÁRIO

passou a sua mulher D. Albertina Aires de Gouveia; a de D. Joana passou a sua filha D. Maria Isabel, que a vendeu a Alberto Teodoro, passando, por morte dêste, para seu filho João Teodoro; a de D. Felicidade passou a seu filho Adolfo, o qual a legou a Alberto Júnior; a de Vasco foi adquirida pela parceria em 10 de Junho de 1888; a de Custódio passou a sua neta D. Joaquina, que a cedeu a sua filha D. Maria Francisca; a de D. Maria Helena foi legada a Gustavo, que a cedeu a seu sobrinho Joaquim Leite Pinto Basto; a de D. Bárbara passou a seu irmão Gustavo e a de Teodoro e D. Beatriz passou a sua filha D. Laura.

Estava, pois, a sociedade reduzida a onze quinhões (por ter sido adquirido pela parceria o de Vasco), pertencentes então aos seguintes parceiros:

Alfredo, D. Albertina Aires de Gouveia, João Teodoro, Alberto Júnior, Alberto, D. Maria Francisca, D. Joaquina, Joaquim Leite, Gustavo (dois quinhões) e D. Laura.

Por se achar cansado, o administrador Gustavo Pinto Basto, deixou em 23 de Abril de 1920, a administração e a gerência da Fábrica, passando a engenheiro consultor. Uma nova administração foi eleita, ficando composta dos sócios João Teodoro, Alfredo Pinto Basto e Aníbal de Sá.

Foi também renovado o lugar de director-gerente da Fábrica, extinto desde 1882, sendo nomeado interinamente o engenheiro Júlio César Carvalho Teixeira e definitivamente, em Outubro dêsse ano, o engenheiro António Jervis de Atougua Ferreira Pinto Basto.

Por iniciativa de João Teodoro, e conforme os estatutos de 1 de Janeiro de 1921, modificou-se a sociedade, constituindo-se em sociedade por quotas, aumentando o capital, e admitindo mais algumas pessoas da família como sócios.

Os sócios que entraram com capital novo foram: Alfredo, mais

A FÁBRICA DA VISTA ALEGRE

15 contos; João Teodoro, mais 10 contos e D. Laura, mais 60 contos, representada por seu marido Manuel Figueira.

Os novos sócios que entraram e que também concorreram com capital novo foram:

E. Pinto Basto & C.^a L.^{da}, com 20 contos; Guilherme Pinto Basto, 20 contos; Alice Pinto Basto, 20 contos; Eduardo Pinto Basto, 20 contos; Frederico Pinto Basto, 20 contos; Henrique Pinto Basto, 15 contos e Ricardo Pinto Basto, 10 contos.

Esta sociedade estabeleceu a sede em Lisboa, no Largo da Biblioteca, 17, onde instalou a sua caixa e organizou a contabilidade, bem como o seu serviço comercial.

Foi a sua constituição registada no Tribunal do Comércio em 19 de Março de 1921 e os estatutos publicados em 26 de Fevereiro do mesmo ano.

Uma modificação a êstes foi publicada no *Diário do Governo*, de 25 de Julho de 1923.

São actualmente administradores: João Teodoro Ferreira Pinto Basto, Manuel Figueira Freire da Câmara, Frederico Ferreira Pinto Basto, Anibal Augusto de Sá e Joaquim Augusto Leite Ferreira Pinto Basto, sendo o primeiro administrador-delegado e o segundo administrador-delegado nos impedimentos do primeiro.

O fim principal da aludida alteração foi obter fundos para ampliar as instalações, aumentar o capital circulante e introduzir sangue novo na sociedade, que viesse colaborar na árdua missão de dar incremento à fabricação e ao movimento da mesma sociedade, que assim ficou com o capital de 650 contos, sendo valorizados os quinhões da antiga parceria em 440 contos (11 quinhões a 40 contos) e sendo de 210 as novas entradas.

Com êste aumento de capital, com vários suprimentos dos sócios e algumas operações de crédito, conseguiu-se encetar a remodelação

O LIVRO DO SEU CENTENÁRIO

das instalações da Fábrica, no que se tem prosseguido com tenacidade, a despeito das mil contrariedades com que presentemente se luta para levar a cabo obras da importância das que foram projectadas.

Preguntar-se há qual a razão da necessidade desses melhoramentos. É simples a justificação.

A Fábrica fôra construída num tempo em que não se dava ainda importância às instalações. As oficinas eram tudo quanto se possa imaginar de primitivo e acanhadíssimas para o fabrico que já então se fazia. As dificuldades financeiras com que anteriormente lutara não lhe permitiram evolucionar e beneficiar os seus edifícios. Sòmente o último administrador-gerente, Gustavo Ferreira Pinto Basto, começara um certo número de melhoramentos, mas com pouco incremento. O que, porém, ainda assim de regular se encontrou foi trabalho seu.

Quanto a maquinismo, o pouco que existia era deficientíssimo e mal instalado.

Nestas condições, manter a Fábrica como estava seria condená-la a sucumbir.

O consumo aumentava e a Fábrica não satisfazia a sua clientela. Êste facto provocava naturalmente o estabelecimento de empresas concorrentes.

Com efeito, uma nova fábrica se fundara já em Gaia, a Electro Cerâmica, com instalações vastas e bem construídas, e com maquinismo numeroso e moderno.

Outra companhia se formara, com largos capitais, para o estabelecimento de uma nova fábrica em Coimbra.

Nesta conjuntura era necessário acudir à VISTA ALEGRE rápida e eficazmente.

Era imprescindível modernizá-la e desenvolvê-la para poder conservar a sua posição e defender-se contra a concorrência. Seria inépcia não aproveitar os elementos que possuía, o potencial técnico

A FÁBRICA DA VISTA ALEGRE

armazenado em tantos anos de experiência, mercado seguro, a sua marca, as suas tradições, o seu pessoal.

Faltava apenas um impulso vigoroso.

Além de se tratar duma indústria que, bem explorada, deveria ser lucrativa e que portanto se não deveria deixar perder, seria também uma questão de capricho para a família Pinto Basto, possuidora de uma instituição tão antiga e de que tanto se devia orgulhar.

Resolveu-se, pois, fazer prosperar a VISTA ALEGRE e dedicar-lhe, embora tardiamente, a atenção que de há muito devia ter merecido tão simpática e atraente indústria.

Procurou-se conservar a sua administração e direcção em membros da família.

O impulso deu-se, e a VISTA ALEGRE, antes que as suas concorrentes a afrontassem, preparou-se para se apresentar perante o público de forma a manter a sua antiga reputação e abastecendo o mercado, se não abundantemente, pelo menos em quantidade suficiente para suprir as necessidades do país que, pode dizer-se, não necessita de importar porcelanas.

O público é testemunha do esforço empregado.

As porcelanas da VISTA ALEGRE são de novo apreciadas e de todos têm merecido elogios. A arte e o bom gosto ressurgiram. Nos seus depósitos em Lisboa e Porto, o público que os frequenta manifesta os seus encómios.

A antiga VISTA ALEGRE, outrora radiante como uma esperança, mais tarde decaída, hoje pode afirmar-se constituir uma indústria valiosa e importante, que honra o país e que economicamente representa um valor importante da riqueza nacional.

Lista cronológica dos Admini- nistradores e Directores da VISTA ALEGRE

ADMINISTRADORES-GERENTES:

Augusto F. Pinto Basto, 1824-1838¹. — Alberto F. Pinto Basto, 1838-1856. — Duarte F. Pinto Basto, 1856-1861. — Domingos F. Pinto Basto, 1861-1882. — Duarte F. Pinto Basto Júnior, com Teodoro F. Pinto Basto e Gustavo Pinto Basto, 1882-1909. —

Engenheiro Gustavo F. Pinto Basto, com Teodoro F. Pinto Basto e Aníbal de Sá, e depois, pela saída dêste, com Alberto F. Pinto Basto, 1909-1920.

Administrador-Delegado, Engenheiro João Teodoro F. Pinto Basto, com Manuel Figueira, Administrador - Delegado substituto, 1920. — Fre-

¹ Dizemos 1838 em vez de 1828, como em 1883 informaram na Fábrica ao Sr. Marques Gomes, porque temos provas de que em 1837 ainda Augusto Pinto Basto estava na VISTA ALEGRE (carta para seu pai, em poder de Alfredo Pinto Basto).

A FÁBRICA DA VISTA ALEGRE

derico F. Pinto Basto, 1920.—Anibal de Sá e Engenheiro Joaquim Leite F. Pinto Basto, 1920.

Directores, António de Almeida Ferreira Duque, 1836-1840.—João Maria Rissoto, 1840-1878.—Duarte Ferreira Pinto Basto, 1878-1882.—(Lugar extinto até 1920).

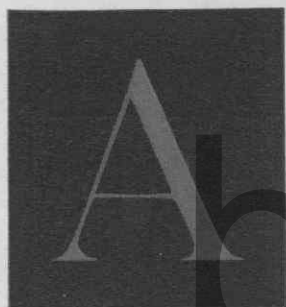
Director-Gerente Engenheiro, António J. de Atouguia F. Pinto Basto (Visconde de Atouguia), 1920.

Como se vê, não só o capital da VISTA ALEGRE tem sido sempre exclusivamente da Família Pinto Basto, mas também é digno de registo que a sua Administração e a sua Gerência Técnica na mesma Família se têm conservado durante um século.

bibRIA



História do fabrico do vidro



fabricação do vidro teve comêço logo após a fundação da Fábrica, em 1824, e com resultados satisfatórios. Os primeiros trabalhos parecem ter sido dirigidos por Francisco Miller, alemão, que veio de uma fábrica de Oliveira de Azeméis e de quem descendeu o penúltimo mestre de porcelana.

Em 1826 passou a ser dirigida por João da Cruz e Costa, vindo de Lisboa, que exerceu essas funções até 1854.

De 1826 a 1828, para ensinar a lapidação, veio um inglês, Samuel Hunles, que educou bastantes aprendizes ¹.

Para a floristagem veio um mestre italiano, mas êste ficou em Lisboa, diz-se que por lhe terem feito constar que o clima, na Vista Alegre, era sezonático. Em Lisboa, durante três anos, ensinou alguns

¹ Urcullu diz no seu livro de 1837:

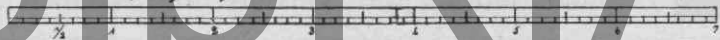
« Os lapidários que se empregam em lapidar o vidro são filhos do país e têm chegado a um tal grau de perfeição que as obras que saem das suas mãos não se podem distinguir das que nos vêm de França ou de Inglaterra. »

A FÁBRICA DA VISTA ALEGRE

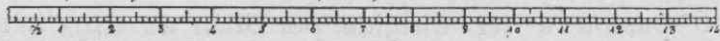
Collecção primeira de desenhos
das peças de vidro e suas peças fabricadas
na
Real fabrica de porcelana, vidro e porcellos chymicos,
da
Vista Alegre
de
Ferreira Pinto e Filhos.
Advertencias.

Todas as peças são desenhadas no seu tamanho natural, a excepção das que são reduzidas a $\frac{1}{2}$, e $\frac{1}{3}$. As que tiverem o característico $\frac{1}{2}$ representam metade do seu tamanho natural, e as que tiverem o característico $\frac{1}{3}$ representam a terça parte de seu existente tamanho natural. Esta redução que não altera em coisa alguma a forma da peça, tem por objecto acomodar em menor espaço e facilitar a vista o prompto conhecimento de todas as peças da manufactura que se achão à venda nos armazens da dita fabrica, nos quaes se achão as mesmas peças aqui contidas, brutas e se querido o melhor e mais moderno gosto também na dita fabrica e seus depósitos se achão vidros lapidados de todos os quallos sem differença alguma tanto em maço d'obra, como na materialidade e constituição dos melhores productos e bem dos passu estrangeiros, quallos na mencionada fabrica e seus armazens se achão a porcelana que ha também vidros de differentes escalettas, servim para a medida as seguintes demonstres acemadas seguintes:

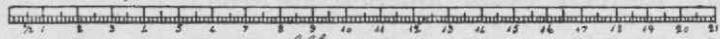
Escala de polegadas para a demonção das peças do tamanho natural.



Esta para a demonção das peças que tem o característico $\frac{1}{2}$.



Esta para a demonção das peças que tem o característico $\frac{1}{3}$.



Abbreviaturas

Ab	Abutantado	8 d	8 d	8 d	8 d
Ap	Apurado	Ab	Abolado	8 d	8 d
Ar	Arredado	Ol	Olado	8 d	8 d
Dr	Deruto	2 d	2 d	8 d	8 d

As peças que quiserem pedir as suas encomendas a esta fabrica devem dirigir se a
Ferreira Pinto e Filhos em Lisboa, Porto, e Arago em todas as cidades e seus depósitos
e armazens da dita fabrica.

O R Lithg. 1829

FRONTISPÍCIO DO CATÁLOGO DOS CRISTAIS
FABRICADOS NA VISTA ALEGRE

PUBLICAÇÃO DE 1829

O LIVRO DO SEU CENTENÁRIO

Manufatura da Vista-Alegre

Est. 5^a



REPRODUÇÃO DA 5.^a PÁGINA DO CATÁLOGO DA FÁBRICA

PUBLICADO EM 1829

A FÁBRICA DA VISTA ALEGRE

aprendizes que vieram da Fábrica para com êle se instruírem. Um dêles, João Ferreira Ribeiro, de Vagos, voltou para a VISTA ALEGRE, para dirigir a respectiva oficina.

No museu da Fábrica existe um exemplar do catálogo ilustrado da VISTA ALEGRE, relativamente a vidros, datado de 1829, cujo frontispício e duas das suas páginas aqui reproduzimos. É um interessante documento que mostra o adiantamento dessa indústria, revelando o que ali então se fazia. É também curioso pela nomenclatura dos objectos fabricados e por indicar quais os preços a que eram vendidos os diferentes artigos.

Depois daquele ano essa indústria ainda mais se aperfeiçoou, como se prova pelos exemplares existentes no museu da Fábrica e em poder de muitos particulares, alguns dos quais são já muito superiores aos que constam do catálogo citado.

Há entre êsses objectos de cristal alguns de verdadeiro valor artístico e que revelam o grau de perfeição atingido pela VISTA ALEGRE. Ignora-se em geral que essa Fábrica tivesse produzido tais objectos, que têm passado por estrangeiros e por autênticos exemplares de cristal inglês, da Bohémia ou de Bacarat. Damos dêles várias gravuras, por onde se pode avaliar da importância dessa indústria, que tanto honrou a VISTA ALEGRE.

O período áureo dessa fabricação parece ter sido de 1837 a 1846. Devem ser dêsse período as peças em cristal com medalhões diversos que se vêem nalguns dos exemplares fotografados.

A VISTA ALEGRE deu também grande incremento ao fabrico de peças para laboratórios como matrases, alambiques, frascos tubulados, retortas, etc.

Em Lisboa a Sociedade Promotora da Indústria Nacional realizava exposições quadrienais e na de 1844 uma série de cristais e

O LIVRO DO SEU CENTENÁRIO

Manufatura da Vista-Algre

Li 6º



REPRODUÇÃO DA 6.ª PAGINA DO CATALOGO DA FABRICA

PUBLICADO EM 1829

A FÁBRICA DA VISTA ALEGRE

porcelanas da VISTA ALEGRE foi ali exposta, merecendo grande apêço, pelos progressos visíveis que revelava.

Pelo respectivo catálogo de A. Batalha, a nós indicado pelo sr. Marques Gomes, e a que já anteriormente nos referimos, se pode saber o que ali se apresentou. Já então se registava a « perfeição na qualidade, o gosto na variedade de tantos objectos e a regularidade de preços, nada deixando a desejar às melhores fábricas de qualquer país » e acrescentava que « só o nobre espírito de nacionalidade que adorna a patriótica família dos proprietários fará animar aos sacrifícios pecuniários feitos em tantos anos de diligências e trabalhos para chegar a obter tão maravilhosos resultados. »

É curioso que para se julgar do estado e do adiantamento da Fábrica, estavam patentes, na exposição, peças estrangeiras ao lado de peças iguais feitas na VISTA ALEGRE.

Em 1846 cessou o fabrico do vidro, para recommençar em 1848, mas só em vidro liso e vidraça. A decadência acentuou-se e os lapidários e floristas foram procurando vida, indo uns para a Marinha Grande e outros estabelecer uma fábrica na Malhada, junto da ponte de Ílhavo, fábrica que pouca duração teve.

Durante êsse segundo período da fabricação ainda vieram alguns outros mestres estrangeiros, que pouco fizeram. Em 1880 acabou de todo o fabrico de vidro na VISTA ALEGRE. Além dos exemplares de cristal que fazem parte do Museu e de uns potes em que se fundia a pasta, nada hoje resta que recorde essa indústria, nem os próprios moldes de bronze, que parece terem sido vendidos como sucata.

É de lastimar êste facto, mas temos de nos curvar perante o inexorável abandono de uma indústria que hoje deveria constituir uma importante riqueza para a Fábrica.

Pelos exemplares vindos à Exposição se vê que os vidros fabri-

O LIVRO DO SEU CENTENÁRIO

cados eram uns moldados, outros lapidados, outros floristados e alguns mixtos, isto é, em parte moldados e em parte lapidados.

Há ainda os exemplares de vidros incrustados com medalhões apresentando retratos de D. Maria II, D. Pedro IV, Duque de Palmela, etc., figuras de destaque do liberalismo que a família Pinto Basto acompanhava, bem como os notáveis copos com os medalhões de Camões, antigamente pertencentes ao Director da VISTA ALEGRE, Augusto Ferreira Pinto Basto, que já em vida os franqueou ao público em uma exposição de Aveiro.

Êstes medalhões são feitos com argila branca provavelmente, o caolino. Por isso tais medalhões em Portugal só devem ter sido feitos na VISTA ALEGRE.

Como principal peça deve mencionar-se o copo actualmente pertencente ao Ex.^{mo} Sr. Pedro Lamas, com o escudo dos Marialvas esmaltado a côres; também um copo decorado a côres, pertencente ao antigo mestre da porcelana na VISTA ALEGRE, João Ferreira e actualmente na posse de seu filho, constitui um importante elemento para a documentação do fabrico do vidro na VISTA ALEGRE.

Alguns notáveis vidros decorados a ouro, igualmente expostos, são mais uma prova da perfeição alcançada no fabrico da VISTA ALEGRE.



EXEMPLAR DE CRISTAL
DA VISTA ALEGRE

A FÁBRICA DA VISTA ALEGRE

A êsses vidros dourados se refere, como já atrás mencionámos, o Catálogo de H. Batalha sôbre a exposição de 1844 em Lisboa.

Há ainda especimes de vidros filigranados. Dois cálices pertencentes ao Museu da Fábrica serão expostos na Exposição.

Por falta de dados não é fácil reconstituir a história do fabrico do vidro na VISTA ALEGRE, mas aqui deixamos esboçados alguns elementos, a fim de que os eruditos os possam completar, auxiliados pela observação dos exemplares apresentados na Exposição, de alguns dos quais aqui deixamos reproduções em gravura.

Assim, de futuro, mais facilmente se poderão identificar os vidros da VISTA ALEGRE.

bibRIA



História do fabrico da porcelana



FUNDADA a Fábrica em 1824, iniciaram-se as experiências para o fabrico de louça.

Diz-se que o primeiro passo dado foi a construção de um pequeno forno feito segundo as indicações de Domingos Reimão, oleiro de Coimbra, e que as primeiras experiências foram realizadas por Bento Fernandes, mestre da fábrica do Rato, com barro de Util, concelho de Cantanhede, e de Talhadeja, concelho de Albergaria.

Pelos exemplares existentes no Museu da Fábrica, podem classificar-se essas primeiras louças como faianças de pó-de-pedra (de argila, seixó e sílex) de pasta não vitrificada (sem caolino). Há algumas ligeiramente translúcidas. Estas louças são escuras e têm um vidrado plumbífero ordinário. Peças há entre elas também sem vidrado.

Era a esta louça que chamavam na Fábrica a louça de «pederneira», não se tendo chegado todavia a apurar nada de perfeito.

De 1824 a 1830 quem superintendia na Fábrica era Augusto Ferreira Pinto Basto, 4.º filho do Fundador, então apenas com 19 anos

A FÁBRICA DA VISTA ALEGRE

de idade e que para ali foi tirocinar e fazer experiências. Acúrcio das Neves, secretário da Junta do Comércio, em 1827, no seu livro *Nações históricas, económicas, etc.*, divulgado pelo sr. Joaquim de Vasconcelos, diz que êle mesmo era o mestre das composições.

Em 1826 foram contratados três oficiais em Saxe, mas só um dêstes se aproveitou. Foi Scorder, oleiro de tórno, que ensinou muitos aprendizes.

Em 1830 foi Augusto Ferreira Pinto Basto a Sèvres para estudar o fabrico da porcelana. Era então director daquela manufactura e escola o ilustre Brogniart. Dali trouxe naturalmente as fórmulas das composições da pasta e do vidro para a porcelana, e por isso se considerou sempre a VISTA ALEGRE como uma filha de Sèvres.

Ainda ultimamente o carinhoso acolhimento prestado em Sèvres ao nosso director, o engenheiro Atouguia Ferreira Pinto Basto, pelo seu ilustre administrador, Monsieur G. Lechevalier Chevignard e seus distinctos colaboradores Baudin, Chefe do fabrico e Bremond, Chefe do laboratório, testemunha a forte tradição que une a VISTA ALEGRE àquela notável escola de arte cerâmica e a benevolência com que a Fábrica portuguesa ali é considerada.

Em vista de na composição vinda de Sèvres entrar principalmente o caolino, foi necessário procurá-lo. Sem êsse barro não se podia fazer verdadeira porcelana dura. José Ferreira Pinto Basto distribuiu amostras do caolino, trazido por seu filho, pelos empregados do Contrato do Tabaco, de que era arrematante, a fim de facilitar as pesquisas.

Todos diligenciavam achá-lo. Afinal, por uma feliz coincidência, achou-se o caolino em Val Rico, no concelho da Feira. Quere dizer, fundada a Fábrica da VISTA ALEGRE sem se saber se haveria caolino no país, nem onde, deparou-se com êsse barro num ponto de onde, com um relativo pequeno percurso em carro, podia ser transportado para Ovar e daí, em barco, pela Ria até à VISTA ALEGRE.

O LIVRO DO SEU CENTENÁRIO

Deve considerar-se êste caso como um verdadeiro sucesso. Êsse achado, que só teve lugar em 1832, foi casual. Como da Fábrica se pedisse a todos amostras de barro branco, o então aprendiz da Fábrica, Luís Pereira Capote, viu que um rapaz vindo do Val Rio à feira da Vista Alegre, trazia uma amostra que lhe pareceu ser do



EXEMPLARES DE 1855

barro que se desejava e que na sua procedência se empregava para caiar as casas. Experimentou-se e verificou-se ser o caolino.

Á VISTA ALEGRE se deve atribuir, pois, a descoberta do caolino. Ás suas diligências, às suas requisições de amostras e à sua activa propaganda para a descoberta dêsse barro se deve o ter-se

A FÁBRICA DA VISTA ALEGRE

encontrado os valiosos jazigos de Val Rico, e mais tarde os de S. Vicente de Pereira, situados mais para o Sul.

Assim estava vencida a grande *etape* de onde havia de surgir a porcelana da VISTA ALEGRE.

Já as fórmulas das composições vindas de Sèvres se podiam pôr em prática.

De 1832 a 1840 foi-se aperfeiçoando o fabrico. No Museu da Fábrica existem bastantes exemplares dos primeiros ensaios de porcelana, a qual a princípio era escura, mal cozida, mas já translúcida.

Em 1837, por cartas dirigidas a seu pai, se vê que Augusto Ferreira Pinto Basto ainda dirigia os trabalhos do fabrico¹. Vê-se, pois, que a data (1824-28) que alguns têm citado como sendo o período da sua direcção na Fábrica, está errada.

Por 1840 mais dois pequenos fornos se construíram. O director de então, João Maria Rissoto, embora sem conhecimentos especiais, dedicou-se activamente ao progresso da indústria.

A estatueta, em *biscuit*, do Fundador, que José Queirós reproduz em gravura na *Cerâmica Portuguesa*, representa José Ferreira Pinto Basto tendo na mão a primeira chávena perfeita que Rissoto lhe trouxe.

Num dos fornos fez modificações, e como todos duvidassem do resultado, ao acabar de cozer, verificando que a louça estava perfeita, disse: «E então?». Esse forno ficou conhecido pelo nome de *Antão*.

¹ Cartas em poder de Alfredo Ferreira Pinto Basto. No livro de Úrcullu, também de 1837, se diz que: «A direcção das duas fábricas—vidro e porcelana—está a cargo de Augusto Ferreira Pinto Basto, os trabalhos dos operários são dirigidos por seu irmão Joaquim e tudo quanto se relaciona com a agricultura está a cargo doutro filho seu o sr. Alberto».

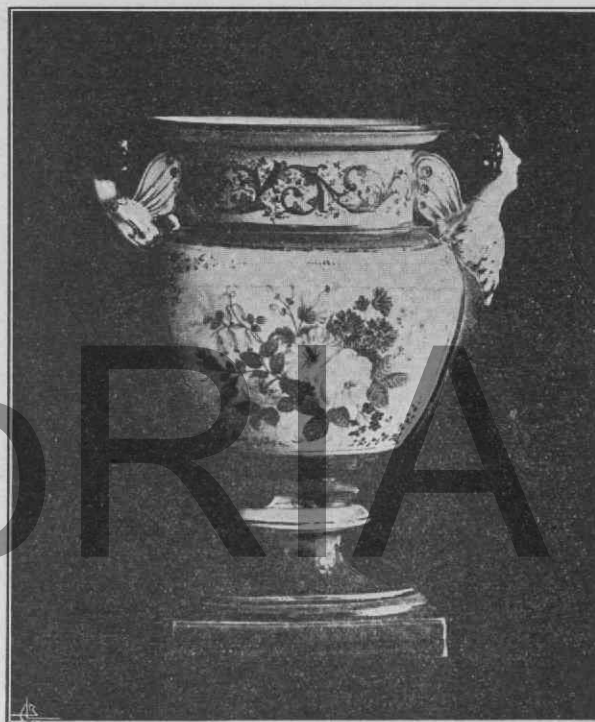
O LIVRO DO SEU CENTENÁRIO

Foram mestres de olaria:

João da Silva Monteiro, de 1826 a 1833; João da Silva Monteiro Júnior, de 1833 a 1836 e João A. Ferreira, de 1836 a 1891.

As composições estavam entregues a empregados especiais e de confiança. Por essa época tratava das composições Manuel Chibante e depois seu filho, João Chibante.

Brogniart, o antigo director de Sèvres, que, como vimos, ali patrocinou os estudos de Augusto Ferreira Pinto Basto, faz no seu *Traité des Arts Céramiques* diversas alusões à Fábrica da VISTA ALEGRE e apresenta várias análises, realizadas por Malaguti, de caolinos e feldspatos portugueses de que essa fábrica lhe enviara amostras.



1840-52

O sr. Charles Le-pierre, abalizado químico e distinto professor do Instituto Superior Técnico de Lisboa, no seu estudo químico e tecnológico sobre a cerâmica portuguesa moderna ⁴, transcreveu essas análises e apresentou os resultados dos vários ensaios por êle próprio organizados

⁴Relatório publicado em 1912 no n.º 78 do *Boletim de Trabalho Industrial*, a fl. 126.

A FÁBRICA DA VISTA ALEGRE

tanto das matérias primas empregadas na VISTA ALEGRE, como da pasta ali fabricada. Pelo estudo comparado dessas análises com as das porcelanas estrangeiras, conclui que a pasta da VISTA ALEGRE se assemelha na sua composição química à da porcelana de Berlim e se acha compreendida no tipo das porcelanas pesadas belgas, alemãs e francesas (de Limoges e Vierson).

Como se viu, João Ferreira foi mestre de porcelana durante 53 anos e foi verdadeiramente durante esse tempo que se começou a fazer boa porcelana.

Pelos exemplares em poder de vários coleccionadores e pelos existentes no Museu da Fábrica, pode afirmar-se que a porcelana fabricada era perfeita, satisfazendo aos requisitos sacramentais: finura, translucidez, desempêno, elegância, vidro branco, transparente, brilhante e homogêneo.

Os fornos de pequenas dimensões facilitavam então a cozedura.

Anselmo Ferreira foi o operário escultor desses primeiros tempos; Cipriano e Patoilo, ainda vivo em Ílhavo, seus discípulos, também o coadjuvaram. Os modelos não eram muitos, mas eram artísticos e elegantes.

Nos últimos anos, porém, do tempo do mestre João Ferreira, as pastas começaram a não satisfazer, havendo muito refugo.

Veio então um forneiro francês, Carrier, sendo sua mulher igualmente empregada na Fábrica. Foi êle que trouxe o processo de cozer as chávenas sobrepostas. No local dos fornos de vidro fez-se um novo forno, no sítio do actual n.º 3, com três andares, sem resultado. A idea era cozer em dois andares e chacotar no superior. Por causa dêste forno foi alteado o telhado do edificio, como ainda hoje está, embora sem necessidade, visto que o referido forno foi daí a pouco modificado.

O LIVRO DO SEU CENTENÁRIO

Atravessou então a Fábrica uma crise aflitiva por causa do refugo a que dava lugar a qualidade da pasta e a do vidrado. A pasta estava sendo muito magra e difícil de manipular.

Por isso foi em 1893 contratado em Limoges o mestre Francis Ronlet, que modificou a pasta e aplicou vidro importado de França.

Por essa data construiu-se o actual forno n.º 1, de maiores dimensões, segundo desenhos adquiridos em Limoges. Mandou-se também vir a primeira máquina para obter pratos. A produção aumentou e aperfeçoou-se, mas os formatos deixavam muito a desejar. Os modelos eram sem graça e defeituosos.

No tempo deste mestre, em 1897, iniciou também a VISTA ALEGRE o fabrico, ao torno e à prensa, de isoladores para aplicações eléctricas, começando logo a VISTA ALEGRE a ser o fornecedor dos telégrafos do Estado português.

No local dos três pequenos fornos antigos, então já demolidos, construiu-se o actual forno n.º 2, de proporções médias, e o forno de três andares foi modificado para o tipo então adoptado, tomando o n.º 3. Havia pois três fornos, tendo-se mais tarde construído mais um pequeno, o actual n.º 4.

Mestre Ronlet faleceu na VISTA ALEGRE em 1899 e foi substituído por Francisco Miller, descendente do antigo mestre das oficinas de vidro. Em 1918 Miller abandonou a VISTA ALEGRE para ir dirigir as oficinas de porcelana da Electro Cerâmica, de Gaia, sendo substituído por José Lino, actual mestre, trabalhando actualmente sob a superintendência do engenheiro chefe do fabrico, Carlos Sampaio.



1840-1852

A FÁBRICA DA VISTA ALEGRE

Só em 1919 se inaugurou o novo forno (n.º 5), igual ao n.º 1, edificado, onde era uma oficina de vidrado, pelo director Gustavo Pinto Basto e já a instâncias do então futuro administrador João Pinto Basto.

Em 1922 foram postos a trabalhar mais dois fornos novos, os n.ºs 6 e 7, construídos pelo novo director o engenheiro António de Atougua Pinto Basto.

Como se vê, nos últimos anos duplicou-se a capacidade de cozedura.

A produção, porém, triplicou-se em relação a 1914 porque a-pesar-de haver anteriormente três fornos grandes e um pequeno, não se cozia mais de duas a três fornadas por mês até 1914, primeiro ano da guerra. Actualmente atinge-se o número de catorze fornadas por mês.

O vidro também tornou recentemente a ser produzido na Fábrica, com matérias primas nacionais.

O trabalho faz-se por tarefa, marcando os oleiros a louça de cada um com um número gravado com cunho de madeira. A Fábrica continua preparando aprendizes de olaria com a maior intensidade para dar incremento à produção. Há muitos porcelaneiros hábeis, cujo trabalho merece toda a consideração.

À nossa Fábrica tem a nova de Coimbra vindo buscar operários e, assim, com pessoal feito por nós, conseguirá trabalhar. Já levou da VISTA ALEGRE cerca de vinte operários.

Recentemente admitiu-se um novo formista, Joaquim Andrade, vindo de Lisboa e que já tem reproduzido vários modelos. De Mestre Simões de Almeida Sobrinho, da Academia das Belas Artes, tem-se obtido algumas esculturas, reproduzidas com sucesso em porcelana.

Em 1921 a administração contratou, para melhorar os resultados económicos do fabrico, a vinda de um mestre francês, e como este não obtivesse os resultados precisos, contratou depois um outro mestre alemão, que também não correspondeu ao que se esperava. Continua-se, pois, fabricando exclusivamente com pessoal nacional.

O LIVRO DO SEU CENTENÁRIO

Aos antigos processos de «encher» ou de «lastra» e de «moldar» ou de puxar ao tórno, acrescentou-se com desenvolvimento o processo de «lambugem» ou de «moldação» (*coulage à barboline*), instalando novas oficinas para êsse trabalho.

Numerosas máquinas para a preparação da pasta, fabrico de pratos, chávenas, pires, tijelas, etc., têm sido postas a funcionar.

A pasta, antigamente, depois de composta, era adicionada de água e moída em mós; em seguida levada para vasos porosos (coques) para secar, sendo depois amassada a pés sôbre mesas de pedra.

Não há documentos por onde se possa seguir a evolução do movimento operário. Apenas por uma fôlha de 1854 se sabe que então havia 128 operários, sendo 24 no vidro. Anteriormente, pelo livro de Urcullú, de 1837, vê-se que havia 125 pessoas. Pelas informações obtidas pelo sr. Marques Gomes, em 1883, na Fábrica, havia 179 operários. Depois disso existiam, em 1890, 224; em 1920, 400; e actualmente trabalham 600, em consequência de haver mais fornos.

Todo o género de peças de porcelana se tem fabricado na



CÓPIA EM BISCUIT DO LARCIN
DE LA ROSE, DE BOIZOT
1858

CONFORME MODELO DE SÈVRES EXISTENTE
NO MUSEU DA VISTA ALEGRE

A FÁBRICA DA VISTA ALEGRE

VISTA ALEGRE. Para apreciar o que custa o fabrico da porcelana é preciso não esquecer que a cozedura se faz à temperatura em que a pasta atinge o seu limite de infusibilidade. Um grau a mais ou a menos pode ser o bastante para inutilizar uma fornada. É preciso ter em vista também que, por aquele facto, para cada peça nova é necessário estudar a forma de lhe calçar as partes não apoiadas e o lugar do forno cuja temperatura mais se coadune com a sua cozedura. Não basta obter os modelos, estudar e executar as respectivas fôrmas e preparar a pasta, é preciso também proceder a inúmeras tentativas sôbre o modo do seu enformamento, tentativas que muito dificultam e encarecem certos exemplares. As peças mais difíceis de obter são em geral as de maiores dimensões.

Destas, as mais notáveis que se têm fabricado, são várias talhas, de que aqui reproduzimos alguns exemplares em gravura.

Quando, por 1850, se começou a fazer o *biscuit*, então chamado porcelana «Pariana», por ser imitação dos mármore de Páros¹, também a VISTA ALEGRE encetou a sua fabricação, tendo produzido peças de apreciável valor, entre elas algumas cópias de refugo vindas de Sèvres e ainda existentes no Museu da VISTA ALEGRE e umas imagens de N. S. da Penha de França com manto de renda, as quais ainda figuram nesse Museu, mas só com vestígios do manto. Uma destas imagens foi à Exposição de Paris de 1855. Actualmente ainda continua a produção de várias esculturas neste material. Por êsse tempo, também foram moda as «litofanas» ou placas e guarda-vistas para candieiros, com paisagens ou retratos, onde os contornos, o claro-escuro e as gradações de luz são obtidos pela maior ou menor translucidez, conforme as espessuras da porcelana dada nas moldações.

¹ Catálogo do visconde de Vila Maior sôbre a Exposição de Paris de 1855.

O LIVRO DO SEU CENTENÁRIO

No Museu da Fábrica existe uma dessas peças, bastante perfeita, com o retrato de José Estêvão. Também se tem cultivado o fabrico de delicados ornamentos com flores em relevo.

El-Rei D. Fernando, no seu amor às artes, dedicou sempre uma verdadeira simpatia à Fábrica da VISTA ALEGRE, mandando reproduzir modelos que forneceu e fazendo-lhe várias encomendas.

Dignou-se também visitar aquela Fábrica nos seus princípios (1852), onde foi festivamente recebido. D. Maria II, a quem os Pinto Basto não eram muito simpáticos, em vista da sua acção na « Patuleia », não acompanhou D. Fernando, seguindo directamente de Aveiro para Coimbra, onde se foi juntar à comitiva da rainha, acompanhado pelo Príncipe Real D. Pedro.

Na exposição de 1844, em Lisboa, a que já nos referimos, Batalha, o autor do catálogo diz que:

« O estado de perfeição na qualidade da porcelana; o gosto na variedade de tantos objectos, e a regularidade de preços em todo o vasto sorti-



DEPÓSITO DE VENDA EM LISBOA

FACHADA — RUA GARRETT, 144, 146

A FÁBRICA DA VISTA ALEGRE

mento, nada deixava a desejar às melhores fábricas de qualquer país. Só o espírito de nacionalidade que adorna esta patriótica família a faria animar aos sacrificios pecuniários, feitos em tantos anos de diligência e trabalhos para chegar a obter tão maravilhosos resultados.»

A propósito da exposição de Paris de 1855, o Visconde de Vila Maior, antigo Reitor da Universidade de Coimbra, no seu respectivo relatório de 1857, que nos foi indicado pelo sr. Marques Gomes, referindo-se à VISTA ALEGRE, diz o seguinte:

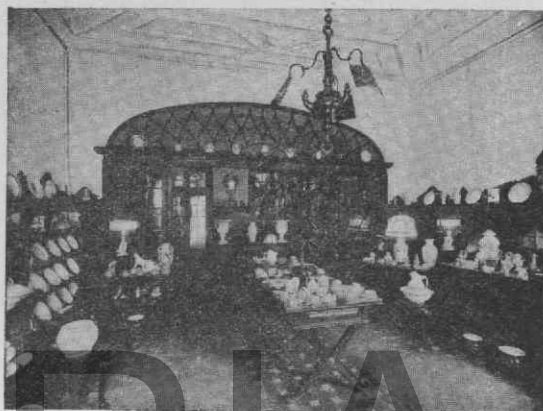
«Muitos anos depois, um dos homens de maior talento comercial, de vontade mais enérgica, e mais entusiasta da nacionalidade portuguesa, que neste século temos conhecido em Portugal, o sr. José Ferreira Pinto Basto, empreendeu dotar o seu país com a fabricação de porcelana, e uma vez concebida esta idea, não deu tréguas à sua actividade até a levar a efeito. Fêz procurar argilas brancas em todos os pontos do país; estabeleceu um laboratório e um forno de ensaio no jardim da sua casa, no Largo das Duas Igrejas, em Lisboa, para as fazer experimentar, e apesar das dificuldades da empresa e da incerteza de experiências, feitas talvez sem direcção competente, a sua vontade era tão decidida, a sua energia tão arrojada, a sua fé tão viva, que, sem a menor hesitação, no decurso do ano de 1824, fêz lançar os fundamentos de uma fábrica magnifica, na proximidade da vila de Ílhavo, em terra sua, nas margens de um dos braços da extensa ria de Aveiro. Esta é a Fábrica da VISTA ALEGRE, que todos conhecem pelo seu nome e pelos seus produtos. Aí fêz construir fornos, segundo as plantas e indicações que obteve de Sèvres; mandou vir da Saxónia e de França operários para servirem de instrutores aos nossos; e para dar desde o começo maior animação àquele estabelecimento, fazendo sair das suas oficinas algum produto de mais fácil fabricação, enquanto se efectuavam os ensaios e tentativas para a produção de boa porcelana, anexou-lhe uma fábrica de cristal, mandando vir também, para este efeito, operários ingleses e alemães, e mestres lapidários e floristas.

As condições locais da Fábrica da VISTA ALEGRE eram excelentes:

O LIVRO DO SEU CENTENÁRIO

o espaço vasto e acomodado à boa disposição das oficinas; em tórno extensos pinhais que lhe podiam fornecer economicamente o combustível; a pouca distância a vila de Ílhavo, com uma população laboriosa e inteligente, que do trabalho industrial devia tirar mais seguros recursos do que da arriscada, e incerta pescaria; nas imediações, ou em distâncias pouco consideráveis, jazigos de barro e caolinos que prometiam inexgotáveis recursos, e finalmente às portas da Fábrica um canal, navegável em tôdas as estações, estabelecendo fácil comunicação com o pôrto de Aveiro. Mas acima de tôdas estas condições e como primeiro elemento de prosperidade estava a incansável actividade, a poderosa energia e invencível perseverança do sr. José Ferreira Pinto Basto; sem estas qualidades, que nêle eram predominantes, a empresa talvez tivesse succumbido às dificuldades sempre inherentes aos primeiros passos de tão difficil indústria. As tentativas foram longas, dispendiosas e por

extremo difficeis. Os operários francezes e alemães conheciam o trabalho das matérias a que nos seus países estavam habituados, e não podiam fazer obra com aquelas que na VISTA ALEGRE se lhes ofereciam; a sua aptidão era puramente prática, e a prática, que é indispensável para o bom trabalho, não pode por si criar ou modificar processos sem que a intelligência investigadora, o génio inventivo e a sciência intervenham na direcção do trabalho. O sr. Ferreira Pinto reconheceu esta verdade, e mandou um dos seus filhos, o sr. Augusto Ferreira Pinto, que havia seguido desde o começo os ensaios na Fábrica da VISTA ALEGRE, a França para consultar o illustre Brogniart, director da manufactura real de Sèvres, e estudar naquela escola das artes cerâmicas os melhores processos e meios de investigação. O sr. Brogniart prestou da melhor vontade o auxilio que se lhe pedia; conselhos, indicações, palavras de animação, tudo empregou para activar o zêlo dos industriais por-



DEPÓSITO DE VENDA EM LISBOA
ASPECTO INTERIOR

A FÁBRICA DA VISTA ALEGRE

tugueses. Os ensaios e experiências continuavam incessantemente na VISTA ALEGRE; os mestres estrangeiros chegavam a desanimar com o pouco resultado dos seus esforços; o sr. José Ferreira Pinto não fraquejava um só momento, e sem auxílio estranho, com os únicos recursos da sua fortuna e com uma vontade indomável, chegou a alcançar que em 1834, no fim de dez anos de tentativas, se fabricasse a verdadeira porcelana dura, mas ainda sem aquela perfeição e economia necessária, para constituir um verdadeiro trabalho industrial. Outro filho seu, o sr. Alberto Ferreira Pinto, havia também visitado Sèvres e cultivado com Brogniart o estudo da fabricação francesa, e voltando para Portugal continuou a fazer progredir os trabalhos da Fábrica, e de tal modo que em 1839, quando o sr. José Ferreira Pinto Basto faleceu, já a VISTA ALEGRE produzia boa porcelana, comparável à francesa, mas ainda fora das condições económicas da indústria. O grande passo estava dado; fazia-se a porcelana com os caolinos e feldspatos portugueses, e com operários pela maior parte portugueses. A Fábrica da VISTA ALEGRE tinha sido uma verdadeira escola. O sr. José Ferreira Pinto havia desde o princípio instituído, junto ao estabelecimento, um colégio para educar os aprendizes de ambos os sexos, aonde, além dos ofícios necessários para a fabricação da porcelana e do vidro, lhes fazia ensinar a ler, escrever, contar, desenhar e música.

Os herdeiros do sr. José Ferreira Pinto não abandonaram a vereda por onde seu pai havia caminhado com tanta coragem, e hoje podem gloriar-se de haver quasi atingido o fim a que elle se propunha.»

A evolução do fabrico da porcelana na VISTA ALEGRE pode-se resumidamente definir em bem pouco. O período de 1838 a 1852 constituiu a época mais brilhante da Fábrica, sob o ponto de vista da qualidade da porcelana, mas foram especialmente os exemplares decorativos os que mais se fabricaram. Produziram-se os serviços de mesa, alguns notáveis, como o que foi destinado ao Marquês de Abrantes, mas relativamente em pequeno número. De 1852 a 1869 o fabrico manteve-se e alguns novos modelos se produziram, comquanto nesse período a pintura muito mais florescesse, como adiante veremos.

O LIVRO DO SEU CENTENÁRIO

De 1870 a 1893 veio um período de decadência quanto ao fabrico e quanto a novos modelos. Em 1887 fez-se uma nova jarra Rousseau para ser oferecida ao Papa Leão XIII pelo Bispo-Conde de Coimbra. Após 1893, com a vinda do mestre Ronlet, melhorou o fabrico, mas quanto a modelos, nada de novo ou digno de menção se fez, e assim mais ou menos se arrastou o fabrico até 1920.

A falta de escultores e formistas, sob uma direcção de gosto apurado, foi a causa principal desse retrocesso.

O único propósito que havia era o de baratear a sua produção, porquanto a venda era pequena, relativamente.

Por um lado, o mau gosto dos produtos e das decorações, e por outro, o desconhecimento do público, quanto à verdadeira superioridade da porcelana, foram as causas das dificuldades económicas da Fábrica.

A falta de um serviço comercial devidamente montado, dirigindo a orientação do fabrico, foi, quanto a nós, a principal causa da venda limitada a que se viu reduzida a VISTA ALEGRE.

Ainda em 1909 a administração resolvia « diminuir a produção em vista do grande stock de louça branca em armazém, e só cozer num forno grande continuamente, e nos outros só uma vez cada mês. »

Segundo as informações colhidas em 1883, na Fábrica, pelo sr. Marques Gomes, as vendas teriam sido: em 1860, cerca de 22 contos; em 1870, cerca de 27 contos; em 1880, cerca de 40 contos.



DEPÓSITO DE VENDA EM LISBOA
OUTRO ASPECTO INTERIOR

A FÁBRICA DA VISTA ALEGRE

Depois disso subiram, mas em 1910 não excediam 80 contos e em 1918, já depois da guerra, atingiram 100 contos.

Sòmente depois do impulso dado pela nova administração subiram consideravelmente, não faltando compradores e encomendas.

A produção anual de pratos orça actualmente por 500:000. Colocados uns ao lado dos outros, ocupariam uma extensão de 150 quilómetros.

Chávenas com pires fazem-se também cêrca de $\frac{1}{2}$ milhão por ano. Postas umas a seguir às outras, mediria 50 quilómetros a fiada das chávenas assim dispostas.

A produção total da Fábrica é de cêrca de 900:000 kg. por ano.

Os transportes para a Fábrica e da Fábrica regulam anualmente por 30:000 toneladas ou 3:000 vagon de materiais, isto é, para o seu movimento seriam precisos 10 vagon por dia.

Por êstes dados se pode avaliar da vida fabril da VISTA ALEGRE.

A Fábrica, para a venda ao público, tem um depósito junto da mesma, um em Lisboa, na rua Garrett, modernamente muito melhorado, e outro, desde 1923 estabelecido no Pôrto, na rua Cândido dos Reis. Abastece igualmente os seus numerosos revendedores de Lisboa, Províncias, Ilhas Adjacentes, Colónias e várias casas do Brasil, Espanha e Inglaterra.

Produce tôda a espécie de louças domésticas, louça para laboratórios e outros usos industriais, e ultimamente desenvolveu largamente o ramo das porcelanas decorativas, com o auxílio de alguns artistas nacionais, criando por assim dizer uma nova indústria, para evitar a importação dos inúmeros *bibelots* de que o estrangeiro nos inundava.

Trabalha-se já quanto possível em série, mas sem a ampliação com que essa forma de trabalhar pode ter noutros países, atendendo a que o nosso mercado é relativamente muito pequeno.

O LIVRO DO SEU CENTENÁRIO

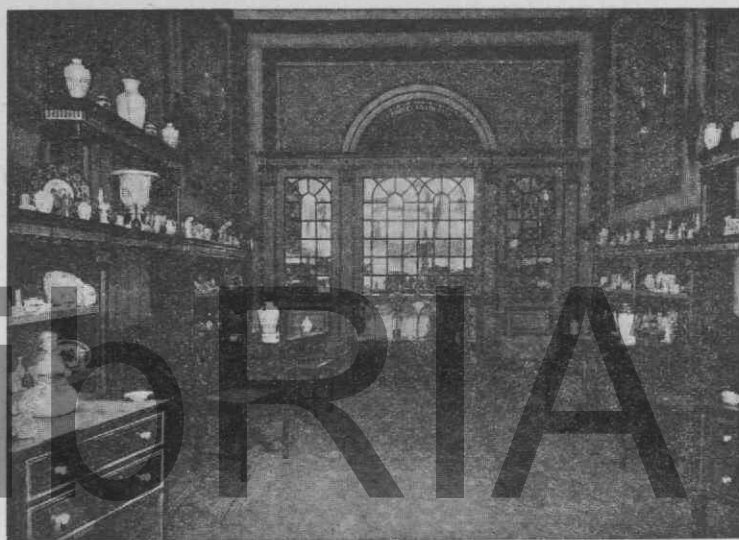
Não trabalhando, porém, por êsse processo o fabrico sairia muito caro, visto esta indústria exigir uma constante renovação de exemplares e, portanto, uma grande diversidade de modelos e de decorações.

Como serviço acessório ao fabrico, temos a considerar as **EXPLORAÇÕES MINEIRAS** feitas pela **VISTA ALEGRE**.

O caolino foi explorado durante quási um século por pessoal da Fábrica, que procedia ao seu desmote em terrenos com cujos proprietários eram feitos contratos particulares, segundo os quais se combinavam a remuneração que deveriam receber pelo caolino extraído e as obrigações tomadas pela Fábrica quanto à regularização do terreno, após a extracção do barro.

Em 1920, por um inesperado decreto, promulgado certamente por instigação de alguém a quem interessava apoderar-se de tais jazigos, considerou-se o caolino como um « minério », ficando, portanto, êsses jazigos sob a alçada da lei da concessão de minas. Poderia ter sido um verdadeiro *guet-apens* para a **VISTA ALEGRE**.

Com efeito, no mesmo dia da publicação do decreto, e até horas antes da distribuição do respectivo *Diário do Govêrno* em Lisboa, alguém, que seguramente conhecia o que se ia publicar, registava, em



DEPOSITO DE VENDA NO PORTO

ASPECTO INTERIOR — R. CANDIDO DOS REIS, 18

A FÁBRICA DA VISTA ALEGRE

Ovar, a descoberta das minas de caolino que a VISTA ALEGRE estava explorando!

Felizmente a VISTA ALEGRE, que não estava dormindo, imediatamente se pôs em campo, registando 12 concessões em S. Vicente de Pereira e em Val Rico e instando para que lhe fôsem respeitados os seus direitos adquiridos, validando os contratos feitos.

Foi neste ponto atendida e obteve para si as concessões pedidas, entre elas duas das que haviam sido registadas pela entidade que pretendia usurpar-lhe os seus jazigos e que com a precipitação com que fizera o registo errára as indicações apresentadas sobre a sua localização.

Os principais jazigos, porém, até hoje explorados são os que estão registados em nome da VISTA ALEGRE e onde ela está fazendo as suas extracções.

O barro é conduzido em carros para os depósitos da Fábrica, no Puxadouro de Valega, perto de Ovar, junto da Ria de Aveiro, e de aí, nos seus barcos, para a Fábrica.

Também a Fábrica explora jazigos de barro refractário e junto do Vouga tem armazéns para esse barro, onde os seus barcos o vão carregar.

Possui sempre largos depósitos desses materiais e as suas vastas concessões de caolino asseguram eficazmente o futuro da Fábrica.

A inclusão do caolino no regime de minas, que poderia ser uma cilada comprometedora para a Fábrica da VISTA ALEGRE, veio afinal, pela rápida e segura acção com que esta se conduziu, a redundar para ela num importante beneficio. O seu importante couto mineiro constitui hoje para ela uma das suas riquezas.

Antes de findar êste capítulo mencionaremos uma curiosidade que houve na VISTA ALEGRE.

O transporte das louças foi desde o princípio um problema

O LIVRO DO SEU CENTENÁRIO

importante. Não se sabendo empalhar a louça, como depois, pela prática se aprendeu, êsse transporte era difficil, pelo risco da fractura dos productos, principalmente devido aos maus caminhos e aos carros não terem molas.

Até Aveiro os productos da Fábrica eram conduzidos em barcos e dali para as províncias sôbre animais, por almocreves e vendedores ambulantes.

Para Lisboa e Pôrto, como as quantidades a transportar eram grandes, seguiam em navios.

Como, porém, os navios tinham por vezes difficuldades de sair pela barra de Aveiro, mandaram vir camelos (de que eram conductores o *Carocho* e o *Campanhã*). Os camelos vinham até Lisboa e Pôrto. Para êste último destino os camelos faziam a condução de Ovar a Gaia em linha recta, pelos areais da costa, indo a louça e os vidros até Ovar pela via fluvial. A passagem dos camelos foi então objecto de grande curiosidade das povoações por onde transitavam. O episódio do povo de Condeixa, por ter abandonado a Igreja durante a missa, e a censura em que incorreu por parte do seu pároco, ainda corre na tradição daquela povoação. Mais tarde, quando a linha férrea de Lisboa ao Pôrto se completou, os camelos só faziam conduções de lenhas para a Fábrica.

Quão longe se está hoje já do transporte em camelos! Actualmente a louça é transportada em caminhões-automóveis para Aveiro.

A passagem do caminho-de-ferro por Aveiro, derivando-o para o litoral e desviando-se da linha natural de Águeda, Albergaria e Oliveira de Azemeis, por onde seguia a estrada real, foi em grande parte promovida por José Ferreira Pinto Basto, filho do Fundador, instando com José Estêvão, oriundo de Aveiro, para que lutasse nesse sentido. Êsse desvio da linha férrea foi de grande alcance para a Fábrica.


bibRIA

História da pintura da louça

PELO exame dos objectos de louça existentes no pequeno Museu da Fábrica fomos levados a dividir em cinco períodos a história da pintura na VISTA ALEGRE.

O primeiro período é o das experiências; estende-se de 1824 a 1832, em que se fabricou a louça sem caolino e a primeira porcelana das experiências. Nesse período, posteriormente a 1828, já aparece alguma louça pintada, embora toscamente.

Os pintores deviam ser João Maria Fabri e Manuel de Moraes, ex-discípulos da Casa Pia, da qual José Ferreira Pinto Basto era Provedor.

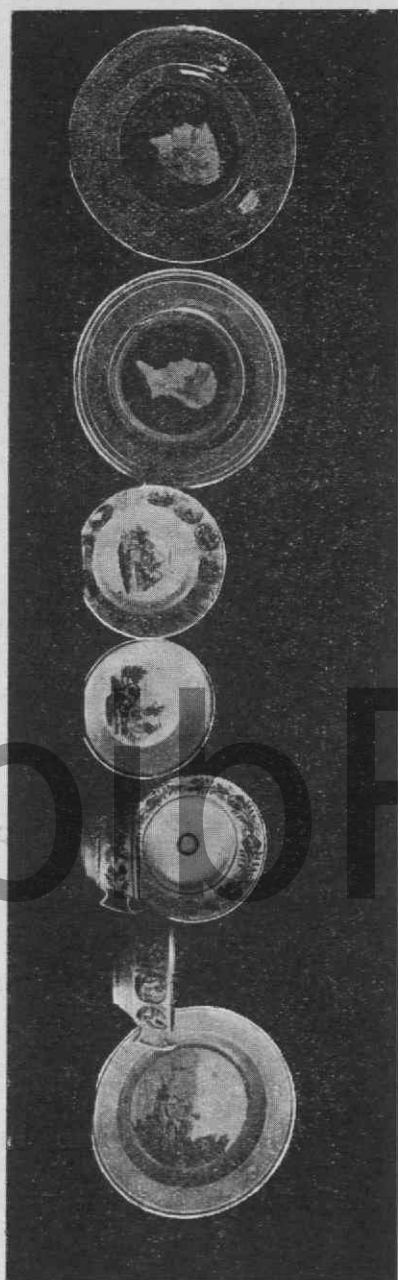
Queirós, na sua *Cerâmica Portuguesa*, diz que foram contratados em 1826, tendo o primeiro falecido um ano depois e tendo-se conservado o segundo até 1833, não como pintor, mas como escultor.

Sem elementos seguros para poder contradizer esta última afirmativa, julgamos todavia que ela não é verdadeira. Moraes continuou a pintar, e como escultor e formista foi Anselmo Ferreira que veio da

A FÁBRICA DA VISTA ALEGRE

PORCELANA DO PRINCÍPIO DA FÁBRICA DA VISTA ALEGRE

18 $\frac{25}{9}$ 32



Casa Pia. Esse Anselmo era protegido da família Pinto Basto e afilhado de Anselmo Ferreira Pinto Basto.

As pinturas neste período constam de figuras e de bustos clássicos e bem assim de pequenos medalhões com paisagens.

Reproduzimos aqui um grupo de objectos dessa fase, pertencente ao Museu da Fábrica. A chávena com pires aí representada conserva o letreiro que serve de legenda à gravura.

A louça era então marcada com a marca gravada n.º 1, adiante descrita no capítulo da história das marcas. Esta marca é vulgarmente chamada a «marca da coroa».

Para a história da Fábrica esses objectos são da maior curiosidade.

Desta época das experiências de porcelana é a notável chávena pertencente ao Ex.^{mo} Sr. Du-

que de Palmela e em cujo fundo se lê a seguinte curiosa inscrição a ouro:

«Primeira peça de porcelana da primeira fornada em grande, fabricada em Portugal na Fábrica da VISTA ALEGRE, que se espera aperfeiçoar nas primeiras fornadas.» É pintada e assinada por «Fabre

O LIVRO DO SEU CENTENÁRIO

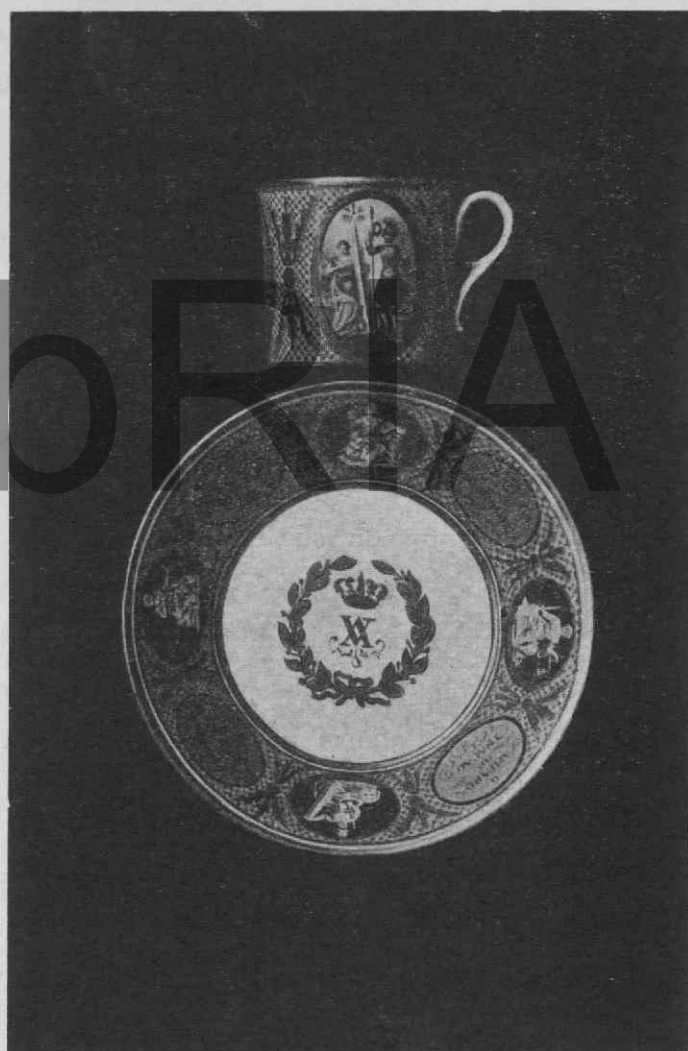
Luzitano » — (cremos que João Maria Fabri). O respectivo pires apresenta em quatro medalhões as seguintes legendas:

« Dos luzos a maior glória	Hé abrigo sem segundo
O amparo da nação	De Izabel a protecção. »

Reproduzimo-la aqui em gravura.

Também nos foi enviada para a Exposição, pelo Ex.^{mo} Sr. Dr. João Luís da Fonseca, uma chávena da mesma época e que reproduzimos em gravura na página seguinte, atendendo ao seu elegante formato.

Vem depois o 2.^o período — o período primitivo da porcelana, de 1835 a 1868 — em que se fabricaram belos exemplares e durante o qual a pintura na VISTA ALEGRE adquiriu a maior perfeição.



CHÁVENA DO EX.^{mo} SR. DUQUE DE PALMELA

A FÁBRICA DA VISTA ALEGRE

É o período dos mestres estrangeiros, que foram, pela sua ordem:
1.º V. C. Rousseau, 1835-52; 2.º Gustave Fortier, 1853-56; 3.º Filipe ?, 1857-60; 4.º Gustave Fortier, 1861-69, que de novo voltou à Fábrica.

É o período do V. A. dourado, que os amadores de louça tanto apreciam. Foi neste tempo que a Fábrica concorreu com produtos à Exposição de Londres, em 1851, e ali obteve um primeiro prémio.

É curioso como em todos os países os primeiros períodos de fabricação de porcelanas coincidem com os da aparição dos objectos mais notáveis quanto à forma e quanto à sua superior decoração.



Assim sucedeu em Saxe, em Sèvres, na Holanda, na Dinamarca, na Fábrica do Marquês de Ginori, em Itália, etc.

Os primeiros entusiasmos provocaram as melhores produções dos artistas.

Um período essencialmente de arte precede o do desenvolvimento da indústria, sob o ponto de vista do aumento de capacidade de produção, e, portanto, da sua industrialização.

Rousseau não assinou nem pôs qualquer marca especial nas peças por êle pintadas existentes no Museu, mas diz-se que uma marca que aparece em alguns pratos, como o que reproduzimos adiante, é distintivo dêsse pintor¹. Não concordamos com essa afirmação, porquanto no Museu da VISTA ALEGRE existe um prato de faiança oriental cuja decoração serviu de modelo à dêsses pratos e na qual já existe a mesma marca.

Sabemos ser Rousseau o autor de peças existentes no Museu e que

¹ Queirós, fôlio, 404 e 386, marcas 645 e 511.

O LIVRO DO SEU CENTENÁRIO

adiante reproduzimos em gravuras. Pelo menos algumas foram sempre pela tradição atribuídas a êsse mestre. O actual inspector da pintura na Fábrica, Duarte Magalhães, que foi chefe de oficina de 1889 a 1905 e discípulo do mestre Joaquim José de Oliveira, por sua vez ainda discípulo de Rousseau, diz que Oliveira lhe afirmara terem essas peças sido pintadas pelo seu mestre.

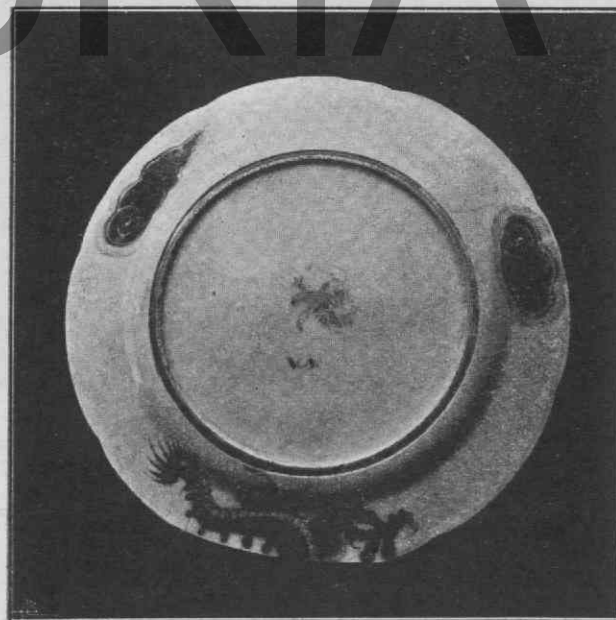
Essas peças são: 1 chávena, 5 pratos, 1 lamparina e 2 tinteiros.

Só a primeira tem a marca da V. A. a ouro.

A célebre chávena oferecida por D. Bárbara Inocência Ferreira Pinto Basto à sua sobrinha a Baronesa da Regaleira, depois pertencente a Queirós, que a reproduziu na *Cerâmica Portuguesa*, também a êsse mestre deve

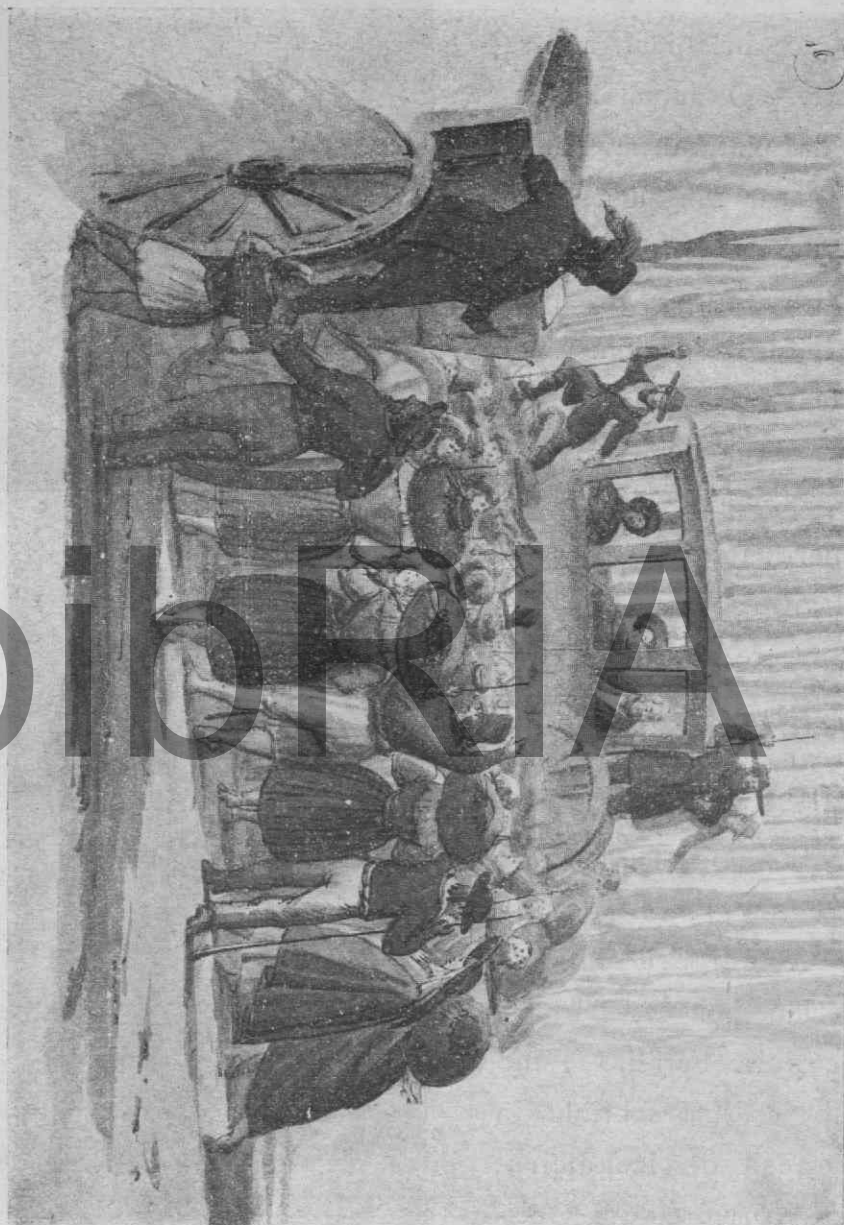


PRATO, CUJO SINAL, NO VERSO,
QUEIRÓS DIZ SER DE ROUSSEAU
(FRENTE)



(VERSO)

A FÁBRICA DA VISTA ALEGRE



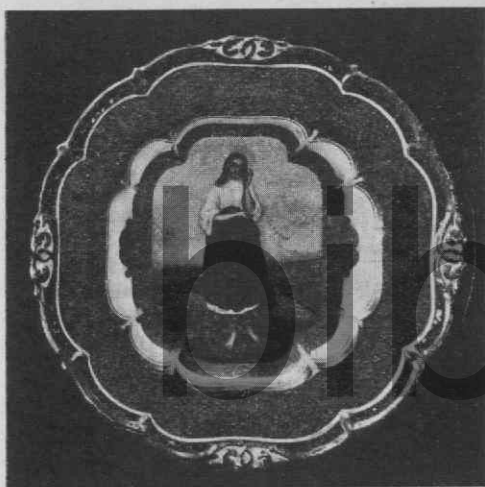
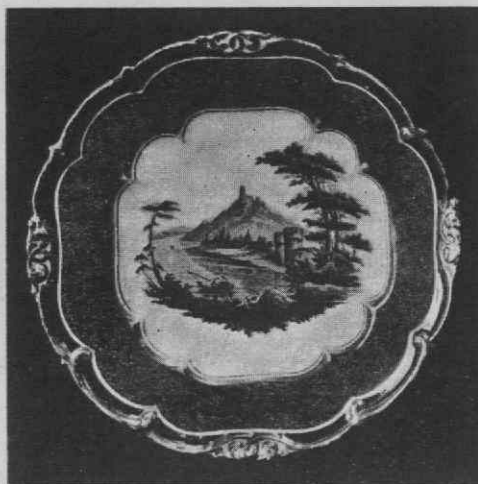
FESTEJOS PELA INAUGURAÇÃO DUMA PONTE MANDADA CONSTRUIR
POR JOSÉ FERREIRA PINTO BASTO NA VISTA ALEGRE

DESENHO DE V. ROUSSEAU — 1835

O LIVRO DO SEU CENTENÁRIO

ser atribuída. Pertence ao seu gênero de pintura. Está actualmente na posse de Eduardo Ferreira Pinto Basto.

Esse pintor, natural de Paris, e, segundo se diz, neto do grande Rousseau, era, segundo cremos, um emigrado francês, liberal, que teve de saír de França no tempo de

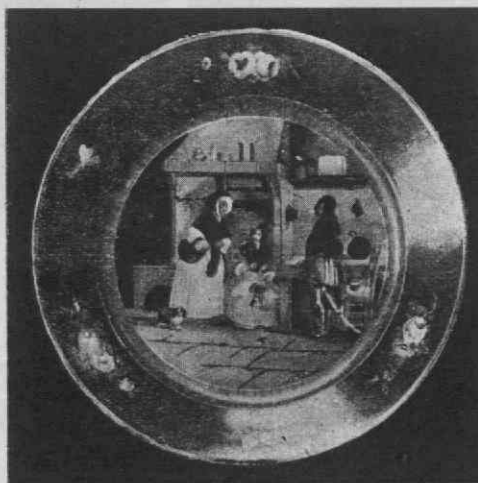


Carlos X, e como liberal bem acolhido foi por José Ferreira Pinto Basto, notoriamente um dos grandes liberais do seu tempo. Foi contratado em Londres, onde ganhava a vida como retratista.

Se já anteriormente havia pintado louça não o sabemos, mas

o que é facto é que as suas obras são perfeitas e de grande originalidade de composição. Era um bom artista e um bom retratista.

Na pintura de louça revela porém a sua tendência para a pintura a óleo; cobria muito a louça, fazendo desaparecer por vezes todo o branco da porcelana com fundos corados. Mas o desenho, a



PINTURAS DE ROUSSEAU

A FÁBRICA DA VISTA ALEGRE

marcação dos planos nos seus medalhões decorativos e a aplicação das cores eram bastante perfeitos. Os seus trabalhos são os melho-

res da VISTA ALEGRE.

Da sua pintura a óleo ainda se conservam no Museu da Fábrica umas telas dêsse pintor, mas de reduzido merecimento. Os seus trabalhos de pintura no teto e pano do teatro da Fábrica desapareceram, infelizmente.

Rousseau deixou na Fábrica um interessante livro de desenhos e aguarelas feitas em 1835 e 1836. Por êle se vê que foi a França em 1835, natural-

mente depois da deposição de Carlos X, mas que pouco se demorou.

Entre os desenhos dêsse álbum existem retratos, caricaturas de vários tipos da Fábrica e cenas humorísticas da vida de então



DEUX MALINS

CARICATURA DE ROUSSEAU

O LIVRO DO SEU CENTENÁRIO

naquele meio industrial. Há, entre êsses desenhos, dois relativos ao Fundador. Um representa uma partida de jôgo de cartas em que figuram José Ferreira Pinto Basto e sua mulher D. Bárbara.

Outro intitula-o o autor *Fête au desert non loin d'une ile*, que



UM SERÃO NA VISTA ALEGRE

O FUNDADOR, D. BÁRBARA, HENRIQUE CÉSAR, ETC. — DESENHO DE V. ROUSSEAU

1835

representa a chegada, ao areal da Gafanha, do carro em que José Pinto Basto e suas filhas atravessaram a ponte sôbre a Ria, que a Fábrica havia mandado construir e que pouco depois foi destruída por um vendaval, como se vê de um outro desenho intitulado pelo

A FÁBRICA DA VISTA ALEGRE

autor *Avantages d'un pont*. São também desenhos curiosos para a indumentária daquela época.

Dessa travessia pela ponte reproduzimos um auto humorístico lavrado por essa ocasião: 11 de Agosto de 1835 ¹.

É curioso êsse documento, que além de apresentar os autógrafos das assinaturas de José Ferreira Pinto Basto, de sua mulher e de

vários dos seus filhos, tem também a do pintor Rousseau e a do antigo director Rissoto. Tem ainda uma caricatura feita por Rousseau, representando um célebre caturra de então na VISTA ALEGRE, o Manuel Lourenço (morgado dos Troviscais), que êle desenhou com freqüência no seu album. Neste há também o retrato de D. José Urcullu, o autor do livro de geografia a que já nos referimos.



JOSÉ JOAQUIM DE OLIVEIRA

PINTADO POR ROUSSEAU

Há ainda retratos de vários empregados:

O *Correia* (Jorge Correia da Silva), sogro de Alberto Xavier, antigo empregado da Fábrica e da casa Ferreira Pinto Irmãos, de Lisboa, e pai de Xavier Esteves, o conhecido engenheiro e político, do Pôrto;

o *Morais*, que supomos ser o pintor Moraes, vindo da casa Pia, e que assim se vê estar ainda na VISTA ALEGRE em 1836;

o *Joaquim de Oliveira*, seu discípulo, mais tarde mestre da pin-

¹ Em poder de D. Joaquina de Avilez Pinto Basto de Sá.

O LIVRO DO SEU CENTENÁRIO

Não abaya afegado, atterramos, e a macho
 de juramos das Lentes D'origem, que diga
 como do presente me de. Olegio, as Lentes
 hony d'atado, e des por Com cluina a Ponte
 de Mito Olegio, abego e mandam a promptas
 a Començal Com as duas amptentes p'andly,
 para passar nas Ponte, e de effatura, por
 sendo abego p' s'outos debs com tute abo
 yther de Mito p' J'outos Pont Ponte, que
 t'adum as acompanhando, sendo hum p'ovisi
 pela parte oposta de Mito, levando atreç
 de de por cima de Ponte, des como p'upa.
 des abio, q' t'adum debrina as avial,
 vultado, p'lar m'osm Ponte p' abitos
 Olegio, a hum de d'ute cavallero que de
 p'ompanhano a bico p' hum cavallero
 de Ponte, mudo sempre as das t'ra p'ar
 dentro, q' m'osm afegado a ponte de Carad.
 M'osm por este motivo, grande Començam
 cia p' trabalhados q' gritando vivas a
 Mito Olegio, t'adum humos m'osm ad
 J'outos

A FÁBRICA DA VISTA ALEGRE

Vente em facilidade, pois aliante de
Lampy alta e cara. Ora até supor
Joaquim da Silva
Camul

Antônio de Almeida e Silva
Guimarães

Guimarães

Guimarães

Guimarães

Guimarães

Guimarães

Guimarães

Guimarães

Guimarães

Guimarães

Guimarães

Guimarães

Guimarães

Guimarães

Guimarães

Guimarães

Guimarães

Guimarães

Guimarães

Guimarães

Guimarães

Guimarães

Antônio de Almeida e Silva
Guimarães

Guimarães

Guimarães

Guimarães

Guimarães

Guimarães

Guimarães

Guimarães

Guimarães

Guimarães

Guimarães

Guimarães

Guimarães

Guimarães

Guimarães

Guimarães

Guimarães

Guimarães

Guimarães

Guimarães

Guimarães

Guimarães

Guimarães



Guimarães

O LIVRO DO SEU CENTENÁRIO

tura e cuja família tem ainda um retrato a óleo do seu ascendente, feito por Rousseau.

Nesse livro há também uma caricatura denominada *Deux malins*, dos quais o da esquerda supomos ser a autocaricatura de Rousseau, e por isso a reproduzimos aqui.

Nas paredes da antiga oficina de pintura existia também uma porção de retratos desenhados por Rousseau. Quando, em tempo, foi ampliada essa oficina, foram cuidadosamente arrancados os pedaços da parede em que estavam alguns desses retratos e assim se guardaram, figurando agora no Museu. Parece serem retratos de antigos operários. Lá está também o do Morais.

A influência de Rousseau na escultura igualmente se manifestou, como se prova pela jarra Rousseau, um dos objectos que mais têm perdurado entre os exemplares artísticos da VISTA ALEGRE

e que foi desenho seu. Os discípulos de Rousseau foram: Morais, Vidal (o *Tamengos*), António Maria e Joaquim José de Oliveira, futuro mestre da oficina.

De Vidal reproduzimos nesta página um dos seus pratos.

Outras peças do Museu serão do tempo de Rousseau, mas poucas mais pudemos identificar.

Inserimos gravuras de mais algumas peças, que devem ser dessa época, entre elas uma que tem o monograma da rainha D. Maria II, falecida em 1853.

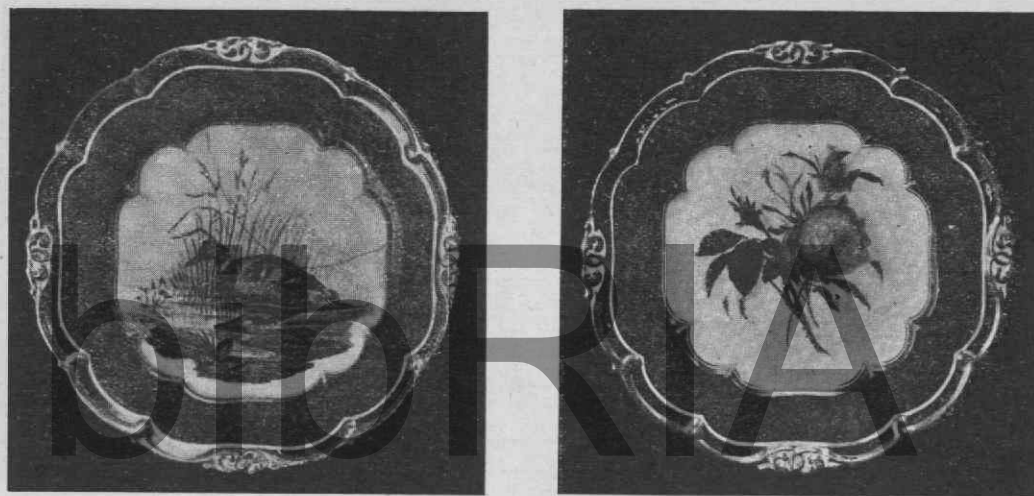
Rousseau era casado em França, mas depois de ter enviuvado,



A FÁBRICA DA VISTA ALEGRE

casou de novo em Ílhavo com uma senhora da família do dr. Calisto Ferraz, lente da Universidade. Teve uma filha e um filho. A filha ainda vive em Ílhavo. É Hortense Rousseau. Esta tem em seu poder uma pequena tela a óleo assinada por Rousseau em 1837 e representa um retrato *post mortem* do bispo Manuel Pacheco Rêsende, da família de sua mulher.

O filho, Duarte Rousseau, que casou em Ervidel (Beja), onde ainda vivia em 1877, passou mais tarde para Aljustrel.



PINTURAS DE ROUSSEAU

Rousseau faleceu em Ílhavo, em 1852. Vivia no Alqueidão, na casa das Deusas.

Para o Convento de Santa Joana, em Aveiro, pintou e assinou Rousseau um « Ecce Homo » de regular merecimento.

Depois de Rousseau veio Gustavo Fortier.

Êste trouxe a inovação do desenho à pena e generalizou a pintura de paisagens.

Fortier era de-certo já um pintor de porcelana quando veio para a VISTA ALEGRE. A sua maneira de decorar o demonstra. As

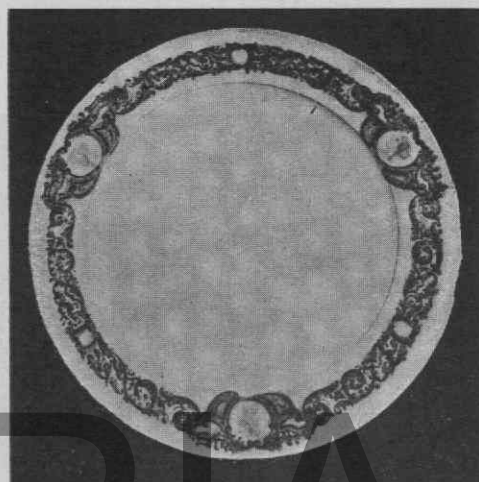
O LIVRO DO SEU CENTENÁRIO

suas pinturas são ligeiras e com cercaduras em grinaldas de flores, fitas e ornatos delicados.

É de notar que há uma sensível diferença entre as pinturas da primeira época em que esteve na Fábrica e as da segunda época.

Este pintor, na segunda vez que veio à Fábrica, já vinha mais conhecedor da pintura em porcelana. Fazia então os modelos e escrevia, a tinta de mufla, no verso dos seus exemplares, a data em que os pintava e o número da amostra.

Reproduzimos vários exemplares do Museu que se referem ao primeiro período deste pintor (1853-56) e vários outros do segundo período.



PINTURA DE ROCHA FREIRE

Ao tempo de Fortier trabalhavam os seguintes pintores: Vidal, Joaquim José de Oliveira, António Maria, António Ramos (*O Chino*), Manuel Francisco Pereira (*O Paz Guerra*), especialista em flores; Gabriel (*Sardinheiro*), especialista em paisagens; Manuel Simões e Manuel Morgado.

Êstes nomes constam de uma fôlha de férias de 1854, assinada por Fortier, cujo salário era de 7\$700 por semana.

Os oficiais venciam 30 a 40 réis por hora.

De Manuel Francisco, ainda discípulo de Rousseau, há uma chávena, adiante reproduzida, datada de 1854, que é um dos melhores exemplares do Museu. De Simões há também um pires do mesmo ano, que igualmente reproduzimos.

Parece que também já foi discípulo de Fortier o pintor Joaquim

A FÁBRICA DA VISTA ALEGRE

Martins Rosa, visto que com a indicação de *Rose Août 1867*, figuram dois pratos no Museu.

Fortier retirou para França, portanto, depois dêsse ano e não em 1865, como diz Queirós. Viveu em Ílhavo com sua mulher e um filho, que na VISTA ALEGRE foi vítima de um desastre com uma arma caçadeira, ficando com uma mão aleijada. Êste filho já pintava



PINTURAS DE ROCHA FREIRE

na Fábrica, mas sob a direcção do pai. Assinava Fortier *ainé*, não podendo por isso ser o pintor Filipe, a que adiante nos referimos.

Foi já no tempo de Fortier que a Fábrica concorreu à Exposição de Paris, em 1855.

Na *Revolução de Setembro*, de 29 de Abril dêsse ano, dá-se relação dos artigos expostos no Arsenal de Marinha, antes de seguirem para a mesma Exposição, e ali se diz que, quanto à VISTA ALEGRE: «parecia impossível o progresso que no fabrico da louça se notava no curto período que se seguira à Exposição de Londres de 1851.»

O LIVRO DO SEU CENTENÁRIO

Os artigos que menciona como notáveis são:

Uma jarra Etrusca, com figuras sôbre fundo branco, de Fortier.

Uma outra jarra do mesmo feitio imitando Sèvres, com fundo azul, tendo formosíssimas pinturas e frutos, também do pincel de Fortier.

Outra jarra do mesmo tamanho, mas em *biscuit*, de grande alvura.

Em *biscuit*, também uma « Senhora da Penha de França », coberta com um véu de renda « que ilude ».

Um S. Sebastião.

Dois cães presos um ao outro por uma delicada cadeia.

Um ornato para mesa, cujo pedestal é de uma bela e perfeita execução e ótimo gosto artístico.

Entre as louças para mesa figurava um prato imitando Japão, de belo lavor.



PINTURA DE JOAQUIM JOSÉ
MAGALHÃES

Um outro com flores pintadas a sépia que se distinguia pela suavidade desta côr e bem tocado das flores pintadas.

Uma taça para café pintada com flores em género Saxe.

Figurava também: Uma talha à maneira das que vêm da Índia, com 7 e meio palmos de altura e 12 e meio de circunferência. O referido jornal acaba por elogiar a Fábrica « que, além da glória que alcança para o país, concorre para o sustento de imensas pessoas. »

Entre as duas permanências de Fortier, de 57 a 61, veio um outro mestre francês, Filipe, cujo apelido desconhecemos. A-pesar-de vários dizerem que se chamava Fortier, não nos consta que tivesse tal nome, nem que qualquer parentesco tivesse com Fortier. Sabe-se que por motivo de se aproveitar do ouro que lhe forneciam para a

A FÁBRICA DA VISTA ALEGRE

pintura, substituindo-o por uma preparação com cobre, foi reconduzido. Era um bom pintor de flores, como o atestam duas jarras do Museu da Fábrica, iguais a duas outras que estão no Museu de Aveiro.

Deve ser devido a êste mestre que se deve a bela escola de pintura de flores que se nota ainda haver nos pintores da VISTA ALEGRE.

Terminado o segundo periodo dos mestres estrangeiros, sucede-se o

terceiro periodo, o periodo dos pintores nacionais discípulos dos estrangeiros e cuja influência ainda se fazia sentir.

De 1869 a 1881 foi mestre José Joaquim de Oliveira, discípulo de Rousseau.

Oliveira, embora desenhasse muito regularmente, como o provam numerosos desenhos seus existentes no Museu, e fôsse muito exigente com os seus oficiais para que desenhassem bastante, ocupava mais o seu tempo como filador do que como pintor.

Foram pintores no seu tempo: Joaquim José de Magalhães,

Emílio Magalhães, Francisco da Rocha Freire (*o Gaio*), mais tarde mestre da pintura; Joaquim Martins da Rosa, que depois foi mestre da música e guarda-livros; Francisco António Ruivo, José António de Oliveira, Cesário de Oliveira (seu filho), Francisco Maria Cardoso, João da Malhada, que depois foi caixa da Fábrica; Manuel Fernandes Barros, que mais tarde se fêz padre e é hoje prior em Azeitão, por alcunha o padre *Nócho* (tendo sido antes professor oficial, fazendo



JARRA PINTADA POR FILIPE

EXISTENTE NO MUSEU DA FÁBRICA

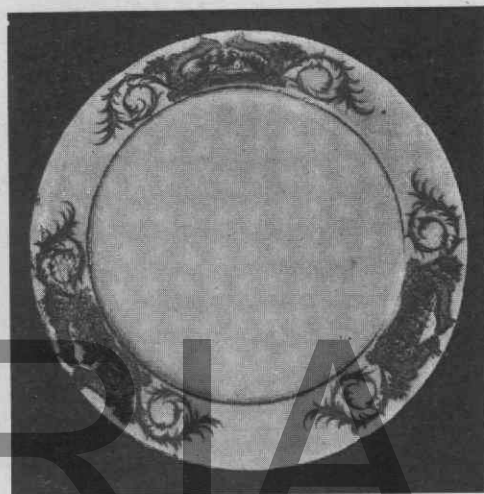
O LIVRO DO SEU CENTENÁRIO

depois a sua formatura de teologia em Espanha), e Duarte Magalhães, que sucedeu a Francisco da Rocha Freire como mestre de pintura e que é hoje inspector e professor de pintura na Fábrica, tendo sido professor da Escola Industrial de Aveiro.

Havia nesse tempo apenas doze pessoas na pintura, entre pintores e filadores, e na litografia que auxiliava a pintura. Geralmente só trabalhavam três dias por semana.

Foi por isso que alguns pintores procuraram outro modo de vida e abandonaram a Fábrica.

Ainda vive em Ílhavo o antigo escultor da Fábrica, Patoilo, que conta 87 anos de idade, o qual foi aprendiz no tempo de Rousseau. Preguntando-lhe porque saíra da VISTA ALEGRE, respondeu que os srs. Ferreira Pintos diziam que não o podiam aumentar porque só mantinham a Fábrica por um ca-



PINTURA DE ROCHA FREIRE

pricho, e como com êsse capricho não podia êle viver, demitiu-se. Era êste escultor companheiro de Anselmo, escultor a quem já nos referimos.

Dêste período damos em gravura alguns exemplares de Rocha Freire e dos seus companheiros.

4.º período — período de decadência de gosto artístico, em que se salvam Rocha Freire e Duarte Magalhães, discípulos do mestre Oliveira e sucessivamente mestres de 1881-1899 e 1899-1921.

Êste período ressentia-se de falta de iniciativa e de direcção artística. Desenha-se bem, pinta-se bem, mas não há ideias novas, composições originais. Denota-se falta de gosto, influência do meio e da época.

Abandonaram os desenhos antigos e nada se produz de belo.

A FÁBRICA DA VISTA ALEGRE

Não se perdeu, porém, a escola, visto que novos oficiais se foram educando e formando alguns com qualidades muito apreciáveis para reproduzir quaisquer pinturas, ainda que difíceis.

Rocha Freire, falecido em 1889, preparou os pintores: Francisco Ruivo, António Rocha, e José Fernandes Matias, já todos falecidos.

Duarte Magalhães, actualmente inspector e professor, preparou: Angelo Chuva, que é mestre desde 1908; António Egídio, Bata-teiro e Palmiro Peixe, pintores actuais, e Tolentino, falecido há pouco.



DUARTE MAGALHÃES
NO SEU ATELIER

COM O MESTRE DE PINTURA ANGELO CHUVA
E O PINTOR PALMIRO PEIXE

5.º período — de ressurgimento. Aproveitando os pintores existentes, a boa escola de Duarte Magalhães, óptimo artista, especialista em flores, que muito tem coadjuvado os esforços da Direcção na execução de novos modelos, e a habilidade de Angelo Chuva, artista correcto e ligeiro nas suas composições, muito já se tem conseguido para imprimir nova e salutar orientação à pintura da porcelana portuguesa.

Guiados com um pouco de gosto pelo chefe do serviço Henrique Constâncio, tem-se conseguido a criação de muitos exemplares novos e feito ressurgir outros antigos.

Terminando, devemos frisar que, além do verde grande-fogo, o azul grande-fogo (*o bleu de Roi*), foi desde a primitiva aplicado com perícia e sucesso, e que o dourado a ouro metálico foi também sempre empregado com especial esmero.

Modernamente outras cores grande-fogo se estão empregando.

As marcas da Fábrica



ESDE remotas eras que foi hábito das fábricas de louça aplicar aos seus artigos uma marca que atestasse a sua origem.

Já na China de tal modo se procedia e na Europa o mesmo se continuou fazendo. Constitui já hoje uma sciência a série de conhecimentos necessários para a identificação e reconhecimento de marcas, e para a diferenciação das verdadeiras das falsas, que o comércio de antiguidades por vezes aplica para valorizar os seus artigos.

A VISTA ALEGRE nem em todos os artigos apôs marcas. Deve essa falta atribuir-se, principalmente, a desleixo, ou a não se ligar verdadeiro valor a tal detalhe; na verdade, em tôdas as épocas apparece louça marcada, e, portanto, não houve um período em que propositadamente se deixasse de marcar a louça. Essa falta de marcas dificulta a identificação de muitas peças e a determinação da época do seu fabrico.

As marcas ou são gravadas a cunho ou são pintadas (a pincel ou com carimbo).

As pintadas podem ser cõradas com *tintas de grande fogo* antes da vidragem ou com *tintas de mufla* sôbre o vidro.

A FÁBRICA DA VISTA ALEGRE

As marcas gravadas precisam ser muito cuidadosamente aplicadas nas peças ainda em verde, isto é, quando a pasta está húmida.

As marcas pintadas a grande fogo são mais indeléveis, mais características e ficam existindo em toda a louça, inclusive na que se vende sem pintura; têm, porém, o defeito de também figurar nas peças de refugo, visto que são postas na louça chacotada, isto é, antes de ser cozida.

As marcas a tinta de mufla são, em geral, mais nítidas, mas têm um aspecto mais comercial e maquinal.

O emprêgo dos carimbos é simplesmente motivado pelas exigências da grande fabricação, visto que a aposição de marcas a pincel seria muito morosa e dispendiosa.

A VISTA ALEGRE tem usado de todos os sistemas de marcas.

De 1824 a 1834 — No primeiro período das experiências, empregou uma marca gravada minúscula; é a n.º 1 da lista adiante e cujo punção se diz ter sido gravado pelo pintor Moraes.

De 1835 a 1852 — No período de Rousseau usou o *V. A.* dourado, pintado a pincel e com tinta de mufla (marcas n.ºs 2 a 7) e por vezes um *V. A.* azul, de igual tipo, pintado com tinta de mufla (marcas n.ºs 8 e 9). A marca a ouro deveria ser reservada para os melhores exemplares.

Pintadas a pincel, estas marcas não eram aplicadas sob uma dimensão certa nem sob uma forma única, mas sim conforme cada pintor e as dimensões das peças.

Em alguns exemplares especiais há letreiros, como o da marca n.º 10, a violeta. São do mesmo período.

O LIVRO DO SEU CENTENÁRIO

De 1852 a 1869 — No período de Fortier aparece o *V. A.* gravado com cunhos variados — marcas n.^{os} 11 e 12, achando-se esta última numa peça de 1863.

Em certas peças encontra-se também neste período uma marca a ouro, a n.^o 13. Parece que neste período já há algumas peças marcadas com o *V. A.* azul a grande fogo.

De 1869 a 1893 — Empregou-se em geral o *V. A.* em azul grande fogo (marcas n.^{os} 15 a 19). Como são feitas a pincel, apresentam variados aspectos.

Num exemplar de 1870 aparece a marca n.^o 14 gravada, que é rara.

Em 1879 a n.^o 20, também gravada.

Nalguns exemplares de 1879 encontra-se uma marca a ouro, a n.^o 21.

De 1893 a 1899 — Na época de Mestre Ronlet applicou-se as marcas 23 a 26 em verde grande fogo, primeiro a pincel e depois com carimbo.

De 1900 a 1908 — Seguem-se depois várias marcas a carimbo, sendo as n.^{os} 28 e 29 destinadas à louça para exportação, tôdas pouco características.

De 1910 a 1921 — No período do Director Gustavo Ferreira Pinto Basto a marca teve uma erva (timbre do brasão da família Ferreira Pinto). Neste período acha-se também a n.^o 31, gravada.

A partir de 1921, data da reconstituição da Sociedade, adoptou-se o antigo *V. A.* com a indicação «Portugal», a verde grande fogo, applicado com carimbo.

A FÁBRICA DA VISTA ALEGRE

Em 1924, ano do Centenário, usa-se a mesma marca, mas acrescentando: *Centenário, 1824-1924* — (marca n.º 34). Essa marca será inutilizada no fim deste ano.

A seguir damos uma lista dos *fac-similes* das várias marcas que citámos e de que temos exemplares no nosso Museu. A essa lista acrescentamos outras duas, sendo uma de várias marcas que, com exclusão das anteriores, se acham descritas na interessante resenha de marcas que faz parte da *Cerâmica Portuguesa*, de Queirós, e outra das que figuram em vários objectos na posse de alguns amadores e se não acham compreendidas nas duas primeiras.

Como curiosidade copiamos também o que nos consta da Bibliografia estrangeira sobre marcas da VISTA ALEGRE e em que se verifica que as suas marcas são mundialmente conhecidas, não deixando qualquer publicação estrangeira, sobre porcelanas, de lhes fazer referência.

LISTA DAS MARCAS EXISTENTES NOS EXEMPLARES NO MUSEU DA VISTA ALEGRE



VA.

1. Marca da coroa. 1824-1834. — Gravada a punção, baixo-relêvo.
— Pratos n.ºs 223 v e 271 v.

3. 1835-1852. — A ouro de mufla e a pincel. — Chávena n.º 296 v.

VA.

VA.

2. 1835-1852. — A ouro de mufla e a pincel. — Leiteira n.º 118 v.

4. 1835-1852. — A ouro de mufla e a pincel. — Pires n.º 308 v.

O LIVRO DO SEU CENTENÁRIO

V.A.

5. 1835-1852. — A ouro de mufla e a pincel. — Terrina n.º 140 v.

*Fabricade Porcelana
Vista Alegre
Portugal
F. da Silva e Pinto*

V.A.

6. 1835-1852. — A ouro de mufla e a pincel. — Pires n.º 295.

10. 1835-1852. — A violeta de mufla a pincel. — Tinteiro n.º 209 v.

VA

7. 1835-1852. — A ouro de mufla e a pincel. — Pires n.º 58.

VA
9

11. 1852-1869. — Gravada a punção baixo-relêvo. — Pires n.º 260 v.

V.A.

8. 1835-1852. — A azul de mufla e a pincel. — Açucareiro n.º 202.

VA.
B

12. 1852-1869. — Gravada a punção baixo-relêvo. — Pratos n.ºs 11, 12, 50, 55, 59, 101, 118 e 125.

VA.

9. 1835-1852. — A azul de mufla e a pincel. — Chávena n.º 148.

F.VA.
1865.

13. 1865. — A ouro de mufla a pincel. — Pratos n.ºs 21-264 v.

A FÁBRICA DA VISTA ALEGRE



14. Rara. 1870. — Gravada, baixo relevo. — Pratos n.ºs 1 e 79.

VA

15. 1869-1893. (Talvez antes de 1869)
— Azul grande fogo a pincel. —
Chávena n.º 22.

VA

16. 1868-1893. — Azul grande fogo a
pincel. — Pires n.º 117.

V.A.

17. 1868-1893. — Azul grande fogo a
pincel.

VA

18. 1868-1893. — Azul grande fogo a
pincel.

V.A.

19. 1868-1893. — Azul grande fogo a
pincel. — Pires n.º 147.



20. 1879. — Gravada a punção baixo-
relevo. — Pratos n.ºs 3, 5, 24,
25, 36, 40, 64, 90, 93, 104
e 264 v.

VA.

21. 1879. — A ouro de mufla e a pincel.
— Chávena n.º 64. Pratos n.ºs 64
e 93.

V.A.

22. 188.. — Gravada. — Prato n.º 176.

VA

23. 1893-1894. — A verde grande fogo
a pincel. — Prato n.º 70.

V.A.

24. 1893-1894. — A verde grande fogo
a pincel. — Prato n.º 126.

V.A.

25. 1893-1894. — A verde grande fogo
a pincel. — Pires 227 v.

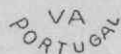
O LIVRO DO SEU CENTENÁRIO

V.A

26. 1894-1899. — A verde grande fogo
a carimbo. — Vários.



31. 1910-1917. — Gravado. — Prato
n.º 328.



27. 1900-1910. — A verde grande fogo
a carimbo. — Chávena n.º 65.



32. 1917-1921. — A verde grande fogo
a carimbo.

28. 1900-1910. — A verde grande fogo
a carimbo.



33. 1922-.... — A verde grande fogo
a carimbo.

29. 1900-1910. — A verde grande fogo
a carimbo.

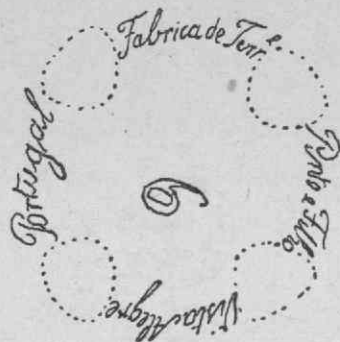


30. 1910-1917. — A verde grande fogo
a carimbo.

34. 1924. — A verde grande fogo a
carimbo.

A FÁBRICA DA VISTA ALEGRE

MARCAS INDICADAS POR JOSÉ QUEIRÓS
NO SEU LIVRO «CERAMICA PORTUGUESA», NÃO COMPREENDIDAS
NA LISTA ANTERIOR



V.A. *JB*

38. Pág. 515/16. 1850. — A ouro e gravada na pasta.

35. Pág. 128. 1840-1852. — A pincel e tinta de mufla.

V.A



39. Pág. 511. 1840-1852. — A azul de mufla a pincel.

V.A. V.A
1866

36. Pág. 129. 1840-1852. — A pincel e tinta de mufla.

40. Pág. 513/14. 1866. — Azul de mufla a pincel.

V.A.

V.A

37. Pág. 510. 1840-1852. — A ouro.

41. Pág. 508. 1869-1893. — Azul grande fogo a pincel.

O LIVRO DO SEU CENTENÁRIO

VA

PORTU
AL

42. Pág. 507. 1876. — Azul grande fogo
a pincel.

43. Pág. 519/20. O traço indica re-
fugo. 1904. — Verde grande fogo
a carimbo.

MARCAS DIFERENTES DAS ANTERIORES ENCONTRADAS EM EXEMPLARES DISPERSOS

44. 1835-1852. — Encarnado de mufla
a pincel. Também a verde.

47. 1866. — Azul de mufla a pincel.
Alto-relevo vidrado.

45. 1835-1852. — A ouro.

*Fabrica da
Vista Negra.
20 de Abril 1866*

46. 1866. — A ouro.

48. 1866. — A preto de mufla

49. 1893-1899. — Verde de mufla a
pincel.

A FÁBRICA DA VISTA ALEGRE



50. 1835-1845. — A ouro, idêntico á que se encontra nos livros estrangeiros. Vidé exemplar n.º 36 do catálogo.

51. 1868-1880. — A azul, exemplar (menino Jesus) no oratório da casa da Administração na Vista Alegre.



52. 1852-1869. — A ouro.

REFERÊNCIAS DE LIVROS ESTRANGEIROS

E. S. Auscher, Ex-Chef de fabrication à Sèvres. *Comment reconnaître les Porellaines et les Faïences*

Extracto de f.º 249.

PORTUGAL

VISTA-ALEGRE (1790)

PORCELAINE DURE

Une fabrique royale fut créée par Pinto-Basto; elle a produit des pièces de table ou à thé, décorées de fonds de couleur et de fleurs.

Marque :



en or
en diverses couleurs

O LIVRO DO SEU CENTENÁRIO

Auguste Demmin. — *Guide de l'amateur de faïences et porcelaines.*
4.^{eme} édition.

Extracto f.^o 1249.

PORTUGAL

Porcelaine Portugaise

La fabrication de la porcelaine en Portugal ne remonte qu'à la fin du XVIII^e siècle et elle appartient à l'école allemande.

Vista Alegre près Porto

Porcelaine à pâte dure

1790

Cette manufacture établie en 1790 par Pinto Basto sous la protection royale a cessé vers à 1840; elle marquait:

bib  RIA
en or et couleur

M. Ferreira Pinto Basto a continué de fabriquer pour son propre compte: sa fabrique existe toujours et il obnu a obtenu à London en 1851, la médaille de prix.

V. A.

sans couronne est une marque de ce dernier fabricant.

(Poteries opaques)

Extracto f.^o 993 — Vers 1833.

M. Joaquim Ferreira Pinto Basto et

M. Joseph Ferreira Pinto Basto, actuellement

Un Ferreira Pinto Basto a quelquefois marqué

VA

A FÁBRICA DA VISTA ALEGRE

Dictionnaires des Marques et Monogrammes des faïences, poteries, grès, terre de pipe, terre cuite, etc., par Ris-Bagnot. 4.^{me} édition.



en rouge ou en or.

2013. A. P. Pâte dure de Vista-Alegre, près Oporto (Portugal), 1840. Fabrique des frères Ferreira Pinto Basto, fondée surs 1775.

Graisse. — *Guide de l'Amateur de Porcelaines et de Faïences.* 13.^{me} Edition par E. Zimmermann.

a f.^o 225.



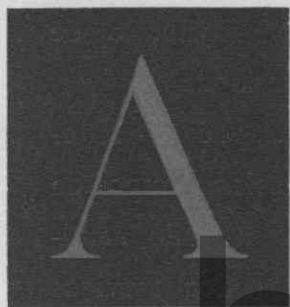
Emile Bayard. — *L'art de Reconnaître la Céramique.*

Paris

a f.^o 421.



O Museu da Fábrica



TÉ 1910 não se cuidou na VISTA ALEGRE de organizar uma colecção dos seus exemplares de forma a poder reconstituir a história do seu fabrico.

Queirós, na *Ceramica*, fl.º 448, conta o seguinte:

« A instalação onde estava o antigo Museu da Fábrica da VISTA ALEGRE ardeu em 1853 e com ela se perderam as primeiras experiências, peças das primitivas fornadas, exemplares escolhidos, moldes, etc. A propósito conta o actual Director, Duarte Ferreira Pinto Basto, que Gustavo Fortier, quando navegava pelas águas da Costa Norte de Portugal, viu do navio que o transportava a Lisboa o clarão do incêndio. Mal diria Fortier, ao contemplar êsse espectáculo, que a noite tornava tão surpreendente e que êle jamais havia visto do alto mar, que o motivo era resultado da perda de quási todo o trabalho dos primeiros 29 anos da Fábrica na qual êle vinha dirigir a parte artística. »

Nada ao certo pudemos averiguar a tal respeito. Em nossa opinião parece que tal Museu não passou de uma fantasia, visto que as louças das primeiras experiências ainda existem. Talvez se tratasse de um incêndio havido na oficina de pintura e depósito de modelos, realmente perda esta de mui funestos resultados para a Fábrica.

A FÁBRICA DA VISTA ALEGRE

Só no período de gerência do Administrador Gustavo Ferreira Pinto Basto se iniciou o coleccionamento dos vários objectos, que se achavam dispersos por algumas dependências da Fábrica e se organizou o chamado Museu. Infelizmente, pouco defendido de possíveis extravios, depauperou-se ainda de muitos exemplares.

Em 1920, com a reconstituição da Sociedade, mudou-se o Museu, beneficiando a sua instalação. Fez-se então um inventário descritivo das peças encontradas.

Nesse Museu há uma série de exemplares das louças primitivas relativas aos períodos de 1824-1832, época anterior à porcelana, e de 1832 a 1838, época das primeiras experiências de porcelana.

Há exemplares dos vários pintores e das diferentes épocas, encontrando-se alguns de merecimento. Nas peças do primeiro tempo da porcelana há interessantes formatos, que parece não terem dado resultado e em que havia a preocupação de copiar modelos dos serviços de prata então em uso.

Existem esculturas de grande formato, algumas tendo 80 cm. de alto, que não são perfeitas. Há assim muitas peças que certamente representam experiências e curiosidades, sendo algumas de valor.

Do período da decadência de gosto e de arte, período de 50 anos (1870 a 1920) também figuram grande número de peças a fim de se fazer ideia da evolução do fabrico. Êsses confrontos não podem deixar de interessar a história da Fábrica.

As peças foram dispostas a princípio sem obedecer a uma classificação de épocas, de autores e de marcas.

Ultimamente procedeu-se a essa classificação. A despeito da falta de elementos e indicações, chegou-se à disposição actual, apresentada já segundo um método apreciável.

Disposeram-se também no Museu os desenhos, livros e outros objectos que se consideraram constituir documentação histórica da Fábrica.

Recompensas



Fábrica teve prémios nas seguintes exposições: No Estrangeiro — Londres, 1851¹ e 1862. Paris, 1855-1867-1878-1889. Filadélfia, 1876. Viena de Austria, 1873. Rio de Janeiro, 1922 (Diploma de Honra). No País — Pôrto, 1865-1866-1883. Viseu, 1921. Aveiro e Caldas da Rainha, 1923. Lisboa, 1844-1888-1893.

À exposição do Palácio de Cristal do Pôrto, em 1865, único certâmen realizado no nosso país com carácter internacional, concorreu a VISTA ALEGRE com um notável mostruário, na nave central, em face dos produtos estrangeiros. Reproduzimo-lo em gravura².

¹ Documentos em poder de Alfredo Pinto Basto.

² Esta fotografia, que nos foi amavelmente facultada pelo nosso velho amigo Ex.^{mo} Sr. Dr. Xavier da Costa, faz parte de uma colecção de provas estereoscópicas com os diferentes aspectos da Exposição.



bib**R**IA



Habitações e instituições operárias



ESTABELECIDA a Fábrica num ponto isolado, houve que tratar desde logo do problema das habitações do pessoal. Relativamente a êste ponto, desde logo, na época da fundação, se construíram casas para empregados e para operários. Estas últimas foram das primeiras que com o fim de alojar operários se edificaram em Portugal. As suas plantas em detalhe foram publicadas no *Boletim do Trabalho Industrial*, n.º 66, sobre casas operárias.

É claro que se ressentiam do modo de viver de então. Não tinham o conforto que hoje se exige, nem satisfaziam às condições higiénicas que hoje se impõem. Constituíam todavia para aquele tempo uma manifestação do interêsse que a Fábrica dispensava ao seu pessoal.

Algumas foram delineadas por Joaquim Ferreira Pinto Basto, filho do Fundador, depois de ter vindo da Alemanha de estudar a instalação de Fábricas naquele país.

A instrução igualmente mereceu desde logo tōda a atenção do Fundador.

A FÁBRICA DA VISTA ALEGRE

Estabeleceu em 1826 um colégio, com internato, onde se ensinava, além dos ofícios inerentes à Fábrica, instrução primária e música. Êste colégio, que chegou a ter 40 alunos, acabou em 1842. Estava situado a nascente do portão principal da Fábrica.

Aulas de desenho e pintura continuou a haver até que foram suprimidas quando se fundou, em Aveiro, a primeira escola industrial.



TIPOS DE CASAS PARA ENGENHEIROS
E CHEFES DE SERVIÇO

Supôs-se então que com essa instituição seria desnecessária a escola da Fábrica. Infelizmente da escola industrial nenhum aluno veio para a VISTA ALEGRE. O material escolar que a VISTA ALEGRE para essa escola forneceu, nenhum resultado lhe produziu. Por isso modernamente a nova Administração da Fábrica tornou a estabelecer uma escola de desenho, sendo professor Cândido Silva, antigo aluno da Academia das Belas Artes de Lisboa. A pintura foi sempre ensi-

O LIVRO DO SEU CENTENÁRIO

nada na respectiva oficina e actualmente é ministrada sob a direcção do antigo pintor da Fábrica, Duarte de Magalhães. Conta êste que, no seu tempo, os aprendizes nada ganhavam e que só quando conseguiam pintar um prato com uma decoração difícil, e que merecesse aprovação superior, passavam a ganhar 120 réis por dia.

Desde a sua fundação que, para distracção do pessoal, houve na



TIPOS DE CASAS PARA EMPREGADOS
E CONTRA-MESTRES

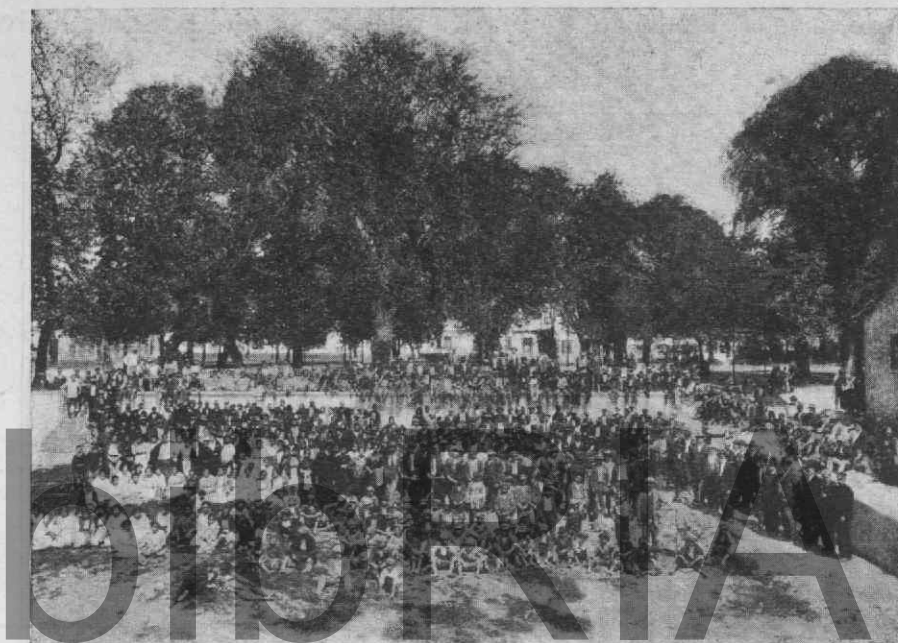
VISTA ALEGRE teatro e uma banda de música protegidos pela Fábrica ⁴.

⁴ *Tratado Elementar de Geografia*, por D. José Urcullu, tomo II, fl. 91:

« Há no mesmo estabelecimento uma escola fundada sob as bases do ensino mútuo. O estudo da música ocupa uma parte dos momentos que em outros colégios se destina a não fazer nada; e nos dias de preceito celebra-se a missa, e cantam-se hinos religiosos ao som duma música exe-

A FÁBRICA DA VISTA ALEGRE

O primeiro teatro foi demolido e o que se construiu em 1851 tinha o pano-de-bôca e o teto pintados por Rousseau. Quando foi aumentado, foram substituídas essas pinturas, que infelizmente desapareceram. O actual pano foi pintado por João Cazeaux, desenhador na



UM GRUPO DO PESSOAL DA FÁBRICA

Fábrica, o qual, à falta de escola, tem também ensinado instrução primária em sua casa.

No teatro representam empregados e operários da Fábrica que têm levado à scena muitas comédias e operetas. *Os milagres de Santo*

cutada pelos empregados da Fábrica. Outros dedicam o dia inteiro ao desenho, dirigidos pelo hábil professor francês M. Rousseau, que é quem tem ao seu cuidado tudo quanto se refere à pintura e dourado da porcelana. Muitos dos seus discípulos, segundo êle mesmo nos tem assegurado, manifestam as melhores disposições para a pintura».

O LIVRO DO SEU CENTENÁRIO

António é uma das peças que mais sucesso tem tido. Já se representou o *D. César de Bazan*. Alguns operários e operárias recitam poesias e monólogos, sendo por estas recitações que começam os principiantes.

Para as operetas há tôdas as vozes: tenores, barítonos, etc., os quais também cantam nas festas religiosas.

Da banda, que se compõe de 54 figuras, foram mestres: Castão, Joaquim Martins Rosa (pintor) e agora Berardo Camelo.

Esta banda da VISTA ALEGRE tem tido justificada fama. Já foi tocar ao Pôrto, no Palácio de Cristal, e em Lisboa, por ocasião



NOVO ARRUAMENTO

MODERNAS HABITAÇÕES PARA EMPREGADOS

do casamento de el-rei D. Carlos, sendo também muito procurada para ir tocar em festas, no norte do país. Além de concertos para entretenimento do pessoal, toca também no teatro, nas representações e nos bailes que por vezes ali se organizam.

Tanto os concertos, os bailes e os espectáculos, como a preparação dos scenários e da *mise-en-scène*, constituem para o pessoal um passa-tempo e uma origem de instrução e educação muito apreciável.

O teatro, que é pequeno e de construção muito modesta, vai ser reconstruído pela Fábrica.

A FÁBRICA DA VISTA ALEGRE

Como instituições de assistência, a Fábrica, além de instituir reformas ao seu pessoal, desde há muito que coadjuva a *Filantropica*, montepio de assistência ao pessoal, e a Cooperativa para fornecimento de géneros de alimentação, à qual vende por preços baixos os produtos da quinta.

A actual administração também não esqueceu as habitações do pessoal, a que deu grande desenvolvimento.



AULA DE DESENHO

PROF. CANDIDO SILVA

A casa do director, que estava arruinada, foi ampliada e melhorada, podendo-se considerar como nova.

Edificaram-se: 4 casas para chefes de serviço, 6 para empregados e mestres e 17 para operários, iniciando-se também uma estalagem ou *mess* para solteiros. São tôdas independentes, elegantes, confortáveis e possuindo jardins e pátios de serviço.

Continuará a Fábrica a construção de mais habitações até completar o bairro operário projectado.

O LIVRO DO SEU CENTENÁRIO

Pela habitação higiénica, alegre e confortável, confia a Fábrica que o pessoal começará a sentir a necessidade de novos hábitos para alcançar uma educação mais elevada e salutar.

Os novos lares serão uma semente civilizadora, que muito contribuirá para a elevação do nível moral dos seus habitantes.

Nesse novo bairro abriram-se ruas largas e avenidas arborizadas e ajardinadas. Construíram-se chafarizes e fontes para abastecimento



TIPOS DE CASAS PARA OPERÁRIOS

de água, etc. Vir-se há assim a constituir um parque florestal e uma moderna « Ville Ouvrière ».

Todos os serviços municipais se vão montando sob a direcção de uma Comissão de Melhoramentos constituída por empregados e operários, e protegida e auxiliada pela administração da Fábrica.

Há uma corporação de bombeiros, uma secção de higiene, tendo a seu cargo a limpeza e conservação das ruas, remoção de lixos e esgotos, uma secção de jardinagem, uma secção de abastecimento de

A FÁBRICA DA VISTA ALEGRE

água e luz, uma secção escolar para dirigir a instrução e ginástica, etc. Haverá também serviços auxiliares de assistência médica, farmaceutica e de hospitalização.

Uma outra comissão de desportos e recreios, já em funcionamento, procura desenvolver o gosto pelos desportos, dirigir os espectáculos no teatro, os concertos da banda e a vida do grémio e da sua



BANDA DA FÁBRICA

MESTRE: BERARDO

biblioteca. Promoverá a realização de bailes e outros divertimentos e também organizará viagens de estudo e passeios.

A Fábrica concedeu um vasto campo de foot-ball com instalação para vestiaria e duches.

Deu-lhe rêdes, bolas, etc. Essa comissão está organizando o desporto de remo, para o que, com o auxílio de alguns dos proprietários da Fábrica, conta fazer a aquisição de alguns barcos.

No grémio faz-se box e pushing ball, e ao ar livre faz-se o lançamento do disco e outros exercícios de desportos olímpicos.

O LIVRO DO SEU CENTENÁRIO

O culto e a educação moral e religiosa está a cargo do capelão da Fábrica, coadjuvado generosamente pela Ex.^{ma} Espôsa do Director engenheiro.

Como se vê, a Fábrica deseja e auxilia tudo quanto possa contribuir para o bem-estar e educação da sua aldeia industrial, não se poupando a sacrifícios.

Como não basta que as casas sejam cómodas e higiênicas para haver conforto, e como êste é a base do gosto pelo lar e pela vida em família, resolveu a Fábrica promover o gosto pelo mobiliário e



FOOT-BALL

UM TREINO NO CAMPO DA FÁBRICA

pela sua disposição nas casas, como natural complemento da habitação.

Um mobiliário simples, mas elegante na sua simplicidade, modesto, mas apoiado no tradicional mobiliário nacional, será por ocasião da comemoração do centenário concedido a dois operários dos que mais se distingam. É um prêmio e ao mesmo tempo um exemplo educativo, que até no campo moral poderá ter benéficos resultados.

Como os transportes pessoais na região se fazem quasi todos em bicicletas, sendo superior a 100 o número dos nossos operários que usam diariamente dêsse meio de transporte para a Fábrica, está sendo ali construída uma garage especial para as guardar.

O LIVRO DO SÉCULO CENTENÁRIO

O livro é o resultado de um trabalho de pesquisa e de seleção de documentos, que se encontra no acervo da Biblioteca Municipal de Vista Alegre. O livro é o resultado de um trabalho de pesquisa e de seleção de documentos, que se encontra no acervo da Biblioteca Municipal de Vista Alegre. O livro é o resultado de um trabalho de pesquisa e de seleção de documentos, que se encontra no acervo da Biblioteca Municipal de Vista Alegre.



Descrição geral da Fábrica e resenha dos melhora- mentos realizados e projectados



situação da Fábrica sobre a Ria permite que os transportes dos barros e das lenhas sejam feitos pela via fluvial.

Por isso a Fábrica tem quatro barcos de 20 ton. para o transporte dos barros vindos dos seus depósitos no Vouga e em Ovar (S. João de Loure e Puxadouro de Valega).

As lenhas vêm em geral de Águeda, em barcos, pelo Vouga. Os barcos descarregam na doca, recentemente aberta, e os materiais são conduzidos, uma parte para armazéns situados perto dessa doca, e outra parte por um plano inclinado com cabrestante eléctrico, em vagonetas que depois circulam por vias férreas Decauville, para os respectivos depósitos, situados em um nível superior. A rede dessas linhas férreas dentro da Fábrica atinge 3.000 metros de via. Êstes

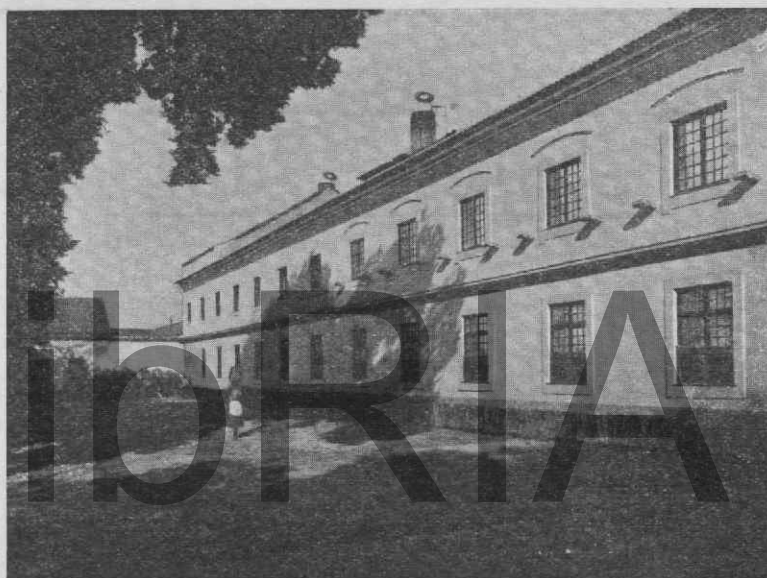
A FÁBRICA DA VISTA ALÉGRE

depósitos constituem a primeira secção da Fábrica. As lenhas consumidas pela Fábrica anualmente correspondem a cerca de 15.000 ton. ou 1.500 vagon. Quási quatro vagon por dia.

O consumo dos barros excede 3.000 ton. ou 300 vagon por ano.

As matérias primas componentes da porcelana seguem para as oficinas de laboração, que se sucedem pela seguinte ordem:

1.^a *Officinas de preparação da pasta e do vidro* — Escolha, lava-



UMA PARTE DA FACHADA

gem, trituração, composição, moagem, crivagem, prensagem e amassagem.

É neste grupo de oficinas que mais maquinismo funciona.

2.^a *Olarias de porcelana* — Fabrico de pratos à máquina; chávenas, pires e tigelas, à máquina e à mão; peças ao tórno; peças e isoladores à prensa; isoladores ao tórno; peças por lambugem e escultura em porcelana.

3.^a *Fornos e vidragem.*

4.^a *Escolha e lapidagem.*

O LIVRO DO SEU CENTENÁRIO

5.^a *Pintura* — Filetagem, estampagem, litografia, pintura à mão, muflas e brunidura.

6.^a *Empacotamento*.

As olarias são várias, mas distribuídas de forma que junto de cada grupo de dois fornos haja louça fabricada de todos os tipos necessários para o seu conveniente enforamento.

Assim não há divisão de especialidades por oficinas.

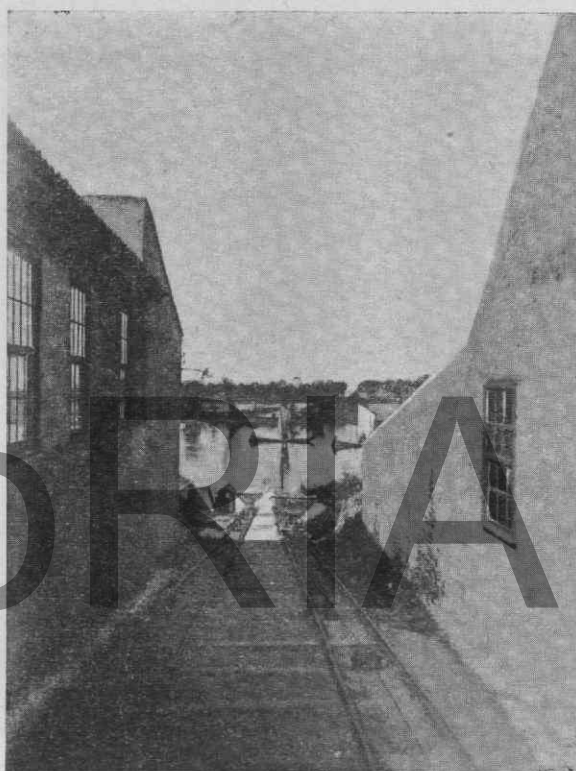
Em cada grupo de olarias fabricam-se tôdas as especialidades.

Grosso modo a Fábrica teve de ser tôda refeita. As instalações não só eram pobres e acanhadas, mas não estavam metódicamente situadas umas em relação às outras, para que correspondessem à sucessão das operações pelas quais a porcelana tem de passar no seu fabrico.

Projectou-se, pois, sistematizar a disposição das instalações de forma a que racionalmente a fabricação podesse ir seguindo de umas secções para as outras, conforme a marcha natural da laboração.

A oficina de preparação da pasta foi ampliada e está sendo completamente reorganizada com novos maquinismos.

Para não perturbar o trabalho das antigas olarias construiu-se



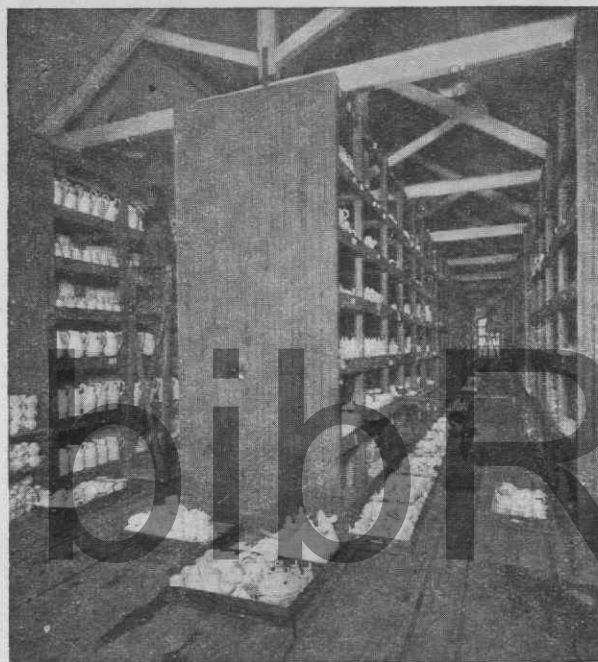
PLANO INCLINADO PARA A CONDUÇÃO
DE BARROS E LENHAS

A FÁBRICA DA VISTA ALEGRE

primeiramente um grupo completo de oficinas dessa especialidade, com dois novos fornos, a fim de assim desde logo aumentar a capacidade de produção e permitir que depois se encetassem os melhoramentos e ampliações das olarias já existentes.

Novas oficinas para a escolha, lapidação, pintura e empacotamento foram edificadas, não só para ficarem situadas numa posição

conveniente em relação à sua sucessão no fabrico, mas também para aproveitar como novas olarias as oficinas onde aquelas secções funcionavam.



ARMAZÉM DE LOUÇA EM BRANCO

UMA DAS SUAS QUATRO SECÇÕES

Ainda mais um grupo de oficinas de porcelana, com dois novos fornos, se projecta construir.

Para o fabrico de produtos subsidiários as oficinas em laboração são as seguintes:

1.^a oficinas de fôrmas e modelos: preparação do gesso, fabrico de modelos, fabrico de fôrmas, escultura de modelos e modelação de fôrmas.

2.^a oficinas de gazetas: preparação da pasta, olarias das gazetas ao tórno e com prensas e secagem de gazetas.

3.^a oficina de tijolos refractários.

4.^a caixotes e barricas.

Estão já de novo construídas as oficinas da preparação da pasta

O LIVRO DO SEU CENTENÁRIO

para gazetas, e a de caixotes e barricas. As do fabrico de modêlos e fôrmas já estão começadas.

Para as reparações há: uma oficina de carpintaria, uma oficina de cerralharia com forja, tornos, etc., uma secção de pedreiros de fornos e uma secção de obras em edificios, composta de pedreiros, carpinteiros e brochantes.

Electrificou-se a Fábrica montando uma central eléctrica composta de duas geradoras, cada uma com uma semi-fixa e um alterna-



OFICINA DE FILETAGEM E PINTURA
CUJA MUDANÇA PARA UMA NOVA INSTALAÇÃO SE REALIZARÁ EM BREVE

dor. Instalou-se também uma bateria de acumuladores. Construiu-se de novo igualmente a respectiva chaminé, um poço para alimentação da caldeira e um refrescador das águas de condensação.

Todos os armazéns foram construidos de novo.

Antigamente na indústria pouco se cuidava de armazéns. Comprava-se só quando era preciso. É claro que isso muito prejudicava

A FÁBRICA DA VISTA ALEGRE

a laboração, que por vezes parava, ou se reduzia por falta dos stocks necessários.

Na VISTA ALEGRE só havia dois armazéns, sendo um para môdelos e outro para fôrmas, mas êstes em tais condições de insuficiência que houve que construir outros novos. No armazém de môdelos a ordem era precária, tendo-se perdido muitos dos melhores e dos antigos môdelos.

Novos armazéns foram edificados para conter os necessários stocks de matérias primas e artigos diversos necessários à laboração, de molde a que não houvesse nunca impedimentos na produção. Também se construíram armazéns para os produtos de porcelana em branco e pintada. Em todos se estudou uma arrumação metódica, a fim de economizar tempo e pessoal.

Além dêstes armazéns, construiu-se uma nova e mais ampla estância de lenhas com telheiros para as preservar das chuvas.

O mostruário e o Museu também vão ser de novo construídos.

A fachada da Fábrica, na sua frente para o terreiro de entrada, era de-veras pouco edificante.

Foi tôda reconstruída. Ao centro, num corpo central, fica a portada para acesso do pessoal e visitantes, bem como para a saída dos produtos. À esquerda ficam vários fornos e à direita os novos escritórios e o depósito de venda.

Um novo laboratório químico se organizou, destinado aos ensaios dos barros e outras matérias primas, às dosagens da pasta, estudo dos óxidos corantes, etc.

Tem também um laboratório de experiências de cozedura com forno de ensaios.

Na Fábrica e em anexos à parte, funcionam várias dependências auxiliares destinadas aos transportes e à higiene e segurança da Fábrica, bem como à assistência, educação e recreio do pessoal.

O LIVRO DO SEU CENTENÁRIO

Estas secções têm de ser, na VISTA ALEGRE, tomadas em consideração especial, atendendo a que se trata de uma povoação isolada, sem os recursos existentes nas cidades ou em centros importantes.

Êsses serviços auxiliares abrangem:

secção de material de tracção e de transportes (cocheiras, garage e estaleiros de barcos);

secção de limpeza;

secção da conservação de pavimentos, vias férreas e guincho;

o pôsto de saúde;

a estação das bombas de incêndio;

o vestiário, esgotos, banhos e garage de bicicletas;

o armazém da

Cooperativa de Consumo;

o abastecimento de
água;

a luz eléctrica;

o Montepio;

o Club, Teatro,
música e desportos;

a Crèche;

as Escolas;

os jardins;

a polícia local;

a estalagem, refeitório e serviços agrícolas.

Algumas destas dependências já se acham funcionando em locais apropriados. Mas outras ainda aguardam ocasião de ser construídas.

Os terrenos da Fábrica medem cerca de 400:000 metros quadrados.

A Fábrica, propriamente dita, ocupa aproximadamente 20:000 metros quadrados.



UM JÓGO DE MÁQUINAS
PARA FABRICO DE PRATOS

A FÁBRICA DA VISTA ALEGRE

A área coberta, dentro e fora da Fábrica, em 1921, era de cerca de 19:000 metros quadrados; tendo-se demolido 2:000, ficou sendo de 17:000. Mas tendo-se edificado, depois dêsse ano, 17:000, actualmente a área coberta é de 34:000 metros quadrados.

Se porém já muitos melhoramentos se realizaram e se muito maquinismo novo está funcionando, ainda para terminar o que se projectou muito falta executar. O plano de realização é vasto e resultará um facto, se o país continuar a corresponder ao patrocínio benévola-mente dispensado desde o início da obra de reconstrução da VISTA ALEGRE.

Pelas gravuras que seguem poder-se há apreciar o esforço já empregado para a ampliação da Fábrica.

bibRIA



Celebração do Centenário da fundação da Fábrica



ELLO que deixamos narrado se poderá avaliar do que foi a VISTA ALEGRE nos seus princípios, a odisséia da sua fundação, as dificuldades vencidas, o seu período áureo, as vicissitudes por que depois passou, a acção constante da família Pinto Basto para a manter e por fim os últimos esforços para a sua ressurreição e engrandecimento.

Agora a VISTA ALEGRE, ao finalizar um século de existência, além da Exposição retrospectiva dos seus produtos, manifestação pública por onde se apreciarão os artigos dessa Fábrica desde a fundação, pretende dedicar ao seu pessoal várias das comemorações destinadas à celebração do centenário.

Nas festas promovidas na Fábrica lançar-se hão as bases de vários futuros melhoramentos, que irão beneficiar a corporação do seu pessoal fabril, à qual a família Pinto Basto aqui presta a sua justa homenagem.

Além das festividades que usualmente se efectuam na VISTA

A FÁBRICA DA VISTA ALEGRE

ALEGRE por ocasião da festa anual (festa de igreja, procissão, torneios desportivos, arraial, iluminações e concertos) propõe-se realizar:

inauguração de um monumento ao Fundador;

inauguração de um refeitório, dando um almoço aos filhos dos operários, e distribuição de fatos, brinquedos, etc.;

oferecimento de uma bandeira à banda da Fábrica, bordada pelas senhoras sócias e espôsas dos sócios;

um almoço aos sócios e a todo o pessoal, distribuindo-se a todos um objecto de louça comemorativo do Centenário;

concessão como prémios, a dois operários que se distingam no serviço, de mobiliário para as casas que se lhe tenha cedido, no novo bairro operário;

distribuição de medalhas a alguns dos operários mais antigos;

inauguração dos retratos de todos os antigos directores;

distribuição desta memória histórica e descritiva da Fábrica, e

inauguração do novo bairro operário, de uma escola, de uma crèche, etc.

Oxalá estas manifestações comemorativas do primeiro Centenário da VISTA ALEGRE constituam o esteio onde se firme o progresso dessa Fabrica e a boa harmonia das relações entre proprietários e pessoal, a fim de que ao cabo de um novo século se possa celebrar a sua prosperidade industrial e o bem-estar dos que ali trabalhem.

São êsses os votos dos actuais proprietários.

Bibliografia acêrca da Vista Alegre e do seu Fundador

1. *Accurcio Neves*—Noções históricas, económicas, etc., 1827.
2. *Agostinho de Santa Maria (Fr.º)*—Santuário Mariano. Lisboa, 1707 a 1823, Tom. IX, Liv. 2.º, pág. 391.
3. *Archivo Historico Portuguez*, 1898—Artigo de D. José Pessanha, sobre a porcelana em Portugal (Impresso em separata no ano de 1923).
4. *Archivo Photographico*, 1.º ano, 1884, n.º 3. Pôrto—Artigo de Marques Gomes.
5. *Archivo Pittoresco*, 1857—Notícia sobre a Fábrica da Vista Alegre.
6. *Arroyo (Antonio José)*—Relatórios sobre o ensino elementar industrial e comercial.—Lisboa, Imprensa Nacional, 1911.
7. *Auguste Demmin*—Guide de l'amateur de faïences et porcelaines.
8. *Auscher (E. S.)*—Comment reconnaître les porcelaines et les faïences, 1889.
9. *A vida de um homem obscuro*, fl. 166.
10. *Barbosa Collen*—Historia de Portugal. Referências à política de José Ferreira Pinto Basto, vol. IX, fl. 305, 371 e 373. Vol. X, fl. 131, 193 e 265.—Entre duas Revoluções, 1848. Vol. I, fl. 64.
11. *Barbosa (D. Joseph)*—Memórias do Collegio Real de São Paulo da Universidade

A FÁBRICA DA VISTA ALEGRE

- de Coimbra e dos seus collegiaes e porcionistas, 1727, fl. 206 e 401. Artigos sobre o Bispo fundador da Igreja da Fábrica.
12. *Batalha (A. R.)*—Catalogo dos productos apresentados á Exposição quadriennial de 1844, nas salas da Sociedade Promotora da Industria Nacional, etc. Typ. Viuva Coelho & C.^a, Rua das Portas de Santo Antão, 148. Lisboa.
 13. *Boletim dos Architectos e Archeologos*—N.º 4, 3.^a Série. Tom. III, 1881. Nomeação de uma Comissão para classificação dos Monumentos Nacionais. N.º 5, 2.^a Série. Tom. III, 1881. Relatório da comissão acima referida.
 14. *Boletim do Trabalho Industrial* (Publicação do Ministério do Trabalho)—N.º 56, fl. 4 e seguintes (sobre edificações e trabalho). N.º 66, fl. 15 e seguintes (sobre casas para operários). N.º 67, fl. 16 e seguintes (sobre matérias primas).
 15. *Branco e Negro* (Revista)—N.ºs 145 e 146, de 1897.
 16. *Brito Aranha (P. W. de)*—Memorias Historico-Estatisticas de algumas Villas e Povoações de Portugal, etc., 1883, 2.^a edição.
 17. *Brogniart*—Traité des Arts Ceramiques, 2 volumes.
 18. *Castello Branco (Camillo)*—A Maria da Fonte, 1901, Porto.
 19. *Castilho (Julio de)*—Visconde de Castilho—Lisboa Antiga, 1884, vol. II, fl. 137 e 851.
 20. *Chaffers (William)*—Porcelain and pottery, pág. 452.
 21. *Collecção de documentos, estatutos e memorias da Academia Real de Historia Portugueza*, etc.—vol. I, n.º 11.
 22. *Decreto de 1 de julho de 1824*—Aprovação dos Estatutos da Fábrica.
 23. *Decreto de 3 de março de 1826*—Concessão de privilégios à Fabrica.
 24. *Decreto de 30 de dezembro de 1901*—Bases para a classificação dos Monumentos Nacionais.
 25. *Decreto de 16 de junho de 1910*—Declaração de Monumento Nacional. A Capella da Vista Alegre e o Tumulo do Bispo.
 26. *Emilé Bayard*—L'art de reconnaitre la Ceramique.
 27. *Encyclopedia Britanica*—Combridge, 1911. Vide Ceramic.
 28. *Esteves Pereira e Guilherme Rodrigues*—Portugal (Diccionario), vol. VII, fl. 650, ed. de 1907.
 29. *Figueirôa (Francisco Carneiro de)*—Livro manuscripto e inedito da S.^{ta} da Universidade de Coimbra. Referências ao Bispo.
 30. *Graisse*—Guide de l'amateur de Porcelaines et Faïences.

O LIVRO DO SEU CENTENÁRIO

31. *Hachette (Almanack)*—Marcas de porcelana.
32. *Illustração Portuguesa*. N.º 127, de 27 de Julho de 1900. Artigo de Manuel Ferreira da Costa.
33. *Informações para a estatística industrial*—Publicação da Repartição de Pesos e Medidas do Districto de Aveiro. Fls. 442 e 443.
34. *Joinville (Prince de)*—Vieux souvenirs, 1854.
35. *Marques Gomes (J. A.)*—A Vista Alegre. Porto, 1883.
36. *Marques Gomes e Joaquim de Vasconcellos*—Exposição districtal de Aveiro, 1882.
37. *Memorias da Academia Real das Sciencias de Lisboa*—Tom. 1.º, fl. 80, 1700-1788. Comunicação de Vandelli, sobre materias primas para a porcelana.
38. *Memorias economicas da Academia Real das Sciencias de Lisboa*, fls. 179, 182, 229, do ano de 1790.
39. *Memorias do Conservatorio Real de Lisboa*, 1.ª série, 2.º tomo, fl. 17 e seguintes. 1884. Elogio Historico de José Ferreira Pinto por José Estevão Coelho de Magalhães.
40. *Noronha (Eduardo)*—O Conde de Farrobo e a sua epoca, fl. 221.
41. *Occidente (Revista)*, vol. XI, N.ºs 325, 326 de 1 e 11 de janeiro de 1888. Artigo e gravuras de Caetano Alberto da Silva.
42. *Oliveira Martins*—Historia de Portugal.
43. *Oliveira Pimentel (Julio Maximo de) Visconde de Villa Maior*—Artes Chemicas. Exposição de Paris, 1855, II vol.
44. *Panorama*—Semanario de litteratura e instrucção, 5 series de 1837 a 1864. Notícia sobre a Fabrica da Vista Alegre.
45. *Pessanha (D. José)*—A porcelana em Portugal, 1898. (Publicado no «Archivo Historico»).
46. ——— *Subsidios para a historia da Arte em Portugal*, 1923—A porcelana em Portugal.
47. *Pimenta (Manuel Joaquim)*—Declaração. Vide «Revolução de Setembro», n.º 514, de 4.ª feira 17 de Dezembro de 1842, fl. 4.
48. *Pinho Leal*—Portugal Antigo e Moderno. Vol. XII, pág. 1904, anno 1892.
49. *Portaria do Ministerio do Reino de 14 de Dezembro de 1881*—Mandando aos Governadores Civis informem quaes os edificios que devem ser considerados Monumentos Nacionais.

A FÁBRICA DA VISTA ALEGRE

50. *Portugal à l'Exposition de Paris (Le)*—5-8-1900. Paris. Edição de Larousse.
51. *Portugal-Illustrated by the Rev. W. M. Kinsey*—London, pag. 212, anno 1829.
52. *Queiroz (José)*—Ceramica Portuguesa. Lisboa, 1907.
53. *Revolução de Setembro (A)*—Diário politico e noticioso. Vide n.º 515, 4.ª fl. de 17-8-1842 e n.º 4085 de 25-11-52 a fl. 2, sobre premios aos expositores portugueses na Exposição de Paris.
54. *Ris (Bagnol)*—Dictionnaires des marques et monogrames.
55. *Rocha (Dr. Vieira da)*—Le Portugal au travail, fl. 139. Paris. 1921.
56. *Santos Ferreira*—Armorial portuguez, Porto, 1920. Brasão da familia Ferreira Pinto.
57. *Silveira Pinto e Visconde de Sanches de Baena*—Resenha das familias titulares e grandes de Portugal, 1890.
58. *Simões (Augusto Philippe)*—Escriptos diversos, pág. 35 a 37. Coimbra. Imprensa da Universidade, 1888.
59. *Teixeira de Vasconcellos*—Prato d'arroz doce.
60. *Urcullu (D. José)*—Tratado elemental de geographia, 3.º vol., 1837. Noticia sobre a Fabrica no 2.º vol.

bibRIA



ÍNDICE

	Pág.
Uma explicação.....	9
Importância dos produtos cerâmicos e em especial da porcelana.....	13
Origens da porcelana em Portugal.....	19
A FÁBRICA DA VISTA ALEGRE: O SEU PASSADO E O SEU PRESENTE	
Situação e aspecto geral da povoação.....	27
História do local.....	33
O Fundador.....	45
A fundação da Fábrica.....	67
História da Sociedade.....	75
Lista cronológica dos Administradores e Directores da Vista Alegre...	83
História do fabrico do vidro.....	85
História do fabrico da porcelana.....	93
História da pintura da louça.....	113
As marcas da Fábrica.....	133
Museu da Fábrica.....	145
Recompensas.....	147
Habitações e instituições operárias.....	149
Descrição geral da Fábrica e resenha dos melhoramentos realizados e a realizar.....	159
Celebração do Centenário da Fábrica.....	167
Bibliografia acêrca da Vista Alegre e do seu fundador.....	169

ÊSTE LIVRO FOI ORGANIZADO E ESCRITO POR JOÃO

THEODORO FERREIRA PINTO BASTO, ADMINISTRADOR-

-DELEGADO DA FÁBRICA DA VISTA ALEGRE.

A EDIÇÃO FOI OBSEQUIOSAMENTE DIRIGIDA

PELO EX.^{MO} SR. DR. AFFONSO LOPES VIEIRA.

COMPOSTO E IMPRESSO NAS OFICINAS GRÁ-

FICAS DA BIBLIOTECA NACIONAL.

DIRECTOR DA TIPOGRAFIA: JÚLIO

PINTO DE OLIVEIRA. IM-

PRESSORES: JOSÉ ANTÓ-

NIO PAIS E DELFIM

TÁVORA. EM 31

DE JULHO DE

1924.

ERRATA

Pag. 51, nota — *onde se lê* — 1922, pag.... — *leia-se* — pag. 1922.

Pag. 103, linha 24 — *onde se lê* — onde se foi juntar à comitiva da rainha, — *leia-se* — onde o mesmo se foi juntar à comitiva da rainha,

Pag. 128, linha 6 — *onde se lê* — Êste filho já pintava na Fábrica, mas sob a direcção do pai. Assinava Fortier *ainé*, etc. — *leia-se* — Êste filho já pintava sob a direcção do pae, (que assinava Fortier Ainé) etc.

Pags. 144 e 172, linhas 2 e 7 — *onde se lê* — Ris-Bagnet — *leia-se* — Riz-Paquot

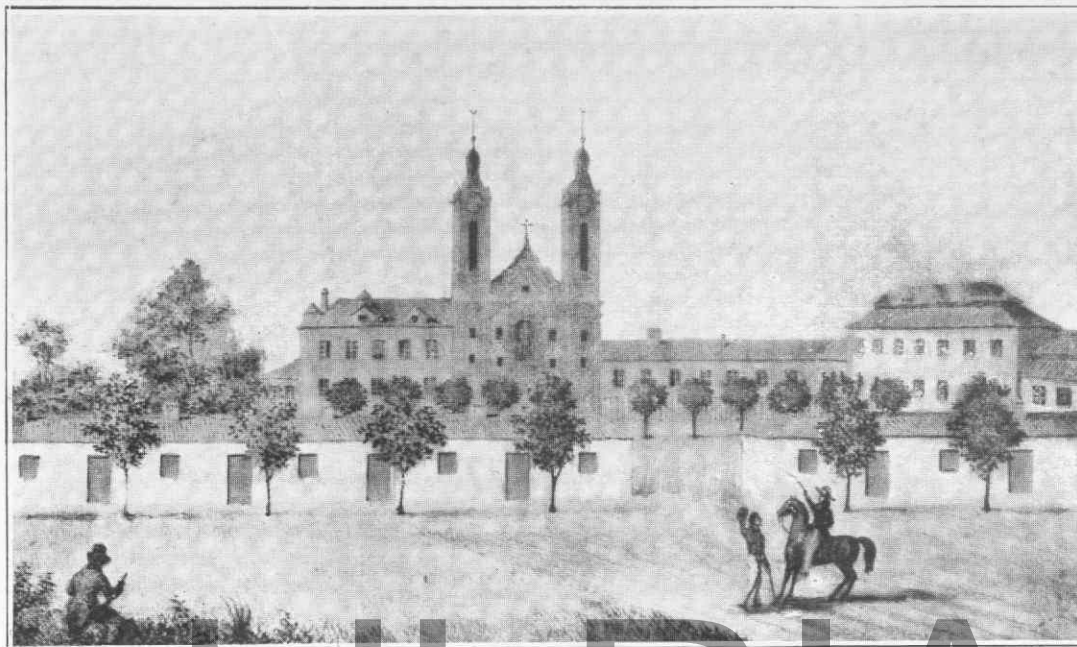
Estampa XXVI — A jarra numerada com o n.º 44, corresponde ao n.º 449.

bib**OT**RIA



A FÁBRICA DA VISTA ALEGRE

em 1835



VISTA DA PARTE DE TERRA



VISTA DA PARTE DO RIO

Reprodução de gravuras da época.

A FÁBRICA DA VISTA ALEGRE



INTERIOR DA CAPELA

A FÁBRICA DA VISTA ALEGRE



TUMULO DO BISPO D. MANUEL DE MOURA MANUEL
NA CAPELA DA VISTA ALEGRE

A FÁBRICA DA VISTA ALEGRE



O FUNDADOR

JOSE FERREIRA PINTO BASTO

1774-1839

A FÁBRICA DA VISTA ALEGRE



BUSTO DE JOSÉ FERREIRA PINTO BASTO
EXISTENTE NA CASA PIA DE LISBOA
DA QUAL FOI PROVIDOR

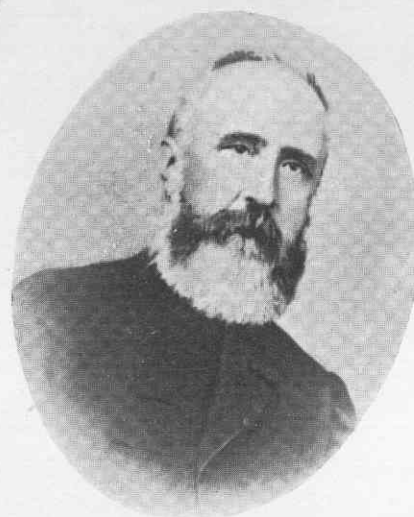
A FÁBRICA DA VISTA ALEGRE



AUGUSTO F. PINTO BASTO
Ad. Gte. 1824 - 38



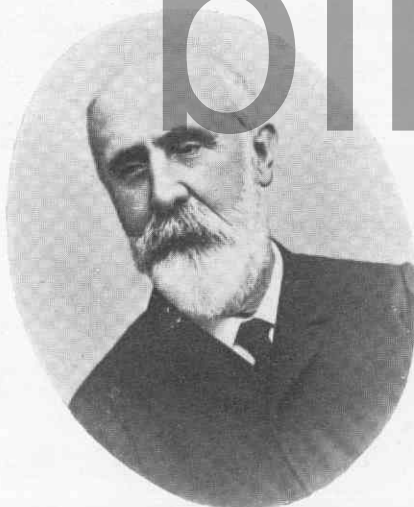
DUARTE F. PINTO BASTO
Ad. Gte. 1856 - 61



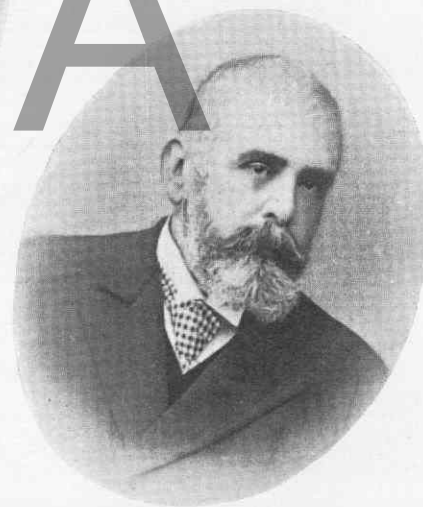
HILBERTO F. PINTO BASTO
Ad. Gte. 1838 - 56



DOMINGOS F. PINTO BASTO
Ad. Gte. 1861 - 62



THEODORO F. PINTO BASTO
Ad. 1882 - 920



DUARTE F. PINTO BASTO JR.
Ad. Gte. 1882 - 909



GUSTAVO F. PINTO BASTO
Ad. Gte. 1909 - 1920

ANTIGOS ADMINISTRADORES

CRISTAIS DA
VISTA ALEGRE

biblioteca



Fig. 1



Fig. 2

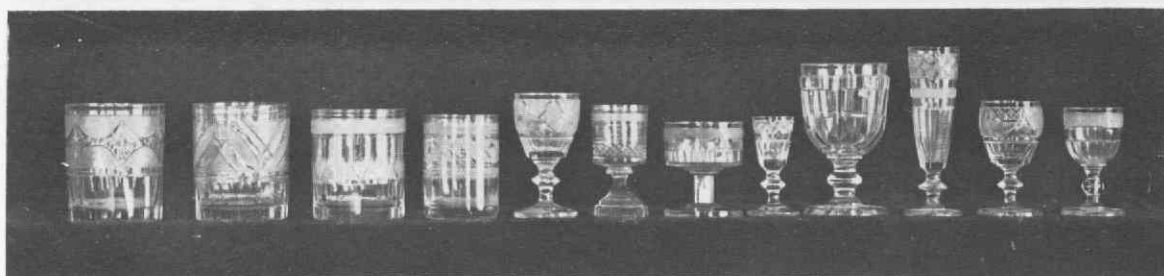


Fig. 3

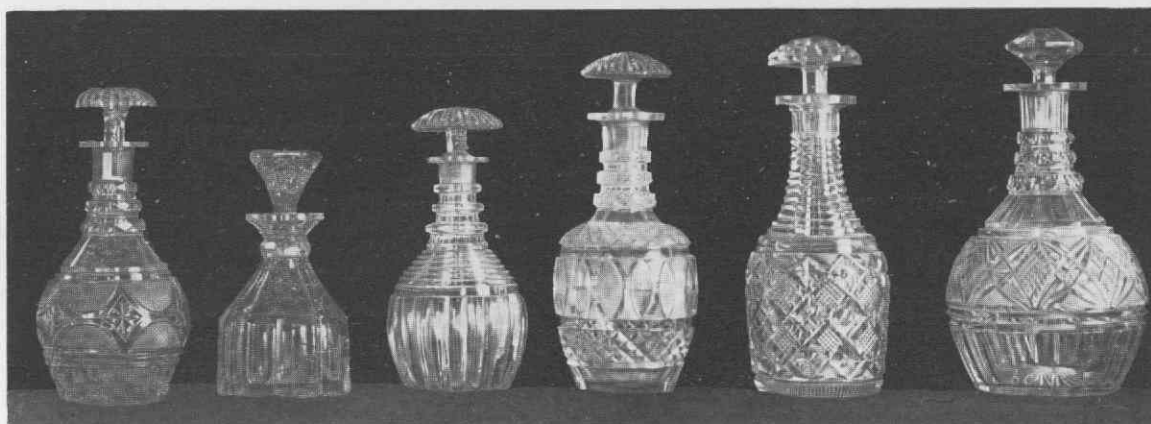


Fig. 1



Fig. 2



Fig. 3



Fig. 1



Fig. 2



Fig. 3



Fig. 1



Fig. 2



Fig. 3



Fig. 1



Fig. 2



Fig. 3



Fig. 1

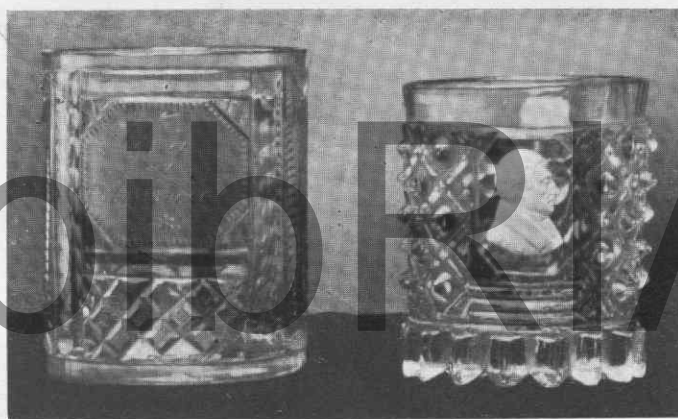


Fig. 2



Fig. 3

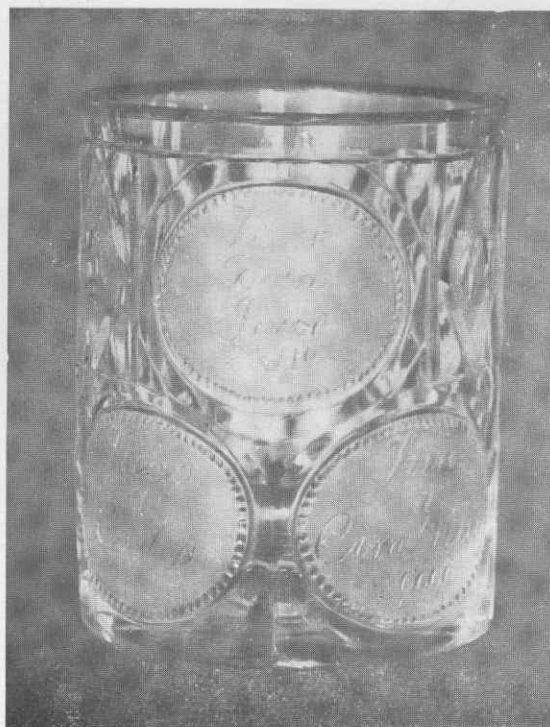


Fig. 1

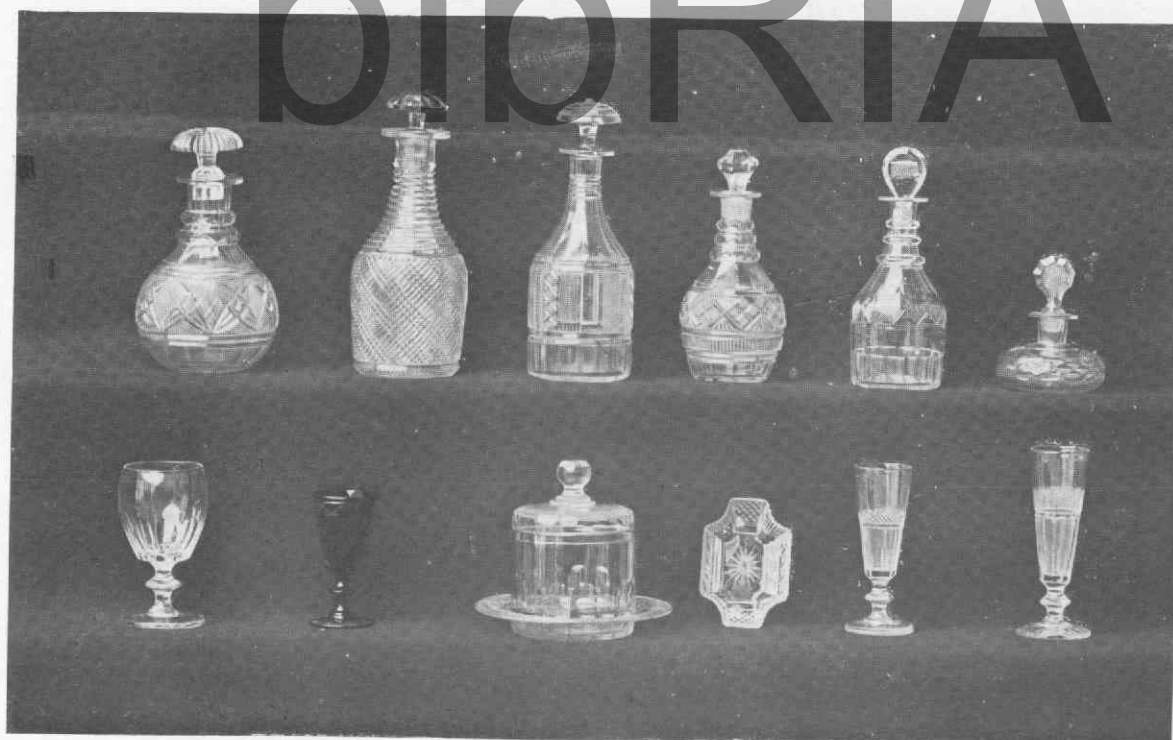


Fig. 2



Fig. 1

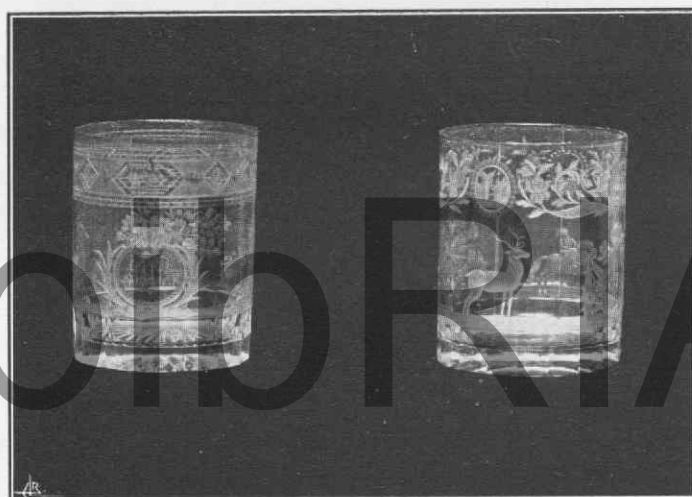


Fig. 2



Fig. 3



Fig. 1



Fig. 2



Fig. 3

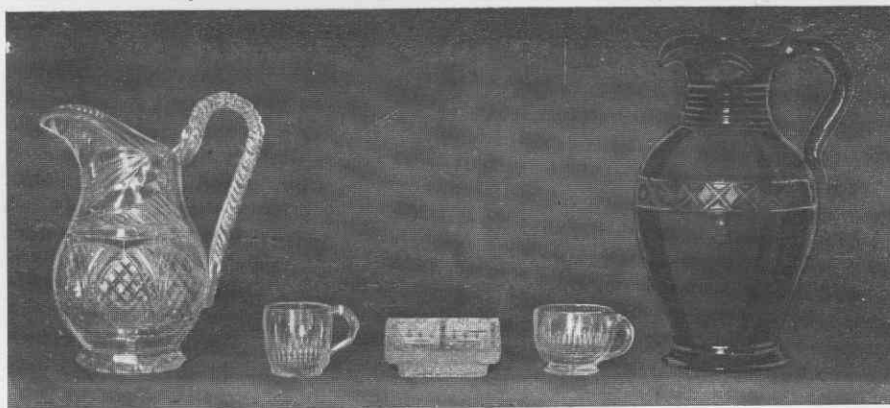


Fig. 1



Fig. 2



Fig. 3



Fig. 1



Fig. 2



Fig. 3



Fig. 4



Fig. 2



Fig. 1

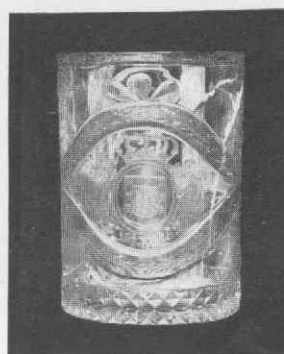


Fig. 3

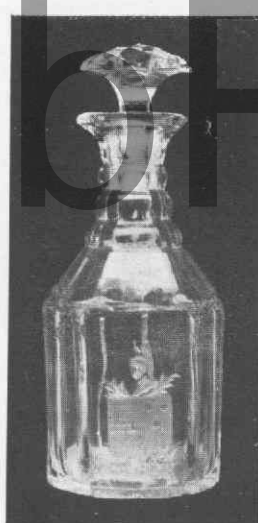


Fig. 5



Fig. 4



Fig. 6

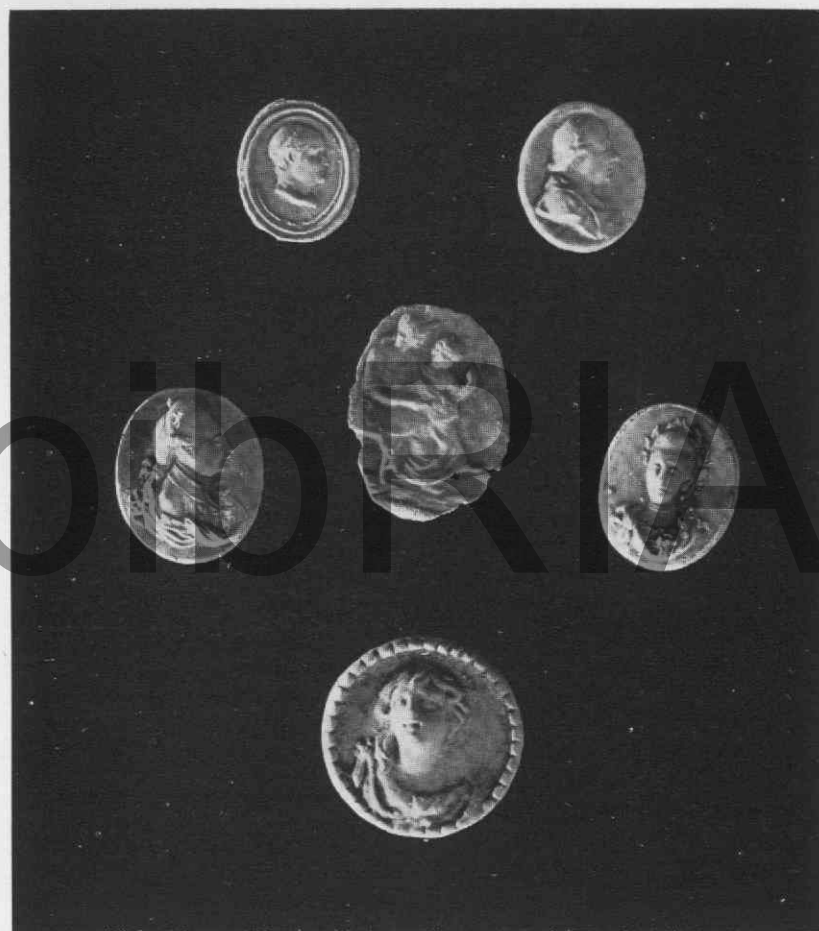
FAIANÇAS E PORCELANAS

DA VISTA ALEGRE

biblioteca

A numeração das
gravuras que seguem
corresponde a nume-
ração do catálogo da
Exposição.

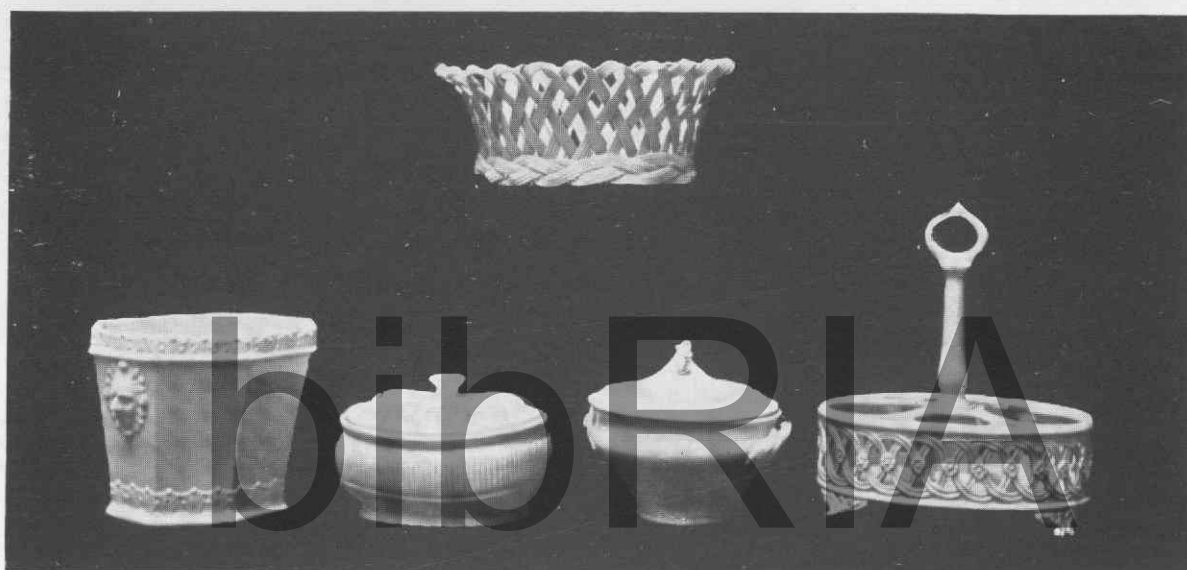
bibRIA



CAMAFEUS



N.º 6



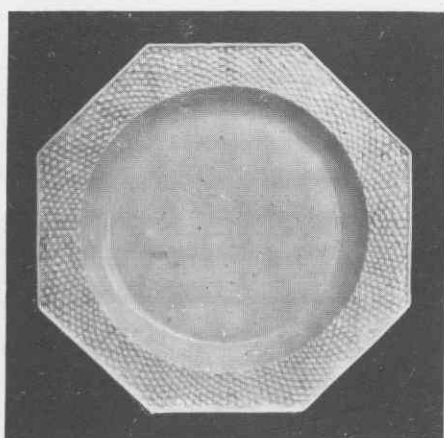
N.º 15

N.º 11

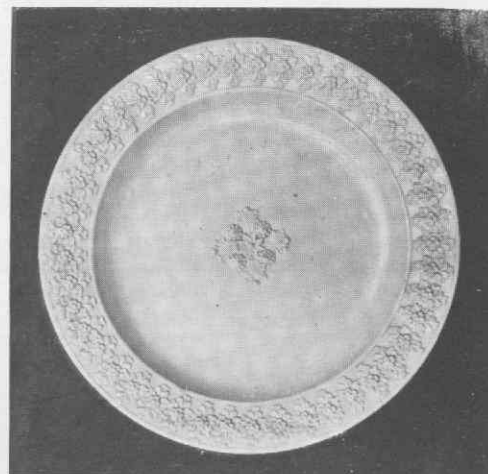
N.º 3

N.º 39

N.º 4

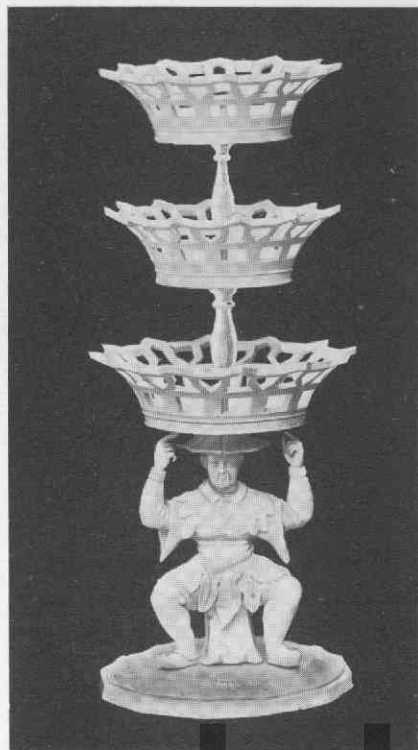


N.º 31

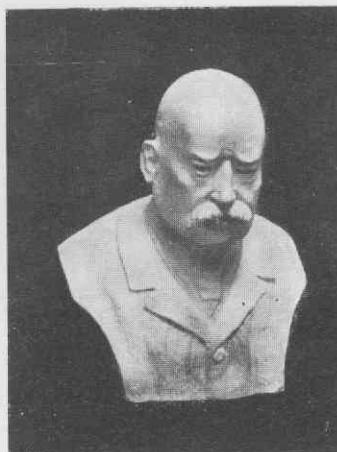


N.º 32

FAIANÇAS ANTERIORES À PORCELANA



N.º 317



N.º 389



N.º 388



N.º 266



N.º 155



N.º 108



N.º 297

PORCELANAS DE 1832 a 1870

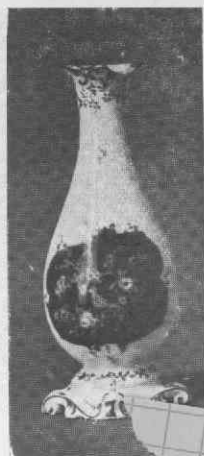


ARMARIO XV—PORCELANAS FABRICO ACTUAL

PORCELANAS DA
VISTA ALEGRE
bibRIA

A numeração das
gravuras que seguem
corresponde à nume-
ração do catálogo da
Exposição.

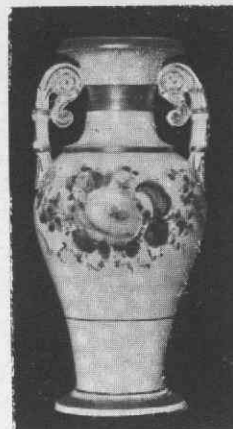
bibRIA



N.º 356



N.º 49



N.º 357

bibliA



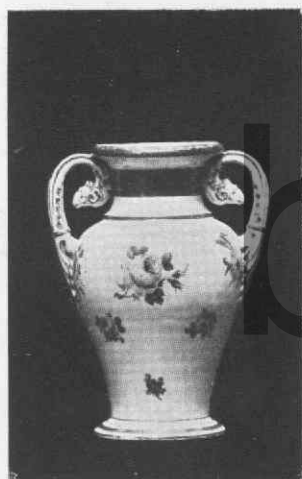
N.º 37



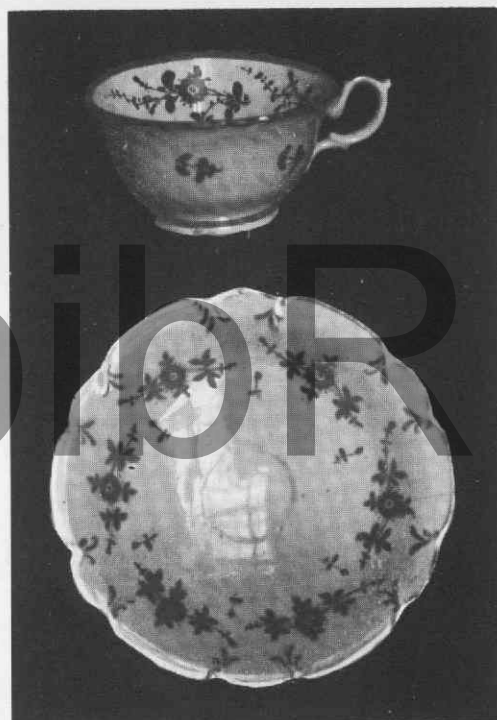
N.º 38



N.º 222



N.º 181



N.º 70



N.º 271



N.º 330



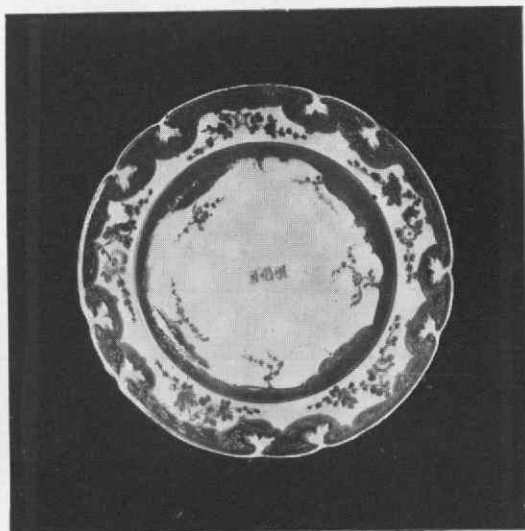
N.º 134

N.º 144

N.º 126



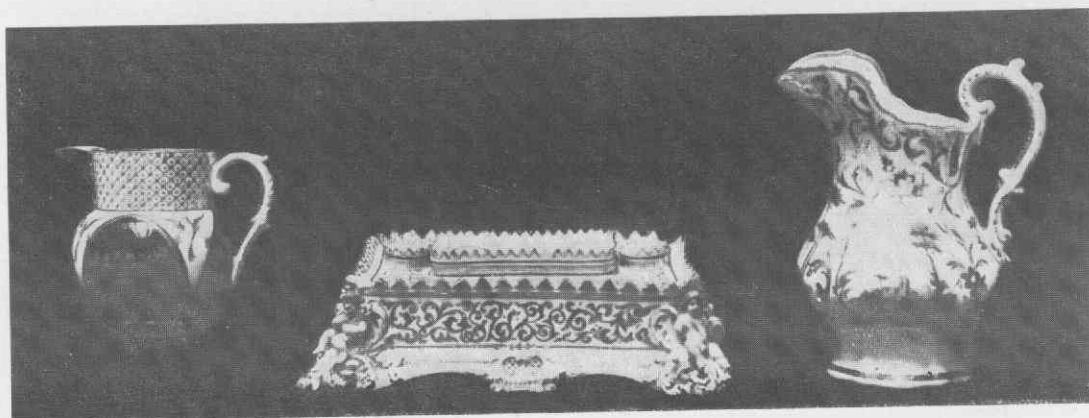
N.º 88



N.º 192



N.º 107



N.º 76

N.º 281

N.º 71



N.º 341

N.º 122



N.º 78

N.º 63

N.º 62

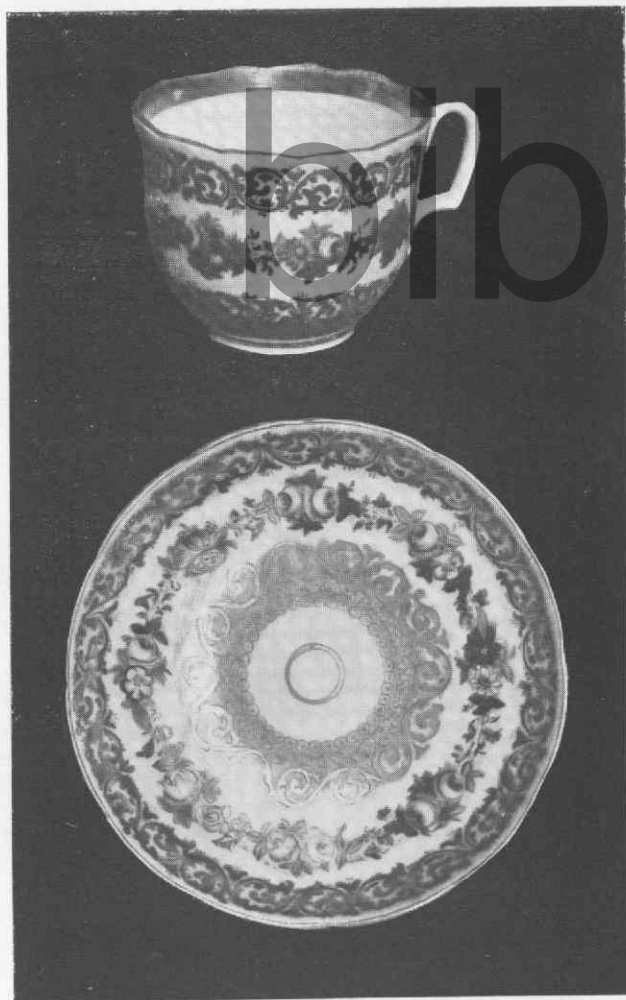
N.º 61



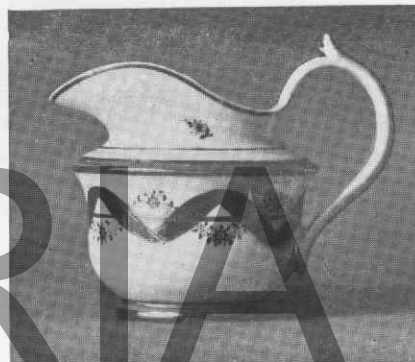
N.º 73



N.º 255



N.º 121



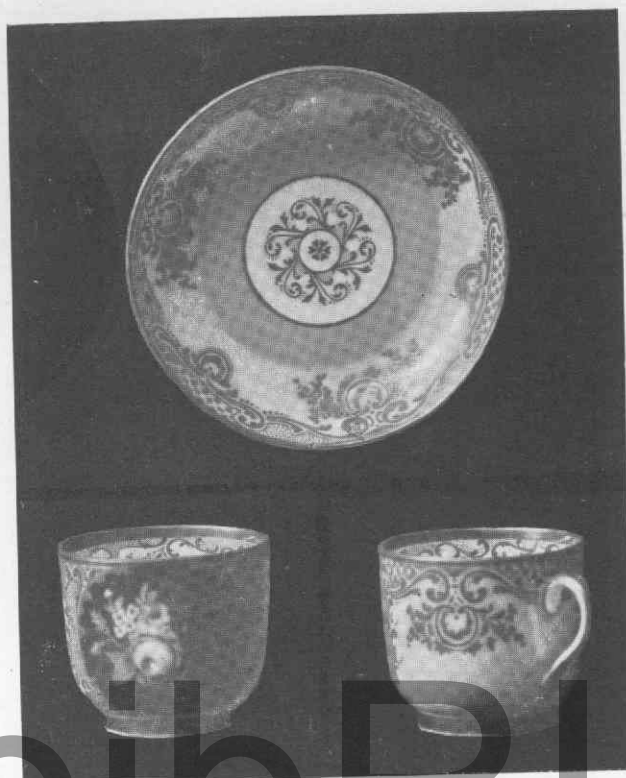
N.º 74



N.º 165



N.º 273



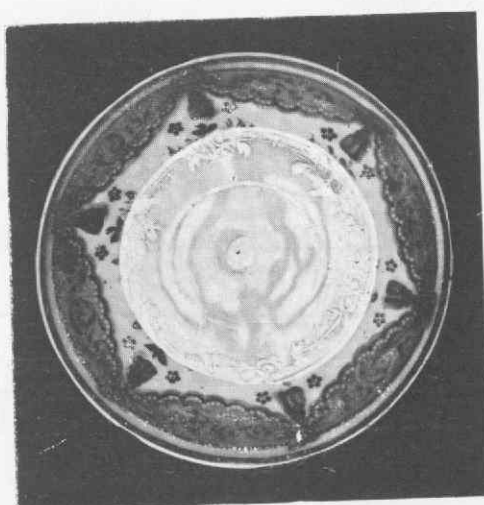
N.º 261



N.º 273



N.º 541



N.º 100



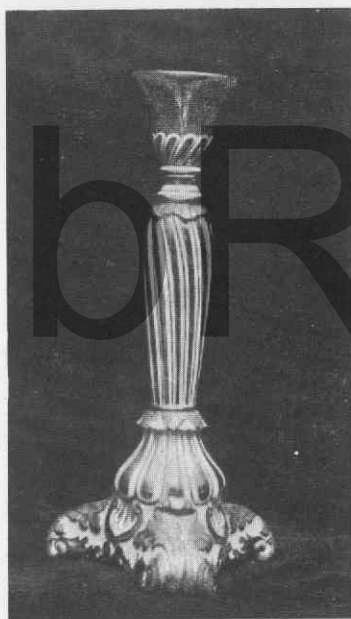
N.º 541



N.º 119



N.º 154



N.º 99



N.º 150



N.º 264



N.º 177



N.º 120

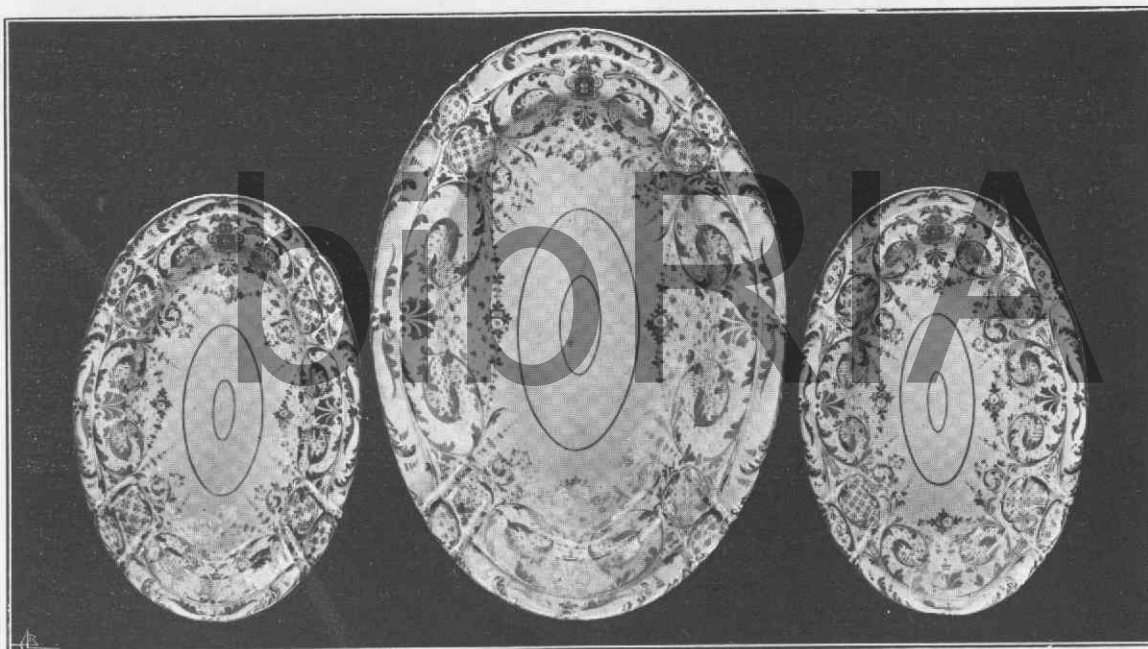


N.º 186

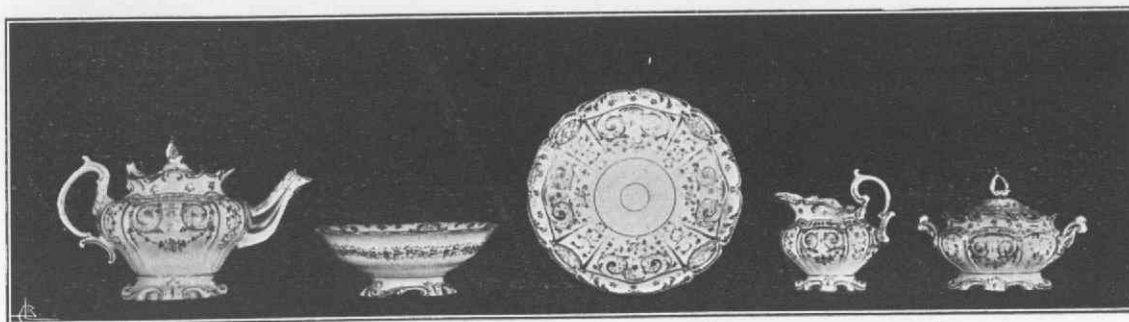
bibRIA



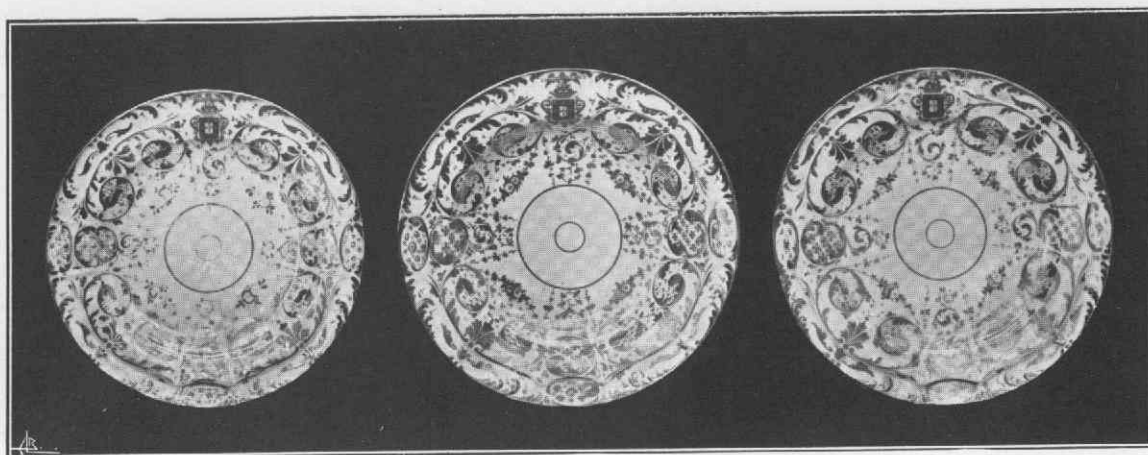
N.º 91



N.º 334



N.º 92



N.º 334



N.º 334 A e 334 B



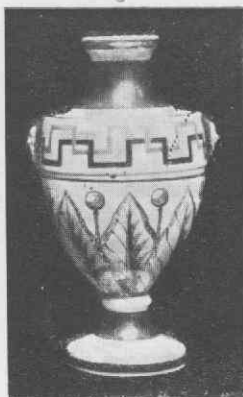
N.º 44

N.º 197

N.º 44



N.º 206



N.º 236



N.º 316



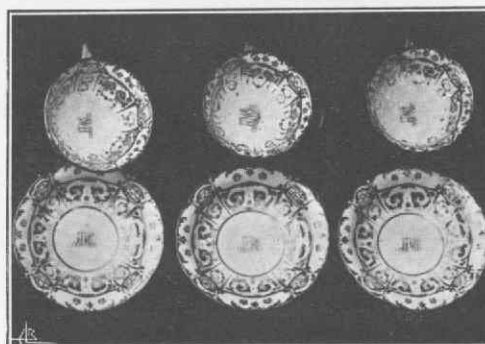
N.º 50



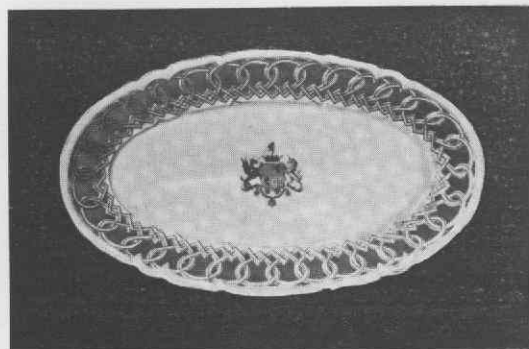
N.º 54



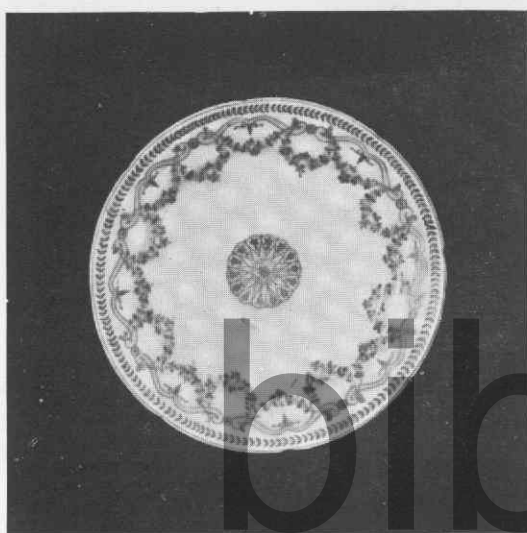
N.º 302



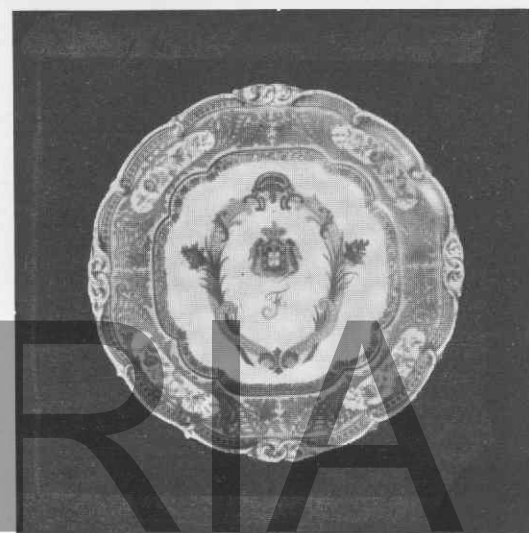
N.º 136



N.º 156



N.º 112



N.º 158



N.º 172



N.º 170



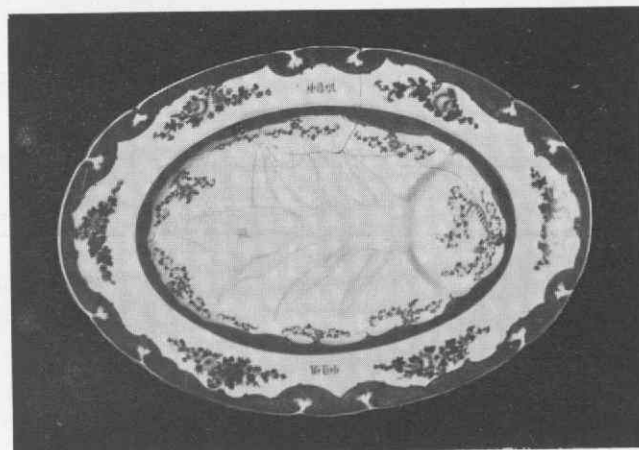
N.º 171



N.º 231



N.º 221



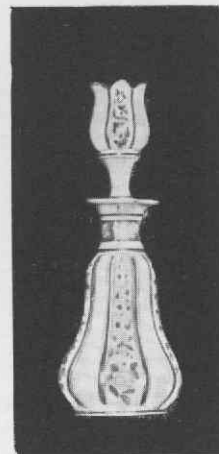
N.º 225



N.º 429



N.º 206



N.º 191



N.º 220 G



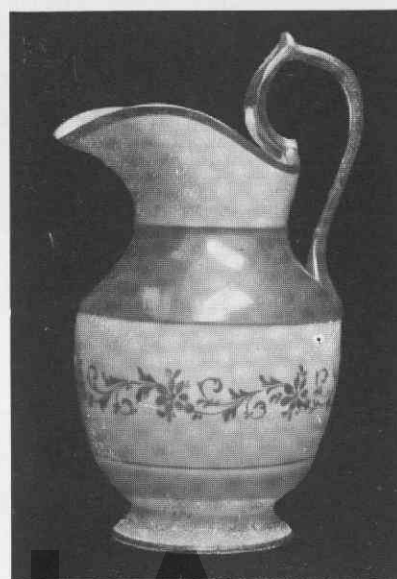
N.º 189



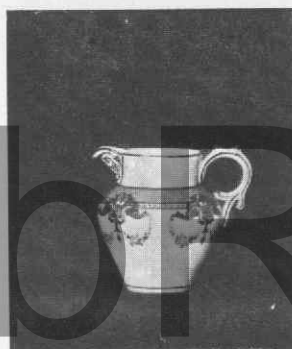
N.º 470



N.º 235



N.º 116



N.º 464



N.ºs 259 e 345



N.º 159



N.º 452

N.º 243

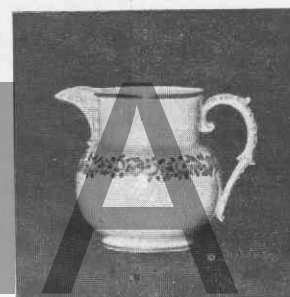
N.º 467



N.º 179



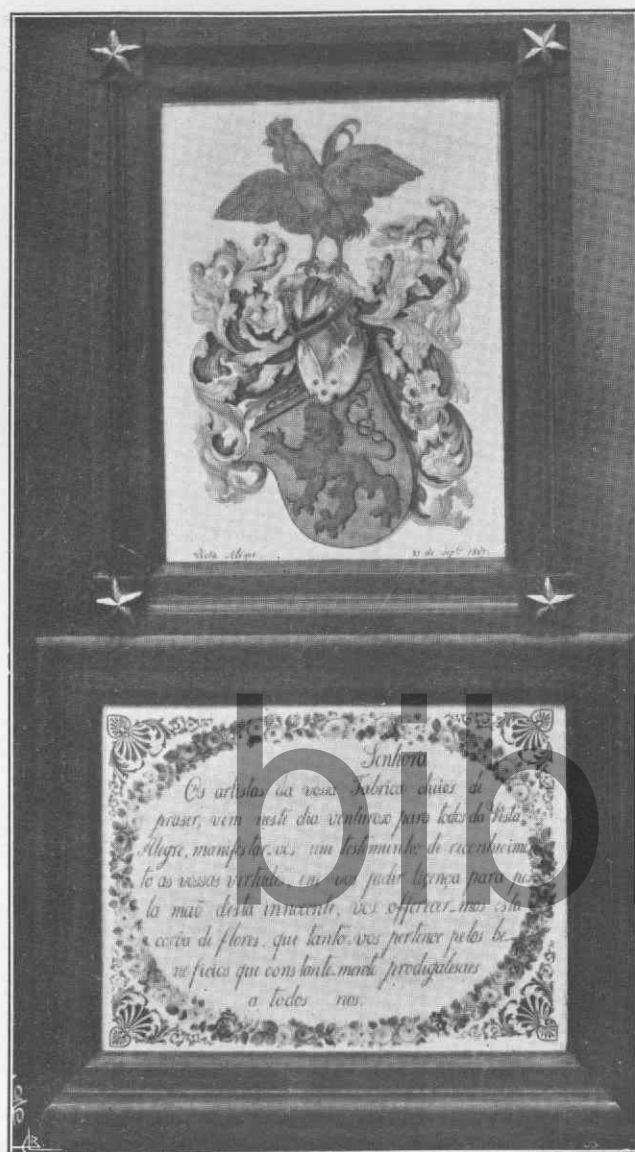
N.º 234



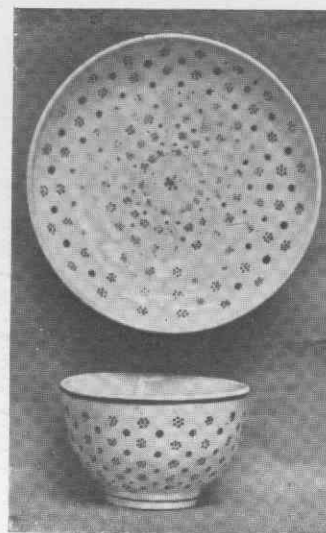
N.º 103



N.º 188 A



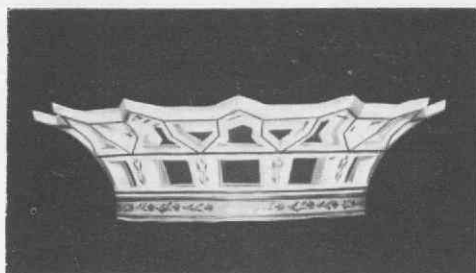
N.º 242



N.º 332 C



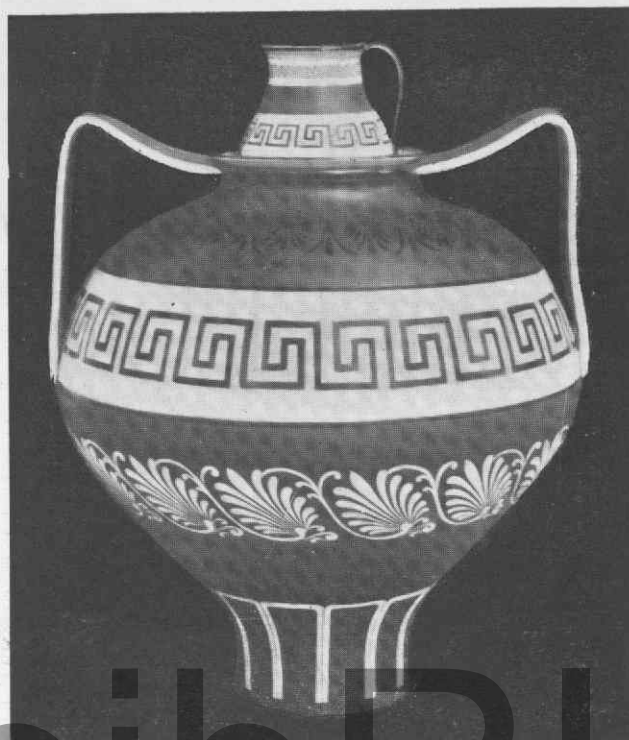
N.º 339



N.º 230

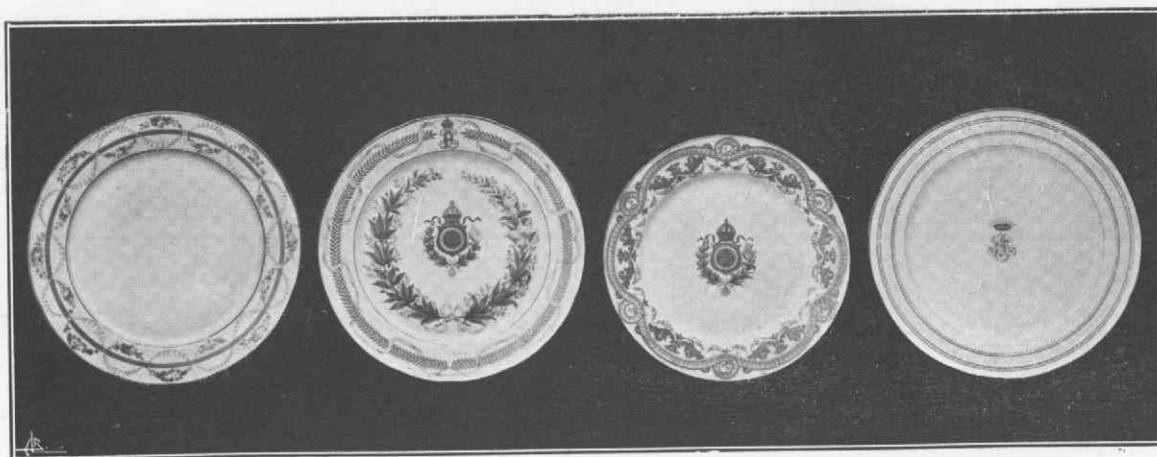


N.º 359



N.º 506

biblioteca

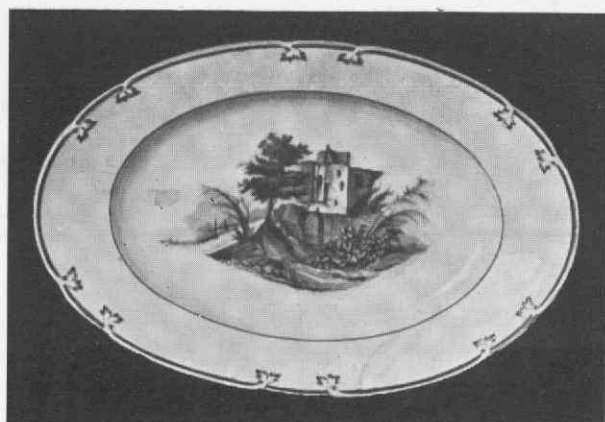
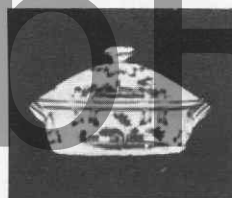


N.º 244

N.º 362

N.º 363

N.º 353





N.º 163



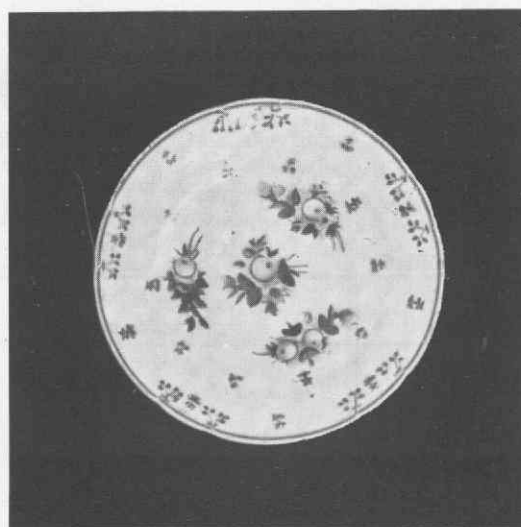
N.º 227



N.º 143



N.º 112



N.º 112



N.º 459



N.º 502



N.º 459



N.º 188 B



N.º 168

N.º 419

N.º 169



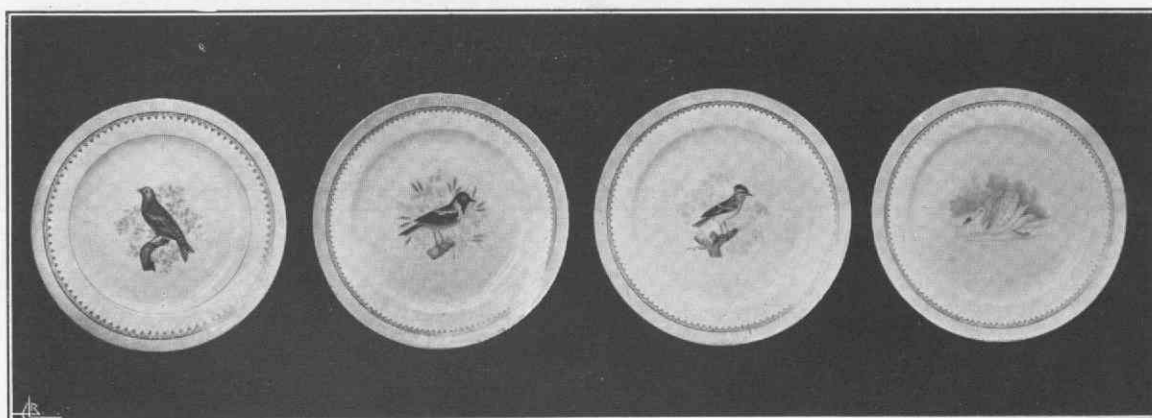
N.º 348



N.º 285



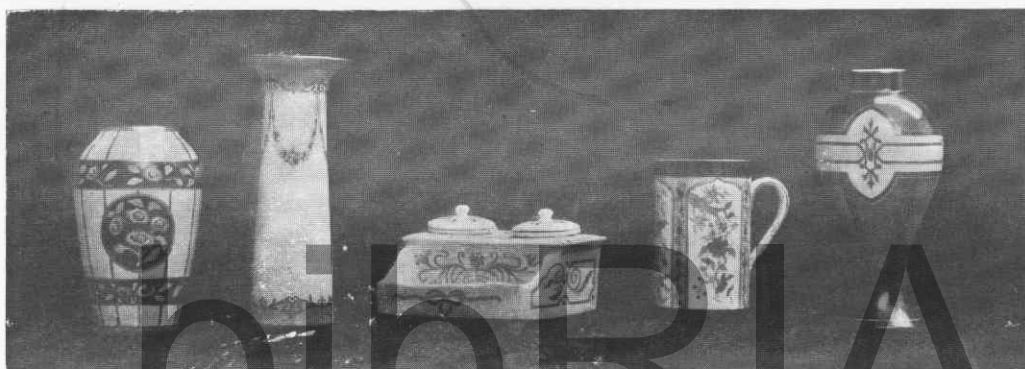
N.º 246



N.º 113



ARMARIO XV—PORCELANAS FABRÍCO ACTUAL



ARMÁRIO XV—PORCELANAS FABRICO ACTUAL

SENDO 2 PEÇAS COM APLICAÇÕES DA JOALHERIA LEITÃO & IRMÃO

A FÁBRICA DA VISTA ALEGRE



HABITAÇÃO DOS ADMINISTRADORES

bibRIA



JARDIM DA ADMINISTRAÇÃO

A FÁBRICA DA VISTA ALEGRE



bibRIA



DOIS ASPECTOS DA CASA DO DIRECTOR-GERENTE

A FÁBRICA DA VISTA ALEGRE

SPORT VISTA ALEGRE CLUB

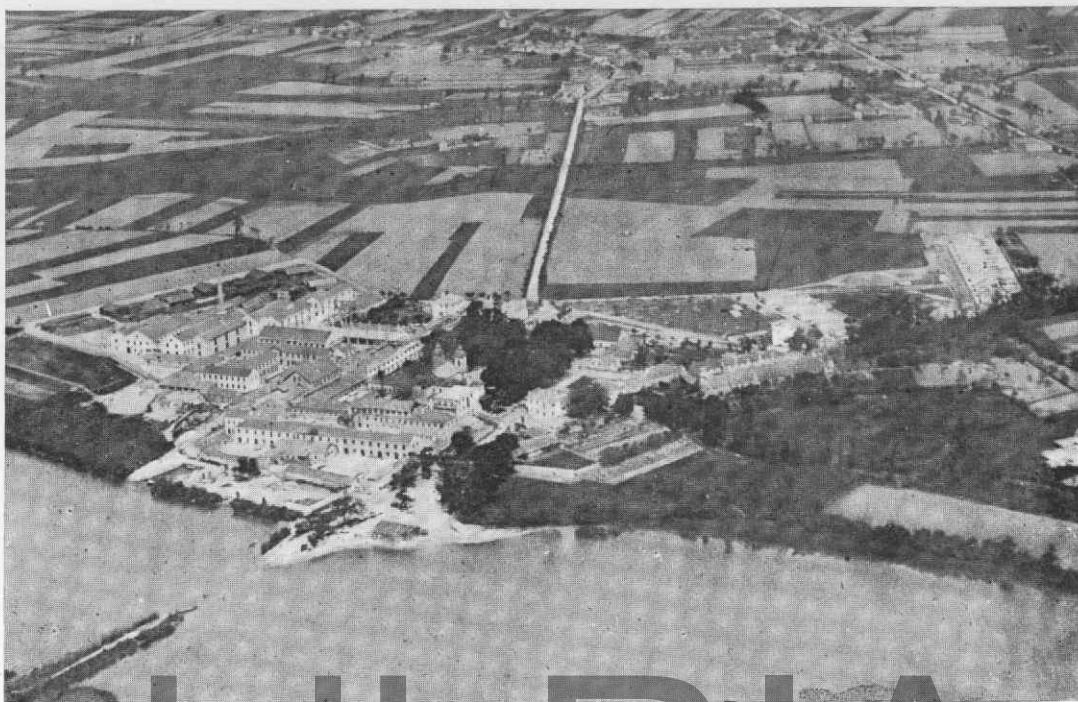


GRUPO DE SPORTS ATLÉTICOS
CONCORRENTE À TAÇA JOSÉ F. PINTO BASTO



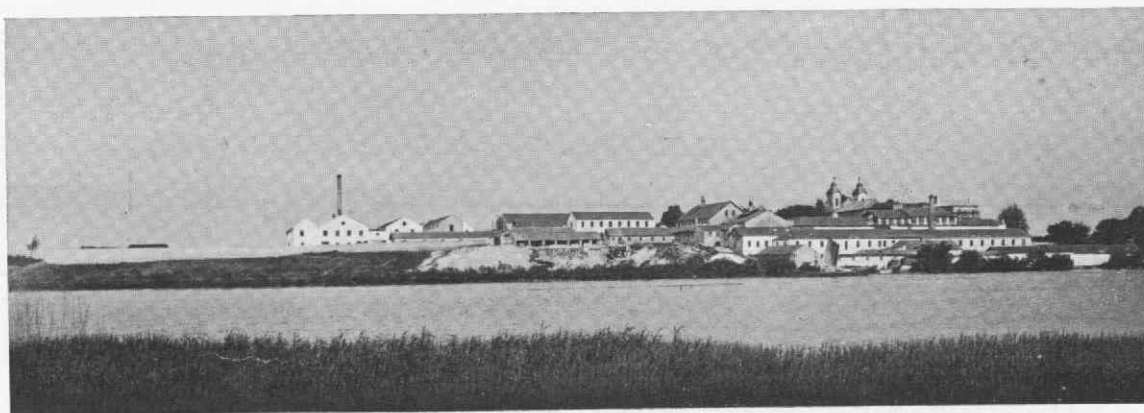
UM DOS GRUPOS DE FOOT-BALL

A FÁBRICA DA VISTA ALEGRE



A FÁBRICA VISTA DE AEROPLANO

CLICHÉ DO DR. EGAS PINTO BASTO



A FÁBRICA VISTA DA GAFANHA

A FÁBRICA DA VISTA ALEGRE



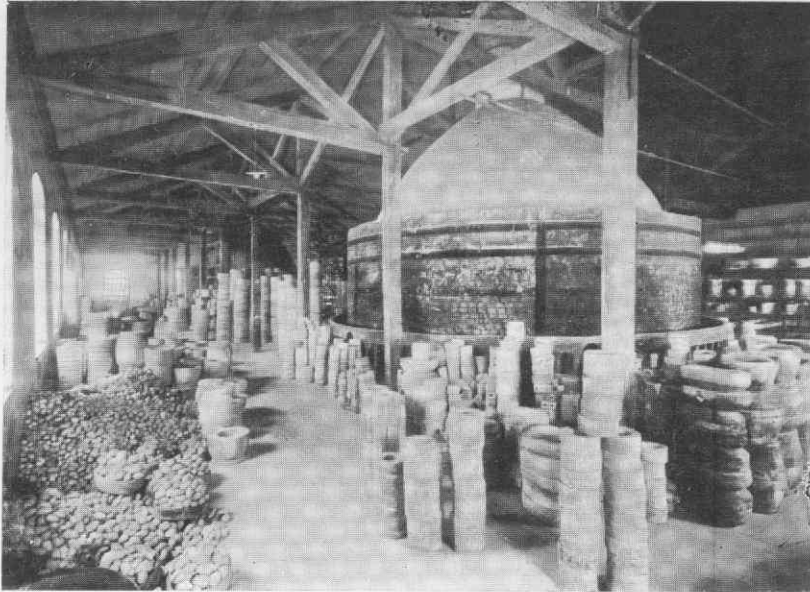
UMA DAS OFICINAS DE PORCELANA

bibRIA



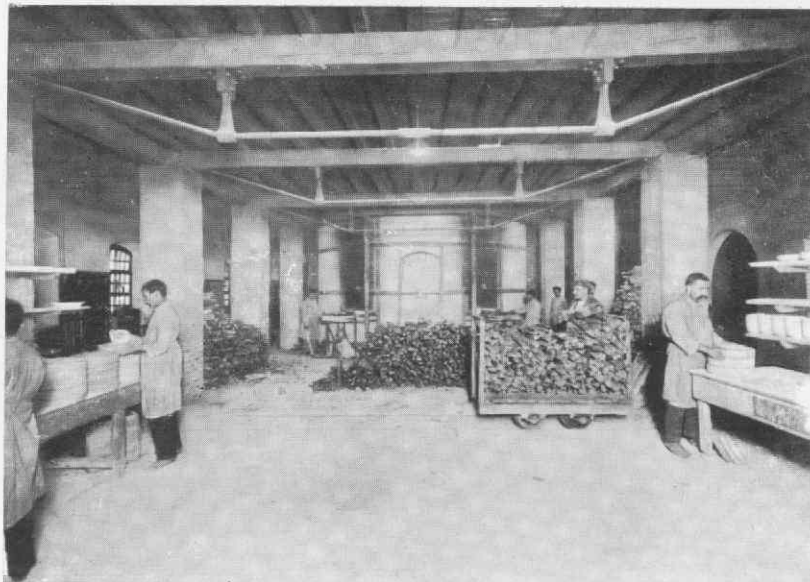
UMA OFICINA DE VIDRAGEM

A FÁBRICA DA VISTA ALEGRE



FORNO — 2.º PAVIMENTO — CHACOTES

bibRIA



FORNO EM LABORAÇÃO

A FÁBRICA DA VISTA ALEGRE



UMA DAS NOVAS RUAS INTERIORES DA FÁBRICA
E EDIFÍCIOS RECENTEMENTE CONSTRUÍDOS

bibRIA



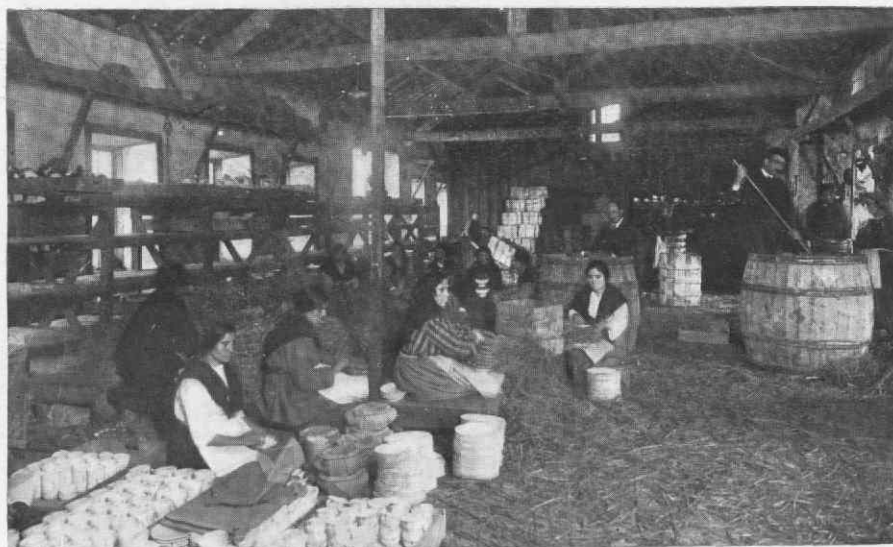
LABORATORIOS DE ENSAIOS

A FÁBRICA DA VISTA ALEGRE



ARMAZEM DE EXPEDIÇÕES

bibRIA



OFICINA DE EMPACOTAMENTO

QUE TAMBÉM VAI TER NOVA INSTALAÇÃO

A FÁBRICA DA VISTA ALEGRE



UM ASPECTO DA EXPOSIÇÃO DO CENTENÁRIO
NO MUSEU DE ARTE ANTIGA

A FÁBRICA DA VISTA ALEGRE



OUTRO ASPECTO DA EXPOSIÇÃO DO CENTENÁRIO
NO MUSEU DE ARTE ANTIGA